

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Departamento de Sociologia - DS

JOÃO PEDRO FERREIRA PERIN

**“A GENTE SE VIRA NAS ENTREGAS”:
experiências de trabalho dos cicloentregadores à luz do discurso empreendedor**

SÃO CARLOS – SP

2024

JOÃO PEDRO FERREIRA PERIN

**“A gente se vira nas entregas”:
experiências de trabalho dos cicloentregadores à luz do discurso empreendedor**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profª Dra. Aline Suelen Pires

SÃO CARLOS – SP

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato João Pedro Ferreira Perin, realizada em 14/06/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Aline Suelen Pires (UFSCar)

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima (UFSCar)

Profa. Dra. Cibele Saliba Rizek (USP)

Prof. Dr. Christian André Marie Azais (CNAM)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

DEDICATÓRIA

Para minha mãe e todos aqueles que da
viração nasceram e da viração continuam a
viver e morrer.

AGRADECIMENTOS

A jornada percorrida durante o mestrado, que agora chega ao seu desfecho, deixou marcas e cicatrizes profundas, tanto em meu corpo quanto no meu espírito. Por vezes, a pesquisa se revelou uma atividade solitária, imersa entre livros, fichamentos, cadernos, infinitudes de textos registrados nas páginas do Word, no computador e nas caminhadas peripatéticas, reflexivas, próximo à minha residência, na busca por resolver as inúmeras contradições apresentadas pelo objeto de estudo.

Contudo, a pesquisa também é um trabalho coletivo, seja por meio de diálogos simples e complexos com aqueles que cruzavam o meu caminho, interagindo direta ou indiretamente, seja com aqueles autores que já se foram, mas que permanecem como referências inspiradoras. Agora, reconheço o meu profundo amor pela sociologia, uma área frequentemente subestimada, atacada e desconsiderada, mas que merece ser reivindicada e valorizada.

De início, gostaria de expressar minha profunda gratidão aos sujeitos de minha pesquisa. Agradeço sinceramente a todos os cicloentregadores que encontrei nas ruas e vielas do Centro de São Paulo, assim como aqueles que conheci na Avenida Paulista, no Largo da Batata, na Rebouças e em Moema. Em particular, quero expressar minha gratidão a Tiradentes, Neblina e Daniel por me receberem no *Ponto* e por me apresentarem a um mundo ao qual eu nunca imaginei conhecer. Eles não apenas compartilharam suas histórias e reflexões mais profundas sobre suas trajetórias e desafios no trabalho e na vida, mas também demonstraram uma pulsão de vida e uma perspectiva crítica que enriqueceram imensamente minha pesquisa. Vocês são coautores deste estudo, pois me ensinaram não apenas sobre suas realidades, mas também sobre a filosofia popular que permeia suas vidas. Agradeço a generosidade e abertura que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Vocês me forjaram o mestre em sociologia que sou hoje.

À minha orientadora, Profa. Dra. Aline Suelen Pires, que me acolheu desde a graduação, mesmo diante de minha rebeldia ocasional, trazendo em todos os encontros provocativas reflexões às perspectivas que o grupo de pesquisa desenvolve. Agradeço pela dedicação profissional, pelas leituras e correções sempre atentas em meu texto. Reconheço a cumplicidade e paciência demonstradas, assim como o constante apoio e encorajamento em minhas decisões de pesquisa e na promoção de minha

internacionalização. Agradeço pela confiança depositada em mim e pela constante disponibilidade em ajudar e me guiar nos “caminhos das pedras” pelo tortuoso mundo acadêmico.

Ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCAR, expresso minha gratidão pelo apoio estrutural oferecido, assim como aos professores que o integram. Em particular, gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Gabriel Santis Feltran pelos conselhos sempre perspicazes que ofereceu à minha pesquisa, durante sua aula de metodologia.

Aos colegas de turma de mestrado, cujas discussões em sala de aula carregou até hoje, sou imensamente grato. Ressalto aqui Luiz, João Otávio e Desirée pelas conversas, risadas e momentos de lazer dentro e fora das salas de aula.

Gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo: 2021/13376-5) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Processo: 88887.673127/2022-00) pelo apoio financeiro que tornou possível a realização deste estudo. Em especial, gostaria de destacar o apoio concedido pela Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) (Processo: 2023/02467-5), que viabilizou minha estadia em Paris por três meses. Sem esse suporte financeiro, não teria sido possível realizar essa parte crucial da pesquisa.

Agradeço pela oportunidade de participar da pesquisa "Grey Zones and Territory: Transformation of Work and the Emerging Figure of Platform Worker. A France-Brazil Comparison" (REGREYZ&CO) (Processo: 2021/04086-3), que me proporcionou o contato com diversos pesquisadores nacionais e internacionais, além de viabilizar meu estágio de pesquisa no Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM), no Laboratoire Interdisciplinaire de Sociologie Économique (LISE). A experiência adquirida durante este período foi inestimável, expandindo meus horizontes e me proporcionando uma nova perspectiva sobre lugares, culturas e modos de pensar.

Aos colegas do eixo Brasil do grupo REGREYZ&CO, expresso minha gratidão pelas discussões enriquecedoras. Em particular, gostaria de agradecer a Lívia Fioravanti, Felipe Rangel e Amanda Rosin pelas idas conjuntas a campo, discussões teóricas e contribuições generosas à minha pesquisa. Suas participações foram fundamentais para o aprimoramento do meu estudo e, conseqüentemente, de nossa pesquisa.

À Profª. Dra. Donna Kesselman, que foi a primeira pessoa que conheci em Paris. Agradeço por ter me recebido calorosamente no aeroporto e por ter tornado os dias na França os melhores que poderiam ser. Obrigado por me levar a restaurantes, museus e até mesmo ao seu partido trotskista, por sua generosidade em ajudar a melhorar meu francês e por seu apoio essencial durante o congresso na Alemanha, onde desta vez pude contar com seu auxílio com o inglês. Sou grato por ter aberto as portas da internacionalização científica para mim. Hoje, posso te chamar de amiga com orgulho, e seu espírito combativo e jovial continuam a me inspirar em minha jornada, que sempre encontra fonte de inspiração em sua presença.

Agradeço ao LISE e a todos os professores e doutorandos por me receberem de braços abertos e por demonstrarem interesse tanto pelo Brasil quanto pela minha pesquisa. Em especial, gostaria de expressar minha gratidão a Audrey Lefèvre pela simpatia e por toda a ajuda burocrática na obtenção dos inúmeros documentos necessários para minha estadia na França. Agradeço também a Guénolé Marchadour por sua prestatividade e por me auxiliar em diversas situações complicadas em Paris. Jamais esquecerei o quanto foi importante sua ajuda ao chamar o chaveiro para abrir minha porta de casa trancada.

Aos colegas que conheci no LISE, expresso minha gratidão a todos. Agradeço a Joannes Forte por suas inúmeras contribuições e discussões teóricas, que enriqueceram minha jornada como pesquisador. Nossos debates sobre a noção de zona cinzenta permanecem vivos em minha memória até hoje. Agradeço também por seus conselhos tanto para a pós-graduação quanto para a vida pessoal, e por me receber várias vezes em sua casa, em Couromnes. Ao Jordi Agelo, que assim como Joannes, possui um coração gigante e uma generosidade do tamanho do Ceará. Sempre lembrarei dos diversos momentos agradáveis, regados a bons vinhos, às margens do rio Sena, no "Les Nautes". Acredito que ganhei amigos para toda a vida. À Florência "boluda", agradeço pelos tantos "mates" compartilhados no escritório dos "latinos", como costumávamos chamar, e por me proporcionar a oportunidade de realizar meu sonho de conhecer a neve, além de me ensinar um pouco da cultura argentina. Estou ao seu lado na luta contra o seu presidente, Javier Milei.

Agradeço ao Prof. Dr. Jacob Carlos Lima pelas aulas valiosas ministradas desde o início da graduação. Reconheço suas provocações e discussões, sempre desafiadoras e indispensáveis, tanto em sala de aula quanto nos encontros do LEST-M - Laboratório de

Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades. Ao Prof. Dr. Christian Azaïs, agradeço imensamente pela enorme generosidade em me receber em Paris. Sua orientação foi essencial não apenas para minha pesquisa, mas também para minhas condutas e aspirações futuras. Suas críticas durante a qualificação e durante o estágio em Paris foram fundamentais para meu crescimento como pesquisador. À Profa. Dra. Cibele Saliba Rizek, agradeço pelas trocas teóricas enriquecedoras, pelas críticas construtivas durante a qualificação e pelas reflexões sempre criativas. Sua experiência como parte de uma velha guarda de pesquisadores combativos é uma fonte constante de inspiração e respeito. Agradeço também pela produção científica de cada um de vocês, cujas análises estão refletidas diretamente ou indiretamente nesta pesquisa. Aos três, expresso minha sincera gratidão por participarem da banca de defesa da minha dissertação.

Ao tio Beto e tia Cida, pela generosidade de me hospedarem em seu apartamento no Centro de São Paulo, que me possibilitou viver a atmosfera da região e estar sempre muito próximo dos entregadores e do campo de minha pesquisa.

Ao meu pai, Marco Perin, pelo apoio financeiro e afetivo desde minha tenra idade. Sem essa ajuda essa pesquisa não passaria de um sonho de verão.

Sou profundamente grato a você Marli Ferreira, minha mãe, pelo apoio financeiro e afetivo, pelas nossas conversas e por compartilhar sua história de vida, tão próxima das trajetórias dos entregadores, e que tanto me ajudou a compreender diversos significados presentes em minha pesquisa. Agradeço também por ter conseguido, através de muito sacrifício, visitar-me em Paris durante meu estágio de pesquisa, o que te proporcionou a oportunidade de conhecer um pouco do meu mundo profissional e das pessoas que, naquele momento, tanto me auxiliaram.

A Thalles Breda e Nathália Zapparoli, meus padrinhos acadêmicos, expresso minha profunda gratidão por seu apoio constante e confiança em meu potencial. Agradeço pelas valiosas conversas teóricas, pelas angústias compartilhadas na jornada acadêmica e pelas preciosas dicas sobre a pós-graduação. Seu apoio contínuo foi fundamental para meu desenvolvimento e motivação. Sem ele, seria difícil manter o fôlego emocional necessário para prosseguir com este estudo. Obrigado por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço à minha companheira Karlla Caldeira por sua paciência e compreensão durante os momentos de escrita desta pesquisa. Agradeço por sempre ouvir minhas lamentações, surtos e desesperos em relação ao meu trabalho, e por contribuir com ideias

e reflexões que muitas vezes se transformavam em novos parágrafos. Sua leitura atenta dos meus textos, sempre enviados a você, foi inestimável. Além disso, sou imensamente grato pela ajuda objetiva na pesquisa, seja obtendo contatos para transcrição de entrevistas, realizando algumas transcrições ou auxiliando na criação do design dos meus slides e cartazes. Sua contribuição foi fundamental para o progresso e finalização desse mestrado.

Agradeço aos meus amigos Luiza, Nívea e João Victor por tantas vezes me tirarem dos momentos solitários da escrita. Suas insistências em me tirar de casa e me proporcionar um pouco de vida social foram fundamentais para a conclusão deste estudo. Além disso, expresso minha gratidão pelas conversas e desabafos que pude ter com cada um de vocês, desde os tempos da graduação, quando me acolheram em seu peculiar grupo. Agradeço por sempre comemorarem minhas conquistas como se fossem suas. Por fim, obrigado, Luiza, por compartilhar a notícia de Tiradentes do jornal Folha de São Paulo, que eu não tinha acesso. Sua ajuda foi muito apreciada.

À Ricardo Koshimura, que dentre os colegas que restaram do tempo de colégio, é o único que respeita minha profissão e que sempre me incentivou a seguir esta vocação.

Ao meu amigo Jorge, que conheci enquanto trabalhava com marketing, antes mesmo de iniciar o mestrado. Nossas piadas, risadas e diálogos profundos tornaram esta jornada muito mais leve. Obrigado pela admiração e respeito pela minha profissão e pelo incentivo constante.

Agradeço ao meu primo, João Victor Perin, que, apesar dos desafios, sempre me defendeu e apoiou em minha escolha pela profissão de sociólogo. Também sou grato a ele e à minha prima, Juliana Perin, por terem conseguido me visitar na França durante o estágio de pesquisa, onde compartilhamos momentos únicos juntos.

À Rosana Sorbille pelo seu incentivo e pelas inúmeras horas dedicadas a me apoiar nos momentos em que eu duvidava de minha capacidade de obter uma bolsa, seja pela FAPESP, seja pela CAPES. Sua constante confiança em meu potencial foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Ao meu professor de francês, Ilan, e à minha colega de turma, Victoria, expresso meus agradecimentos pela valiosa ajuda e incentivo no estudo dessa língua, que se

mostrou tão importante durante o mestrado e agora faz parte do meu repertório linguístico.

À Denise, Leilyane, Lucia, Kamila, Bruno e Gustavo pelo convívio, discussões, risadas, angustias compartilhadas, e por suas pesquisas e trabalhos apresentados a mim e que deles saíram reflexões valiosas para esse estudo. Em suma, agradeço a todos do grupo LEST-M e TRAMPO, que se debruçaram sobre a pesquisa científica antes de mim. Seus trabalhos e reflexões foram basilares para esta pesquisa e para minha construção enquanto intelectual.

A vida, antes de mais, consiste justamente no fato de um ser, em cada instante, ser o mesmo e, não obstante, também um outro. Assim, a vida é igualmente uma contradição que, existindo nas próprias coisas e nos processos, surge e resolve-se constantemente.

(Friederich Engels)

RESUMO

Em meio às recentes mudanças que envolvem a intensificação da flexibilização de relações e contratos de trabalho, junto ao imperativo de uma racionalidade empreendedora como via de justificação dos modos de ser e de viver no mundo hoje, a plataforma do trabalho vem se consolidando cada vez mais. O trabalho de plataformas corresponde às atividades que são mediadas, organizadas e governadas por meio de plataformas digitais. Nos últimos anos, o cenário de diversas cidades brasileiras vem contando com as figuras dos entregadores ciclistas por aplicativo, mais conhecidos como cicloentregadores. Tal categoria é formada, majoritariamente, por jovens negros e periféricos. Neste contexto, este estudo pretende compreender e analisar como o empreendedorismo é assimilado e utilizado como estratégia construída, ressignificada e experimentada por cicloentregadores no município de São Paulo-SP. Esta investigação foi conduzida junto a entregadores por aplicativo na capital paulista, focando em um grupo de cicloentregadores próximo à Praça da República. O estudo, de cunho etnográfico, envolveu observação flutuante e entrevistas em profundidade, analisando as trajetórias dos entrevistados. Os resultados apontam que uma parte significativa dos entregadores de bicicleta rejeita relações de trabalho cujo cenário normativo é o emprego assalariado (carteira assinada). Este horizonte de expectativas é construído em torno da percepção de liberdade e autonomia, que, objetivamente, significa a possibilidade de definir seus próprios horários de trabalho, o que é visto de forma positiva. Para eles, a ideia de empreendedorismo tem uma valoração positiva e representa uma possibilidade real de vida e trabalho compatível com seus valores. Os cicloentregadores assimilam a cultura empreendedora a partir de um conjunto de práticas e valores que formam uma ética da viração, desenvolvida ao longo de suas complexas trajetórias de vida, marcadas por ambientes incertos, escassos e, por vezes, violentos. Isso leva a interpretações variadas do discurso empreendedor, adaptando-o às suas necessidades diárias para atingir metas específicas e planejar estratégias financeiras e projetos de futuro.

Palavras-chave: cicloentregadores; empreendedorismo; juventude; trajetórias de vida; trabalho plataformizado; viração

RÉSUMÉ

Au milieu des récentes évolutions impliquant l'intensification de la flexibilité des relations et des contrats de travail, associée à l'impératif d'une rationalité entrepreneuriale comme moyen de justifier les modes d'être et de vivre dans le monde d'aujourd'hui, la plateformes du travail se consolide de plus en plus. Le travail sur plateforme correspond aux activités qui sont médiées, organisées et régies par le biais de plateformes numériques. Ces dernières années, plusieurs villes brésiliennes ont vu apparaître des livreurs à vélo via des applications, plus connus sous le nom de livreurs à vélo. Cette catégorie est principalement composée de jeunes noirs et périphériques. Dans ce contexte, cette étude vise à comprendre et analyser comment l'entrepreneuriat est assimilé et utilisé en tant que stratégie construite, redéfinie et expérimentée par les livreurs à vélo dans la municipalité de São Paulo-SP. Cette recherche a été menée auprès des livreurs par application dans la capitale pauliste, en se concentrant sur un groupe de cyclistes livreurs près de la Praça da República. L'étude, d'ethnographie, a impliqué une observation participante et des entretiens approfondis, analysant les trajectoires des interviewés. Les résultats indiquent qu'une partie significative des livreurs à vélo rejette les relations de travail dont le cadre normatif est l'emploi salarié (contrat de travail). Cet horizon d'attentes est construit autour de la perception de liberté et d'autonomie, ce qui signifie objectivement la possibilité de définir ses propres horaires de travail, perçue de manière positive. Pour eux, l'idée de l'entrepreneuriat a une valorisation positive et représente une possibilité réelle de vie et de travail compatible avec leurs valeurs. Les livreurs à vélo assimilent la culture entrepreneuriale à travers un ensemble de pratiques et de valeurs qui forment une éthique de la débrouillardise, développée tout au long de leurs trajectoires de vie complexes, marquées par des environnements incertains, rares et parfois violents. Cela conduit à des interprétations variées du discours entrepreneurial, l'adaptant à leurs besoins quotidiens pour atteindre des objectifs spécifiques et planifier des stratégies financières et des projets d'avenir.

Mots-clés: livreurs à vélo; entrepreneuriat; jeunesse; stratégies de vie; travail sur plateforme; débrouille

ABSTRACT

Amidst the recent changes involving the intensification of labor relations and contracts flexibility, coupled with the imperative of an entrepreneurial rationality as a means of justifying ways of being and living in the world today, the platformization of work is increasingly consolidating. Platform work corresponds to activities that are mediated, organized, and governed through digital platforms. In recent years, the scenario in several Brazilian cities has witnessed the emergence of bicycle delivery riders through applications, better known as bike couriers. This category is predominantly composed of young black and peripheral individuals. In this context, this study aims to understand and analyze how entrepreneurship is assimilated and utilized as a constructed, redefined, and experienced strategy by bike couriers in the city of São Paulo-SP. This investigation was conducted among application delivery riders in the capital, focusing on a group of cycle couriers near Praça da República. The ethnographic study involved participant observation and in-depth interviews, analyzing the trajectories of the interviewees. The results indicate that a significant portion of bicycle couriers rejects labor relations in which the normative scenario is wage employment (formal employment). This horizon of expectations is built around the perception of freedom and autonomy, which objectively means the possibility to define their own working hours, viewed positively. For them, the idea of entrepreneurship has a positive valuation and represents a real possibility for a life and work compatible with their values. Bike couriers assimilate entrepreneurial culture through a set of practices and values that form an ethic of get by, developed throughout their complex life trajectories, marked by uncertain, scarce, and sometimes violent environments. This leads to varied interpretations of entrepreneurial discourse, adapting it to their daily needs to achieve specific goals and plan financial strategies and future projects.

Keywords: bike couriers; entrepreneurship; youth; life trajectories; platformized work; get by

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cicloentregador	27
Figura 2 - Foto do Teatro Municipal de São Paulo e da Praça Ramos de Azevedo	34
Figura 3 - Foto do McDonald's.....	34
Figura 4 - Foto do prédio da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET)	34
Figura 5 - Foto do condomínio Nova Barão	35
Figura 6 - Foto da loja Flash áudio games.....	35
Figura 7 - Foto do Ponto	36
Figura 8 - Foto do Ponto	36
Figura 9 - Foto do Ponto sem os entregadores	37
Figura 10 - Foto de Tiradentes trabalhando como mecânico no Ponto	41
Figura 11 - Foto de Tiradentes trabalhando como mecânico no Ponto	41
Figura 12 - Foto de Tiradentes trabalhando como mecânico no Ponto	42
Figura 13 - Foto da caixa de ferramentas e o banquinho de Tiradentes	43
Figura 14 - Foto da caixa de ferramentas	44
Figura 15 - Entregadores esperando pedidos em frente a padaria na rua do Arouche ..	51
Figura 16 – Foto que demonstra a multiplicidade comercial do calçadão da rua Barão de Itapetininga	51
Figura 17 - Foto que demonstra a multiplicidade comercial do calçadão da rua Barão de Itapetininga	52
Figura 18 - Foto que demonstra a multiplicidade comercial do calçadão da rua Barão de Itapetininga	52
Figura 19 - Foto que demonstra a multiplicidade de trabalhos informais na rua Barão de Itapetininga	53
Figura 20 - Foto que demonstra a multiplicidade de trabalhos informais na rua Barão de Itapetininga	53

Figura 21 - Foto que demonstra a multiplicidade de trabalhos informais na rua Barão de Itapetininga	53
Figura 22 - Localização dos seis McDonald's próximos ao Ponto	55
Figura 23 - Estabelecimento Eco Mercato, situado ao pé do edifício Copan e cheio de entregadores	55
Figura 24 - Mapa topográfico da região central de São Paulo, onde é possível observar os diferentes níveis de altitude	57
Figura 25 - Foto da Bicicleta do Itaú	60
Figura 26 - Foto da bicicleta Bliv	61
Figura 27 - Foto da bicicleta do iFood retirada do próprio site da empresa. Não foi possível tirar foto de uma no Ponto, devido sua raridade	61
Figura 28 - Foto da Bicicleta aro 29	62
Figura 29 - Foto de Bicicleta modificada	62
Figura 30 - Foto de Bicicleta modificada	62
Figura 31 - Foto de motoneta ou mobilete	63
Figura 32 - Foto de motoneta ou mobilete	63
Figura 33 - Entregadores se protegendo da chuva no beiral da CET	64
Figura 34 - Entregadores se protegendo da chuva no toldo do condomínio Nova Barão	64
Figura 35 - Foto de um entregador passando plástico filme no celular	65
Figura 36 - Foto de aparelhos elétricos da bicicleta sendo protegidos por papel filme	66
Figura 37 - Entregador com o casaco corta-vento amarelo	66
Figura 38 - Entregador Celso com o saco de lixo	67
Figura 39 - Carrinho de Jorge e Dalila que fica sempre do lado da árvore, bem no centro do Ponto	68
Figura 40 - Entregadores se reunindo e comendo sentados no degrau, de frente para o Ponto	70
Figura 41 - Entregador utilizando a bag como “mesa” e almoçando sentado no degrau	70

Figura 42 - Foto que transmite a atmosfera descontraída e a maneira personalizada de tornar as entregas mais agradáveis	72
Figura 43 - Foto de um entregador desfrutando de sua música favorita, com caixinha de música portátil colocada em cima de sua bag.....	73
Figura 44 - Foto dos entregadores se divertindo e jogando futebol em meio ao calçadão	74
Figura 45 - Foto dos entregadores se divertindo e jogando futebol em meio ao calçadão	75
Figura 46 - Foto dos entregadores se divertindo e jogando futebol em meio ao calçadão	75
Figura 47 - Foto da banca onde Tiradentes guarda suas ferramentas.....	81
Figura 48 - Cartaz de uma OL, muito comum entre os entregadores do Ponto	89
Figura 49 - Praças de OL.....	90
Figura 50 - Praças de OL.....	91
Figura 51 - Turnos oferecidos por uma OL.....	93
Figura 52 - Turnos oferecidos por uma OL.....	93
Figura 53 - Promoção oferecida pelo iFood	94
Figura 54 - Bicicleta do Itaú acorrentada em corrimão	101
Figura 55 - Foto do box da mãe de Daniel	138

TABELAS

Tabela 1 - Quadro dos interlocutores no Ponto	22
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

PPGS - Programa de Pós-Graduação em Sociologia

ANR - Agence Nationale de la Recherche

CNAM - Conservatoire National des Arts et Métiers

LISE – Laboratoire Interdisciplinaire de Sociologie Économique

REGREYZ&CO - Grey zones and Territory: Transformation of work and the emerging figure of Platform Worker. A France-Brazil comparison

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

BEPE - Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior

INSS - Nacional do Seguro Social

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

CLT – Consolidação das Leis do

CBD - Trabalhocanabidiol

THC - Tetraidrocanabinol

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

EUA – Estados Unidos da América

TICs - Tecnologias da informação e da comunicação

CEO - Chief Executive Officer

ROCAN - Rondas Ostensivas Cândido Mariano

OL – Operadora Logística

CET - Companhia de Engenharia de Tráfego

FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado

IPVA - Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores.

CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

AMOBITEC - Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia

PCC - Primeiro Comando da Capital

GPS - Global Positioning System

SINSPREV/SP - Sindicato dos Servidores e Trabalhadores Públicos em Saúde,
Previdência e Assistência no Estado de São Paulo - SINSPREV/SP

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

RG – Registro Geral

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Apresentação da pesquisa	17
Percurso metodológico	21
Como cheguei ao meu objeto	27
Como cheguei ao meu campo	30
1. SOCIEDADE DAS ENTREGAS: TRABALHO, COTIDIANO E ESTRUTURA SOCIAL DO <i>PONTO</i>	33
1.1. Chegando no <i>Ponto</i> e conhecendo os rapazes	33
1.2. “Aqui é plano e tem mais demanda. Aqui é o Centro”: o espaço social do <i>Ponto</i> ..	50
1.3. O <i>Ponto</i> e o seu dia-a-dia.....	58
1.4. "Fumar um" e a dimensão do lazer no <i>Ponto</i>	71
1.5. O mito de nascimento do <i>Ponto</i>	76
1.6. “Aqui um ajuda o outro”: o <i>Ponto</i> e o seu significado	80
2. ESTRATÉGIAS, DINÂMICAS LABORAIS E PERCEPÇÕES SOBRE A REGULAÇÃO DO TRABALHO DOS CICLOENTREGADORES PLATAFORMIZADOS	85
2.1. Os cicloentregadores e as dinâmicas de trabalho	85
2.2. “Dando o golpe” no sistema: estratégias cotidianas e microresistências frente ao controle algorítmico dos aplicativos	97
2.3. “Eles querem privatizar o iFood”: entre a negação da regulação e a perspectiva de liberdade	104
3. ESTRATÉGIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS DE CICLOENTREGADORES E SUA ASSIMILAÇÃO DO DISCURSO EMPREENDEDOR.....	117
3.1. Tiradentes: dos bicos constantes ao “mecânico investidor”	117
3.2. Neblina: da experiência da rua ao “empreendedorismo canábico”	128
3.3. Daniel: de vendedor ambulante a proprietário de loja virtual	136

3.4. Empreendedorismo espelhado: a ética da viração e a antropofagia do ethos empreendedor	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180

INTRODUÇÃO

Apresentação da pesquisa

A pesquisa de mestrado intitulada “*A gente se vira nas entregas*”: *experiências de trabalho dos cicloentregadores à luz do discurso empreendedor*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) desde setembro de 2022 (processo FAPESP 2021/13376-5), buscou compreender e analisar de que maneira o discurso empreendedor é entendido, assimilado, ressignificado e mobilizado em estratégias construídas e experimentadas por cicloentregadores na cidade de São Paulo. Dentro dessa proposta, meu olhar esteve voltado à rotina de trabalho desses entregadores, visando compreender se e de que formas se sentem reconhecidos pelo trabalho realizado, isto é, qual o sentido da atividade para eles e se esta é encarada como *modo de vida*. Por se tratar de um trabalho amador e muitas vezes considerado como “bico” e de alta rotatividade (Abílio, 2020b), pretendi acompanhar as continuidades e descontinuidades de jovens que ora ingressam e ora saem desse trabalho por motivos diversos, afetando de inúmeras maneiras suas trajetórias laborais.

Esta pesquisa também integrou um convênio internacional (ANR¹/FAPESP), que visou analisar o trabalho por aplicativos no Brasil e na França – “Grey zones and Territory: Transformation of work and the emerging figure of Platform Worker. A France-Brazil comparison” (REGREYZ&CO). Neste âmbito, entre setembro e novembro de 2023 realizei um Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE²/FAPESP), desenvolvido no Laboratoire Interdisciplinaire de Sociologie Économique (LISE)³ do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM), sob a orientação do Prof. Dr. Christian Azais. O principal objetivo deste estágio foi avançar teórica e metodologicamente na análise de como o discurso empreendedor é assimilado, ressignificado e mobilizado por cicloentregadores, considerando a relação entre as trajetórias sociais dos sujeitos e suas estratégias

¹ Agence Nationale de la Recherche, responsável pelo financiamento da parte francesa do projeto.

² Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior oferecida pela FAPESP.

³ Disponível em: <https://lise-cnrs.cnam.fr/lise-laboratoire-interdisciplinaire-pour-la-sociologie-economique/laboratoire-interdisciplinaire-cnam-cnrs-pour-la-sociologie-economique-458135.kjsp>. Acesso em 14/03/2023.

construídas e experimentadas no trabalho plataformizado de *delivery*. Nesse sentido, o contato com pesquisadores e atividades desenvolvidas no LISE, contribuiu enormemente para o desenvolvimento da investigação empreendida no mestrado.

Esta investigação foi conduzida junto a entregadores por plataforma na cidade de São Paulo-SP, com destaque para aqueles que utilizam a bicicleta como meio de trabalho e deslocamento. O foco foi um grupo de cicloentregadores que se concentra em um ponto próximo à Praça da República, no Centro de São Paulo, com os quais foi realizado um estudo pautado nas análises das trajetórias dos indivíduos selecionados. A pesquisa, de cunho etnográfico, foi baseada em *observação flutuante*⁴ e entrevistas em profundidade.

Essa proposta se insere nas discussões acerca das recentes mudanças no mundo do trabalho, que envolvem um extenso processo de precarização, flexibilização, enxugamento, desterritorialização do trabalho (Harvey, 1993) e revoluções tecnológicas informacionais e comunicacionais (Castells, 1999). Essas dinâmicas adquirem uma nova dimensão com o surgimento e difusão dos processos de plataformização do trabalho (Abílio et al., 2021b; Van Doorn, 2017; Casilli; Posada, 2019; Graham; Woodcock, 2018), exemplificadas no caso dos entregadores por aplicativos. Junto ao imperativo de uma racionalidade empreendedora (Dardot; Laval, 2016) como via de justificação dos modos de ser e de viver no mundo hoje, a plataformização do trabalho vem se consolidando, cada vez mais, como alternativa ao desemprego.

Os chamados *cicloentregadores* ou *bikers* são, no Brasil, em geral, jovens, negros e moradores de periferias (Aliança Bike, 2019). Por viverem distantes do local de trabalho e dependerem de sua própria força física para a realização da atividade, passam o dia perambulando, dormindo e repondo as energias pelas ruas da cidade à espera da próxima entrega (Machado, 2019). Como um trabalho tipicamente uberizado⁵, trata-se de um processo em que o trabalhador informal se vê despojado de direitos, garantias e proteções associadas ao trabalho, além de arcar com os riscos e custos de sua atividade. Realizam jornadas prolongadas, fisicamente extenuantes, expostos a diversos riscos e submetidos ao controle de algoritmos ilegíveis. Tanta precariedade, no entanto, é ofuscada pelo discurso de que as plataformas digitais possibilitam total liberdade ao entregador,

⁴ A noção de “observação flutuante” será aprofundada nas páginas que se seguem.

⁵ De acordo com Abílio (2019), a uberização se refere a uma nova forma de organização, gestão e controle do trabalho, que se faz tendência no mundo do trabalho a nível global.

valorizando a “autonomia” de seus “parceiros” e constituindo um trabalho “sem patrão”.

Esses discursos, muitas vezes, estão atrelados ao empreendedorismo, que passa a ser apresentado como uma das principais saídas para a superação da condição de pobreza. Nesse contexto, há a predominância de um conjunto de símbolos que promove uma ideologia centrada no mérito e na realização individual, na qual as pessoas atribuem toda a sua capacidade de agir e, portanto, através dela moldam suas próprias vidas (Machado da Silva, 2002), independentemente de qualquer condição ou marcador social, isto é, desconsiderando-se questões estruturais de classe, raça, gênero, território, idade, entre outras.

No Brasil, o número de jovens em situação de desemprego passou de 905 mil, no quarto trimestre de 2014, para 2 milhões no quarto trimestre de 2019. O aumento do desemprego ocorreu de forma generalizada, em diversos recortes socioeconômicos e etários. Entre jovens de 18 a 24 anos, o aumento do desemprego chegou a 27,3% em 2019, apenas para mencionar os dados anteriores à crise ocasionada pela pandemia de Covid 19. Segundo Corrochano e Tommasi (2020), são os mais jovens que sentem com mais intensidade o peso do desemprego e do trabalho precário. Para eles, as circunstâncias atuais do mercado de trabalho não significam uma degradação de condições melhores ou mais promissoras: esses jovens entraram num mundo já “revirado”, em que o trabalho precário e o desemprego compõem um estado de coisas com o qual têm que lidar.

É exatamente nesse cenário que jovens periféricos, pobres e em meio a *viração*⁶, veem no trabalho por aplicativo uma alternativa de ocupação, geração de renda e satisfação. As modalidades de trabalho plataformizado, sobretudo entregas via bicicleta, têm atraído jovens trabalhadores em busca de condições de trabalho supostamente menos hierárquicas e que propiciem maior liberdade em termos de horários e espaços, além de relações que entendem como sendo menos marcadas pela subordinação. O deslocamento do meio de trabalho da moto para a bicicleta diminui o custo da aquisição e manutenção do equipamento, podendo este ser ainda mais reduzido ou diluído quando alugado por dia, por meio do serviço de bicicletas compartilhadas. Esses custos mais baixos atraem

⁶ A categoria *viração*, empregada por Telles (2006) e Rizek (2006) remete a constituição da vida e da sobrevivência dos trabalhadores de baixa qualificação e rendimento. O “viver por um fio” das periferias brasileiras configura um constante agarrar-se às oportunidades, que se traduz na alta rotatividade do mercado de trabalho brasileiro, na combinação de empregos e no trânsito permanente entre trabalho formal e informal (Abílio, 2017).

os jovens para a atividade, também por ser uma alternativa de ocupação e renda em que não há um processo de seleção formalizado. Sendo caracterizado como amador, esse trabalho não requer, formalmente, experiência prévia, bastando possuir/estar de posse de uma bicicleta, ser maior de idade e ter um cadastro aprovado no aplicativo (Abílio, 2020b).

Esta pesquisa se iniciou tendo como hipótese que esses jovens trabalhadores, os quais se encontram em uma condição de desproteção social, veem no trabalho de plataforma uma forma de empreendedorismo que não necessita de muitos recursos materiais ou financeiros para se iniciar. Com base nas observações coletadas durante a pesquisa de campo e nas análises realizadas, foi possível perceber que os cicloentregadores assimilam práticas e significados relacionados à cultura empreendedora a partir de um conjunto de princípios, práticas e valores que formam uma *ética da viração*, desenvolvida ao longo de suas complexas trajetórias de vida, marcadas por condições financeiras incertas, escassez material, violência e desalento. Como resultado, surgem, entre esses jovens trabalhadores, diversas interpretações sobre o discurso empreendedor, que é adaptado de acordo com suas próprias necessidades e circunstâncias do cotidiano, na busca por alcançar objetivos específicos e desenvolver estratégias para sua inserção em atividades remuneradas, bem como estão conectadas com seus objetivos futuros.

Tal conformação ressignifica uma gama de símbolos em relação ao dito "trabalho assalariado" e, por consequência, tal ressignificação produz, para além da questão da renda e da sobrevivência, distintas redes de sociabilidade, formas distintas de narrativa sobre o trabalho e sobre a própria experiência de vida, questões estas que serão aqui aprofundadas.

Desse modo, a pesquisa tem se inserido em um campo que busca observar para além das questões da precarização, da condição social indigna e da intensificação da exploração relacionadas a esse tipo de atividade. É necessário que direcionemos o olhar para um universo de estratégias de vida e sobrevivência que não são recentes no cenário brasileiro. Assim como Machado da Silva (2018) ressalta, é preciso complexificar esse cenário, reconhecendo as formas e cálculos feitos na condução da vida, ou as estratégias de vida dos indivíduos, e conhecer a capacidade de agência, reflexão e racionalidade das classes populares. Esse resgate é importante na medida em que revela componentes intrínsecos das subjetividades estudadas, podendo apresentar contradições e complexidades não

captadas em análises mais superficiais sobre o tecido social, que não consideram as formas pelas quais o próprio agente lida com suas escolhas.

Percurso metodológico

Foram realizadas três incursões a campo em 2022 e duas em 2023. A primeira incursão, de caráter exploratório, foi realizada em julho de 2022, junto a pesquisadores do convênio REGREYZ&CO. Com duração de duas semanas, o intuito era conhecer os principais pontos e focos de entregadores na cidade de São Paulo. Foram conduzidas algumas entrevistas e ocorreram as primeiras aproximações dos trabalhadores na região do Largo da Batata, na Av. Paulista e Rebouças, no bairro de Moema e na região próxima à Praça da República no Centro de São Paulo.

Com o objetivo de obter uma inserção mais aprofundada no campo, a pesquisa veio a ser conduzida, sobretudo, junto ao grupo de cicloentregadores que se constituiu de forma espontânea e que se concentra em uma *zona de pouso*⁷ próximo à Praça da República, no Centro de São Paulo, com os quais realizei um estudo baseado na análise de trajetórias. A pesquisa, de natureza etnográfica, realizou, a partir de *observação flutuante*, entrevistas em profundidade. No *Ponto* do Centro, foram realizadas quatro incursões, sendo duas em 2022, com duração de três semanas cada, e duas em 2023 com duração de dois dias a primeira e duas semanas a segunda.

Além desses contatos, realizei observações das atividades e das interações dos *cicloentregadores*, tanto nos locais apontados - coletando mais dados sobre o seu cotidiano de trabalho - como no grupo de whatsapp formado por eles. Todos os materiais de observação, bem como as conversas informais, foram registrados em um diário de campo. As entrevistas foram, com o consentimento de nossos interlocutores, gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas.

O grupo em tela possui indivíduos com idades entre 18 e 48 anos, embora haja um predomínio de jovens. A maioria é composta por homens negros, provenientes das periferias da região metropolitana ou de áreas mais empobrecidas do Centro de São Paulo.

⁷ As "zonas de pouso" são locais próximos a pontos comerciais, onde há uma concentração de entregadores. Esses locais servem como pontos de descanso, alimentação, manutenção de bicicletas ou motos, além de proporcionarem interação social e compartilhamento de estratégias de trabalho entre os entregadores (Fioravanti, 2023).

Muitos desses cicloentregadores também são pais, carregando responsabilidades familiares. No que diz respeito à escolaridade, constatamos que a maioria dos entrevistados possui ensino médio completo. Para uma melhor visualização do perfil de cada um dos interlocutores da pesquisa que se concentram nesse ponto da região central, no qual estão incluídos outros “personagens” além dos entregadores, foi elaborado um quadro com algumas informações fundamentais (Tabela 1). Alguns interlocutores não são mencionados diretamente no texto ou abordados de forma aprofundada. Eles participaram de conversas informais e interações nas cenas descritas ao longo da dissertação, bem como no grupo de WhatsApp. Essas contribuições foram de igual importância para a construção desta pesquisa.

Tabela 1 - Quadro dos interlocutores no Ponto

Nome⁸	Idade	Raça/Cor	Gênero	Ocupação
Adilson	40	Branco	Masculino	Entregador
Alex	35	Negro	Masculino	Entregador
Flávio	37	Negro	Masculino	Entregador
Barba	-	Negro	Masculino	Entregador
Carlos	18	Negro	Masculino	Entregador
Tiradentes (Ricardo)	30	Negro	Masculino	Mecânico/Entregador
Marcos	21	Negro	Masculino	Entregador
Adriano	20	Branco	Masculino	Entregador
Leonardo (Neblina)	24	Negro	Masculino	Entregador
Jonas	39	Negro	Masculino	Entregador
Paulista	-	Branco	Masculino	Entregador
André	35	Negro	Masculino	Entregador
Arlindo	48	Branco	Masculino	Entregador
Dalila	-	Branca	Feminino	Dona do carrinho de comida e marmitas

⁸ Os apelidos e nomes dos interlocutores foram todos alterados, sendo todos fictícios.

Jorge	-	Negro	Masculino	Sócio de Dalila
Wagner	28	Branco	Masculino	Entregador
Luan	31	Negro	Masculino	Entregador
Quintana	20	Negro	Masculino	Entregador
Eduardo	-	Negro	Masculino	Entregador
Daniel	21	Branco	Masculino	Entregador
Wesley	28	Branco	Masculino	Entregador
Leandro	32	Negro	Masculino	Entregador
Hugo	26	Branco	Masculino	Entregador
Felix	-	Branco	Masculino	Entregador
Karlla	-	Negra	Feminino	Atendente do McDonald's
Mario	-	Branco	Masculino	Ajudante de Tiradentes
Fernando	25	Branco	Masculino	Entregador
Theo	33	Negro	Masculino	Entregador
Levi	-	Branco	Masculino	Entregador
Lorenzo	26	Negro	Masculino	Entregador
Ítalo	22	Branco	Masculino	Entregador
Thaís	-	Negra	Feminino	Atendente do McDonald's
Renato	30	Negro	Masculino	Entregador
Caíque	18	Branco	Masculino	Entregador
Clayton	34	Negro	Masculino	Entregador
2 Km	-	Negro	Masculino	Entregador
Júlia	33	Branca	Feminino	Entregadora
Guilherme	-	Negro	Masculino	Entregador

José	26	Negro	Masculino	Entregador
Evandro	29	Negro	Masculino	Entregador
Celso	-	Negro	Masculino	Entregador
Ronaldo	-	Branco	Masculino	Entregador

Fonte: dados da pesquisa, elaboração própria.

Para além do foco nessa região, foram realizadas, junto a minha orientadora, duas incursões em São Carlos, mais precisamente na Av. São Carlos, e três incursões na região do Largo da Batata, Av. Paulista e próximo ao edifício Copan no Centro de São Paulo, em 2022 e 2023 respectivamente. Realizamos entrevistas gravadas e observações registradas em diário de campo com motoboys e cicloentregadores. Essas investigações tiveram o intuito de colocar em perspectiva a pesquisa etnográfica delimitada ao ponto de entregadores próximo à Praça da República no Centro de São Paulo. Procurou-se ampliar e comparar discursos, sujeitos e fenômenos entre diferentes entregadores plataformizados com diferentes ferramentas de trabalho - bicicleta e moto - e regiões territoriais. Somando todas as incursões realizadas, foram obtidas 63 entrevistas com diferentes entregadores (gravadas e armazenadas na nuvem) e cerca de 54 páginas de registros em diário de campo.

Nesse cenário, buscou-se, metodologicamente, desenvolver um estudo das trajetórias desses indivíduos que possibilite uma imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem as continuidades e descontinuidades de suas vidas. Aliado a isso, utilizou-se um ferramental metodológico etnográfico, que permitiu estabelecer uma aproximação com entregadores, frequentando a *zona de pouso* no Centro de São Paulo, buscando criar conexões com esses atores e, a partir delas, estabelecer alguns contatos chave para entrevistas em profundidade guiadas pelos tópicos específicos relacionados aos objetivos da pesquisa.

A pesquisa se voltou às sutilezas dos discursos dos interlocutores, assim como suas contradições, pensamentos sociais e políticos, e biografias, se aproximando do método de história oral, mais precisamente da técnica de histórias de vida. Ao privilegiar a fala dos atores sociais, foi possível atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos. Essa forma específica de interação

favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, crenças, valores e significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo (Dubar, 1998). A história de vida possibilita compreender a cultura do lado interno, se colocando entre “o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si” (Paulilo, 1999, p.142). Sua utilização é indispensável para temas de pesquisa que demandam um estudo fundamentalmente interpretativo. Trata-se de um método que propicia o conhecimento a partir da experiência do sujeito, de forma a compreender de que modo esses indivíduos fazem seu agir e modelam a sociedade, sendo também modelados por ela.

A partir de Cingolani (2005), foi possível refletir e caracterizar a precariedade pela descontinuidade (de emprego, de rendimento) associada à incerteza e ao risco, que se torna variável em função dos antecedentes e situações biográficas diferenciadas, disponíveis nas trajetórias dos indivíduos. Refere-se a uma precarização contextualizada dentro de uma trajetória com horizontes e significados mobilizados pelos sujeitos. Ou seja, a partir dessa caracterização, é possível compreender quais referenciais, sentidos e horizontes profissionais a atividade de entregas representa na trajetória dos entregadores estudados. A forma como esta atividade se insere nas trajetórias sociais, vivenciada quer como simples suporte, quer como símbolo de mobilidade social ou mesmo de estagnação, desempenharia um papel importante na relação de como os trabalhadores elaboram suas escolhas e sentidos.

Como ponto de referência e reflexão para a metodologia etnográfica, utilizou-se a experiência e os escritos de Whyte (2005), que foram fundamentais para compreender os aspectos sutis da vida dos entregadores, por meio de convivência e envolvimento com o ambiente social estudado. No contexto da pesquisa proposta, o trabalho de campo foi conduzido com o objetivo de compreender a realidade "a partir do ponto de vista do outro" (Geertz, 1997). Mantendo sempre a consciência de minha posição como pesquisador em campo, não busquei adotar o pensamento dos indivíduos estudados, mas sim compreender a lógica que orienta suas vidas a partir de suas próprias perspectivas. Isso significa buscar entender o outro atentando para o que ele pensa sobre o que ele faz.

É importante ressaltar que para alcançar esse objetivo, não precisei necessariamente de "me transformar em nativo", ou mesmo "fazer o que ele faz" (Geertz, 1997), mas sim considerar as categorias êmicas dos entregadores, para poder interpretar o fenômeno estudado a partir de quem o faz. Apesar da minha interação como pesquisador

dentro do ambiente da pesquisa me colocar na posição de um participante, por meio de atividades como fotos, reflexões conjuntas sobre a vida e assistência com tarefas, não se faz necessário que eu assuma o papel de entregador, como realizado nas pesquisas de Cant (2020) e Jam (2018). Conforme salientado por Geertz (1997, p. 89), o que verdadeiramente importa é "descobrir o que diabos eles acham que estão fazendo"⁹. Além disso, a abordagem de *descrição densa* proposta por Geertz (2008) foi essencial para amarrar as complexas redes de significados culturais e discursivos construídas pelos sujeitos pesquisados, por meio de uma escrita minuciosa dos fenômenos observados.

Antes de concluir esta seção, gostaria de fazer uma breve observação. As críticas da banca do exame de qualificação, me levaram a repensar sobre o caráter da ferramenta metodológica de *observação participante* da qual eu fiz uso durante meu campo. Através de interlocução no cotidiano do laboratório do LISE em Paris, junto a Joannes Paulus Silva Forte, outro colega que frequentava o laboratório, e a partir dessas críticas da banca de qualificação, pude estabelecer discussões e bibliografias diferentes da metodologia utilizada em minha pesquisa. Elas me fizeram perceber que a observação com a qual iniciei a minha pesquisa de campo se aproximava muito da perspectiva de Goldman (1995), que realiza uma discussão sobre a teoria antropológica e sua metodologia para o estudo das “sociedades complexas”. Dessa forma, a observação participante presente e exaustivamente discutida na etnologia tradicional, se transformaria em uma *observação flutuante* semelhante à ‘escuta flutuante’ do psicanalista” (Goldman, 1995, p. 146).

Inspirado no estudo de Forte (2019)¹⁰ sobre o processo sociopolítico de regulação da economia solidária, passei a adotar a perspectiva metodológica da *observação flutuante*, para que eu pudesse tornar inteligível a lógica que rege a vida de jovens entregadores que passam o dia nas ruas do Centro de São Paulo e na *zona de pouso* próxima a Praça da República. Por ser tratar de um trabalho dinâmico e fluido, no qual o trabalhador está em constante movimento pelas ruas da cidade e por se tratar de um trabalho flexível, cujos dias e horas o trabalhador escolhe, não sendo fixos e, por isso,

⁹ Esta reflexão surgiu durante uma conversa com Joannes Paulus Silva Forte no laboratório do LISE em Paris, a quem agradeço pelas minuciosas discussões sobre a produção teórico-analítica do autor Clifford James Geertz.

¹⁰ O autor utiliza o ferramental metodológico da observação flutuante para compreender os sujeitos cujo espaço de residência e local de trabalho não se limita à mesma entidade, rua ou cidade. Muitas vezes, esses sujeitos estendem suas atividades por todo o país e até mesmo em contextos internacionais, integrando redes da economia solidária.

instáveis, de modo que os entregadores se apresentam para o trabalho em dias, horários e, por vezes, locais diferentes, não seria possível instalar-me entre os “nativos”, como o fez Malinowski (1984) nas Ilhas Trobriand. Assim sendo, consideradas as características do meu sujeito de pesquisa, incorporei à minha pesquisa o recurso da *observação flutuante* proposto por Goldman (1995) com a finalidade de elaborar estudos em sociedades qualificadas como “complexas”, caracterizadas pela sua adaptação ao mundo moderno, no qual o tempo, os deslocamentos, o trabalho e as referências dos indivíduos são constantemente moldados pelo capitalismo tardio.

Como cheguei ao meu objeto

Nesta Figura 1, vemos um jovem com uma bicicleta alugada de uma empresa (banco Itaú), esperando o semáforo abrir, e, assim, seguir com a sua entrega de delivery via plataforma digital (Rappi, como se pode ver na bag). A fotografia descrita acima, foi tirada por mim em 17 de julho de 2019 na cidade de São Paulo. Tinha ido visitar meu pai, como é de costume, e, aproveitando a estadia na cidade, fui fazer uma sessão presencial de terapia com minha psicóloga. Ao chegar perto do consultório, me deparei com esse garoto da foto. Este foi meu primeiro contato com essa categoria de trabalho em particular, jovens se aventurando a trabalhar como entregadores via aplicativo, utilizando bicicletas que, muitas vezes, nem eram suas.

Figura 1 – Cicloentregador



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 17 de julho de 2019

Ao chegar em São Paulo naquele período (2019), me deparei com um cenário totalmente novo. Eram inúmeros os jovens alugando bicicletas do Itaú e, em seguida, pedalando e subindo os morros das ruas do bairro de Pinheiros (onde minha psicóloga possuía o consultório). Já havia uma grande quantidade de entregadores na época. As notícias começavam a correr tanto em veículos midiáticos mais à direita, “Apps de entrega são oportunidade para trabalhadores e comércios”¹¹ e “Apps como Uber e iFood se tornam “maior empregador” no Brasil”¹², como em mídias mais à esquerda “São 12 horas por dia, 7 dias por semana para ganhar 936 reais sem 13º, sem férias, sem descanso, sem direitos”¹³ e “Desempregados alugam bicicletas para ingressar em serviço de delivery no Rio”¹⁴. A produção acadêmica, puxada por pesquisadores como Ludmilla Abílio, Ana Cardoso, Ricardo Antunes, Rafael Grohmann, entre outros, também já buscava compreender esse fenômeno, ora chamado de uberização, ora capitalismo de plataforma, plataformização do trabalho e *gig economy*, entre outras conceituações em disputa. Porém, o foco desses noticiários e estudos acadêmicos era, em sua maioria, os trabalhadores que utilizavam motos (motoboys) para operacionalizar suas entregas ou o trabalho no transporte de passageiros, os motoristas “uber”.

Dali em diante, me acendeu um sinal. Fiz o registro da foto e comecei a refletir quanto a esse tipo de trabalhador. Cada vez que me deslocava para São Paulo, sua paisagem mudava rapidamente: eram cada vez mais entregadores ciclistas. Estavam em cada praça e rua da cidade, não apenas nas praças maiores e centrais da capital. Passei a estar atento e registrar incessantemente as diversas notícias sobre os entregadores, sejam em forma audiovisual ou em textos. Entrei em vários grupos de entregadores (privilegiando os que usavam bicicleta) nas redes sociais. Fui apreendendo as postagens que eram realizadas nesses grupos, até me deparar com o depoimento de um jovem rapaz chamado Wellyngton que me marcou e iniciou meu projeto de pesquisa. Jovem, negro,

¹¹ Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/empreenda-se/noticia/2020/04/02/com-quentena-apps-de-entregas-sao-oportunidade-para-trabalhadores-e-comercios.ghtml/>. Acesso em 23/05/2022.

¹² Disponível em: <https://exame.com/economia/apps-como-uber-e-ifood-sao-fonte-de-renda-de-quase-4-milhoes-de-pessoas>. Acesso em 23/05/2022.

¹³ Disponível em: <https://olhardeclasse.com.br/index.php/12h-por-dia-7-dias-por-semana-r-936-como-e-pedalar-fazendo-entregas-por-aplicativo-trabalho-ou-escravidao-moderna/>. Acesso em 23/05/2022.

¹⁴ Disponível em: <https://www.brasildetatorj.com.br/2019/05/08/desempregados-alugam-bicicletas-para-ingressar-em-servico-de-delivery-no-rio>. Acesso em 23/05/2022.

periférico. Como muitos outros jovens no Brasil, Wellyngton vem se virando com bicos. Sem dinheiro para comprar uma moto, pegou sua bicicleta e começou a fazer entregas. O jovem de 21 anos saía de Guaianazes, bairro da Zona Leste de São Paulo, às oito da manhã e fica nas ruas até o último trem da noite. Em seu relato, mostra como sua relação com as entregas era atravessada por um sentimento de abandono e medo:

(...) tem que trabalhar todo dia. Sinto medo também, porque não tenho a quem recorrer em caso de acidente. Sou eu e eu. Do nada, tudo mudou, e não parece que vai passar num estalar de dedos, parcelei a bicicleta e saí para a rua. Nunca parei para pensar, só fui fazendo.¹⁵

Um tempo se passou, a pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil. A modalidade dos entregadores adquiriu grande centralidade em razão da adoção das medidas de isolamento social e da classificação de serviço de entrega como atividade essencial para fins de enfrentamento à disseminação do vírus. A repercussão foi tanta que houve a primeira paralização da categoria no Brasil, o chamado “breque dos apps”, em 01 de julho de 2020, o qual chegou a ser noticiado internacionalmente.

Voltando a morar com minha mãe, devido à pandemia, acabei ficando mais próximo da temática da bicicleta. Por influência dela, uma ciclista que frequentava e frequenta diversos grupos de ciclismo tanto em São Paulo como em sua cidade atual, comecei a me familiarizar com esse meio de transporte e a considerá-lo como objeto de atenção e reflexão. Por fim, minha mãe me apresentou um amigo, um homem de cerca de 45 anos, que era um *bike courier*¹⁶, e foi ali que comecei a materializar meu objeto de pesquisa. Por um lado, tínhamos uma categoria nascente (até então não encontrava tantos estudos com foco nessa categoria) formada por uma juventude periférica, predominantemente negra, masculina, sofrendo os ruídos do desemprego e do desalento e adentrando ao recente trabalho plataformizado, utilizando como meio de transporte bicicletas antigas (próprias) ou alugadas. Do outro, conhecia um homem branco, pertencente a uma outra geração e origem de classe, que exercia uma atividade que existia anteriormente à chegada dos aplicativos, caracterizada pela utilização de bicicletas de alto padrão, com vínculos empregatícios e processo de trabalho próprios.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/spinvisivel/photos/pb.100080502528640.-2207520000/3868205923264047/?type=3>. Acesso em 15/04/2021

¹⁶ Popularmente conhecido na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA) antes mesmo da chegada dos aplicativos, os *bike couriers*, ou *bike mensageiros* são entregadores de documentos, mercadorias, usuários de bicicleta, que prestavam serviços a certas empresas específicas do ramo ou até cooperativas. Disponível em: <https://www.bikemagazine.com.br/2014/07/mensageiros-de-duas-rodas/>. Acesso em 23/05/2022.

Após essa descoberta, me deparei com o texto “Trabalhadores do Brasil: Virem-se!” de Machado da Silva (1999), que me trouxe uma noção tanto subjetiva como objetiva da desestruturação salarial na qual o país se encontrava desde os anos 80/70. O estilo de vida dos trabalhadores, a sua cultura possui hoje menos “condições de se reproduzir como um sistema coerente e significativo de orientação de valor”. As relações sociais experienciadas estão cada vez mais fragmentadas e imprevisíveis, a formação da autoimagem do trabalhador acompanha a vulnerabilidade e desestabilização do assalariamento. Essa questão, em especial, me fez refletir tanto sobre as condutas dos entregadores nos grupos de Facebook em que eu estava, como sobre suas demandas formuladas no “Breque dos apps”. Acabei por relacioná-la ao sentimento de uma juventude sem muita perspectiva de futuro, na qual eu me sentia também pertencer, utilizando como base, a categoria de “viração”, que já era discutida por Telles (2006), Rizek (2006) e também recuperada por Abílio (2017).

Como cheguei ao meu campo

Em julho de 2022, eu e outros membros da equipe de pesquisa ANR/FAPESP, incluindo minha orientadora, Aline Pires, e as professoras Cibele Rizek, Livia Fioravanti e pesquisadores da equipe francesa, incluindo o professor Christian Azais, que posteriormente se tornaria meu supervisor no BEPE, visitamos São Paulo para iniciar nossa pesquisa de campo. Durante esse período, conduzimos uma pesquisa exploratória em vários pontos da cidade onde havia concentração de cicloentregadores. Embora alguns dos pesquisadores já estivessem trabalhando na pesquisa havia alguns meses, o dia 26 foi o meu primeiro dia de campo. Através dessa imersão exploratória coletiva, tive a oportunidade de explorar e mapear o que, quase que acidentalmente, se tornou o principal espaço empírico da minha pesquisa.

Era um dia nublado, 18 graus, com bastante neblina na parte da manhã. A caminho do local marcado para o encontro de todos os pesquisadores, na linha verde do metro, lá pelas 10 e pouco da manhã, me deparei com um jovem segurando uma bag¹⁷ do iFood. Estava com mais duas mulheres, elas sem bag e possivelmente amigas. Segurava a bag

¹⁷ Bolsa ou mochila especial usada para transportar pedidos aos clientes de forma organizada e segura. Feitas de materiais duráveis como nylon ou poliéster, essas bolsas podem conter compartimentos internos para acomodar diferentes tipos de pedidos, como alimentos quentes e frios, bebidas, etc.

dentro do vagão do trem, ora em sua cabeça, ora como uma bolsa convencional. Aproximei-me deles e ouvi suas conversas. Presumi que ele pretendia ir para a Praça da República, ou para a Av. Paulista, considerando a linha do metro em que estávamos e sabendo que esses dois lugares possuíam aglomerações de entregadores. Naquele momento, não tinha ficado claro para mim qual seria seu destino.

Saindo do metro com meus colegas pesquisadores, próximo à Praça da República, avistei alguns entregadores pedalando no entorno, próximo ao teatro municipal de São Paulo. Caminhando para o calçadão, localizamos um pequeno aglomerado de jovens entregadores com suas bicicletas apoiadas em uma árvore em frente ao *McDonald's* localizado no cruzamento da Rua Barão de Itapetininga com a Rua Conselheiro Crispiniano, próximo do Teatro Municipal de São Paulo. Interagimos de modo mais aberto com os entregadores. Eles estavam começando a chegar ao local e se reunindo em uma roda, em que eram realizadas conversas, usos de cigarros e maconha, um pouco antes dos aplicativos começarem a tocar. De certa forma, foi uma surpresa o fato de as abordagens serem um tanto quanto receptivas da parte deles.

Nesta primeira visita ao local, não permanecemos por muito tempo. Foi uma ocasião repentina e extremamente empolgante. Havia uma infinidade de coisas acontecendo simultaneamente. No início, eu ficara “travado”, um completo estranho entre tantos rapazes que se conheciam, olhando para mim com expressões de curiosidade: "Quem é esse garoto e o que ele está fazendo aqui?". Enquanto eu tentava me aproximar para interagir, algumas pessoas me chamavam de jornalista, após verem que eu estava fazendo perguntas e perguntando se elas poderiam ser gravadas. Em um momento cômico, lembro-me de ter conversado com um garoto que, aliás, nunca mais vi desde então. Enquanto isso, alguns entregadores ao redor riam e filmavam aquela entrevista, afirmando que o entregador se tornaria famoso. Suponho que essa postura assumida por eles tivesse relação com a grande atenção que a mídia vinha dando para essa categoria nos últimos anos. Afinal, essa modalidade de trabalho adquiriu grande centralidade desde a expansão da Covid-19, em razão das adoções das medidas de isolamento social e da classificação de serviço de entrega como atividade essencial (Abílio et al., 2020).

Ao passo que conversávamos em roda, me aproximei mais de um deles e começamos a conversar. Seu nome era Ricardo, mas seu apelido no grupo era Tiradentes. Trata-se de um dos rapazes que viria a ser mais próximo a mim, assim como outros dois

interlocutores que aparecerão ao longo do capítulo 1. Naquele instante, ouvi relatos intrigantes sobre Tiradentes, através dos quais pude vislumbrar os primeiros vestígios que viriam a aparecer de modo agudo e dinâmico ao longo de minhas imersões etnográficas no Centro. Eu sabia, naquele exato momento, que aquele lugar se tornaria o epicentro da minha pesquisa. Foi ali que estabelecemos uma conexão que me abriria as portas para minhas próximas imersões, desta vez, realizadas de forma independente nos meses seguintes.

1. SOCIEDADE DAS ENTREGAS: TRABALHO, COTIDIANO E ESTRUTURA SOCIAL DO *PONTO*

Neste capítulo, meu objetivo é fornecer um panorama abrangente sobre os cicloentregadores que atuam no Centro de São Paulo, com ênfase especial no local onde foquei minha pesquisa, conhecido como *Ponto*. Para isso, irei traçar um histórico do local, descrever suas peculiaridades e aprofundar-me nas principais características dos entregadores. Além disso, vou destacar as formas de interação entre eles, compartilhando um pouco de suas histórias pessoais, bem como abordar a dinâmica cotidiana desse ambiente.

1.1. Chegando no *Ponto* e conhecendo os rapazes

Conforme mencionado na seção anterior, o campo em que a pesquisa foi realizada, está localizado no Centro de São Paulo. A *zona de pouso*, mais conhecida pelos entregadores da região como *Ponto*, se localiza próximo à Praça da República, ao final do calçadão da Rua Barão de Itapetininga no cruzamento com a Rua Conselheiro Crispiniano. É situado em frente ao vale do Anhangabaú e ao Teatro Municipal de São Paulo, na Praça Ramos de Azevedo (Figura 2). Mais precisamente, o *Ponto* encontra-se: entre um *McDonald's*, situado em um dos lados da rua (Figura 3), ao lado do prédio da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) (Figura 4), e do condomínio Nova Barão (Figura 5) seguido de uma loja *Flash Áudio Games*, de produtos de celular (Figura 6), localizadas no lado oposto da rua. Nesse local, pode-se observar um pequeno grupo entregadores, com suas bicicletas apoiadas na árvore em meio ao calçadão (Figura 7) (Figura 8) (Figura 9).

Figura 2 - Foto do Teatro Municipal de São Paulo e da Praça Ramos de Azevedo



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Figura 3 - Foto do McDonald's



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Figura 4 - Foto do prédio da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET)



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Figura 5 - Foto do condomínio Nova Barão



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Figura 6 - Foto da loja Flash áudio games



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Figura 7 - Foto do Ponto



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação ao longo de 2022 e 2023

Figura 8 - Foto do Ponto



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação ao longo de 2022 e 2023

Figura 9 - Foto do *Ponto* sem os entregadores

Fonte: Registro fotográfico do autor em observação ao longo de 2022 e 2023

Era final de outubro, e estava de volta a São Paulo no intuito de iniciar minha imersão junto aos entregadores neste local que havia descoberto meses atrás. Por volta das 10h da manhã, caminhava pelo calçadão da Rua Barão de Itapetininga em direção àquele *Ponto*, que, à primeira vista, parecia tão enigmático. Quanto mais me aproximava do *Ponto*, mais eu procurava por rostos familiares da visita exploratória passada. Infelizmente, não reconheci ninguém, a não ser Tiradentes, que estava em meio à roda feita pelos entregadores. Pela primeira vez sozinho, antes de me aproximar, decidi fazer uma breve parada no banheiro do *McDonald's*, localizado em frente ao *Ponto*. Fiquei ali, perdido em meus pensamentos, por cerca de dez minutos, refletindo sobre como poderia abordar e me integrar àquele pequeno grupo de entregadores, o que parecia uma barreira intransponível para minhas habilidades sociais.

Quando sai do *fast-food*, notei que a disposição dos entregadores havia mudado e senti uma oportunidade de me aproximar. Dirigi-me diretamente à Tiradentes, o abordei mencionando meu nome e perguntei se ele se lembrava de mim, destacando que eu era parte do grupo de pesquisadores universitários que havia visitado aquele lugar recentemente. Ele recordou que um grupo estivera ali, mencionando especificamente um homem francês (Christian) e uma mulher (Lívia), que estava acompanhada de um garoto e fazendo perguntas. Nesse momento, ele lembrou de mim e conversamos sobre meu interesse em conhecer sua trajetória e a de todos os entregadores daquele local, sobre como era o cotidiano, o que eles achavam desse trabalho de entregas e suas perspectivas

futuras de vida. Aproveitei a oportunidade para firmar um vínculo que me abriu as portas e que me permitiu ficar junto deles, acompanhando as idas e vindas daqueles garotos cujos celulares não paravam de apitar “iFood, iFood”.

Enquanto estávamos conversando, percebi que Tiradentes estava ocupado arrumando a bicicleta de um entregador próximo a nós. Nesse momento, ele chamou o entregador, cujo nome era Adriano, e nos encorajou a dialogar. Desde o início da conversa, ficou evidente que, por ser um amigo próximo de Tiradentes, Adriano sentiu-se à vontade para conversar comigo e se abrir durante a interação. Através de uma simples conexão, sendo rotulado como "firmeza", ganhei credibilidade e aceitação, o que garantiu minha conversa não apenas com Adriano, mas também com muitos outros rapazes que estavam por vir.

Adriano foi minha primeira entrevista gravada. Quando perguntado se era de São Paulo, ele respondeu que vinha de Minas Gerais, assim como Tiradentes, cujo apelido refere-se justamente à sua origem. Mais adiante, um rapaz, que estava preparando um cigarro de maconha enquanto ouvia a nossa conversa, acenou, afirmando que também não era de São Paulo e vinha de Goiás. Todos acharam curioso e começaram a rir, questionando a ausência de paulistas naquele momento. Foi quando perguntaram sobre a minha origem. Eu disse que nasci em São Paulo mesmo, mas atualmente estava morando em São Carlos, onde estava fazendo meu mestrado. Nessa hora, um entregador mais distante, ao ouvir minhas palavras, gritou: "Minha família mora em Araraquara, é perto dali, né?". Eu me virei, animado, e confirmei que sim, expressando o desejo de conversar com ele em breve.

Aproveitando o momento em que todos estávamos interagindo, decidi perguntar se havia entregadoras mulheres que frequentam o local. Carregava esse questionamento desde a primeira vez que tinha ido ao *Ponto*. O fato de não encontrar ali nenhuma mulher, nem nos arredores, despertava minha curiosidade. Tiradentes me informou que havia uma que aparecia ocasionalmente, mas comentou, de forma vulgar, que ela tem um corpo com curvas acentuadas, mas que infelizmente é “sapatona”. Adriano acrescentou dizendo que existiam mulheres que trabalhavam como entregadoras, mas elas preferiam não permanecer no *Ponto*, pois se sentiam desconfortáveis em um ambiente predominantemente masculino. Segundo ele, o excesso de homens acaba gerando

intimidação e medo, o que afasta as mulheres do local: “é um local que constringe por ter muitos homens”.

Após concluir minha conversa com Adriano, fui ao encontro do rapaz cuja família era de Araraquara. Ele tinha acabado de retornar de uma entrega. Sendo muito receptivo, tive a oportunidade de conversar e realizar uma entrevista ali mesmo. Seu nome era Leonardo, mas todos o chamavam de Neblina. Negro, de pele retinta, aos 24 anos evidenciava uma calvície prematura. Geralmente, usava roupas velhas e amassadas. Neblina afirmava estar sempre conectado à cultura africana e se considerava um praticante tanto da Umbanda quanto do Candomblé. Trabalhava religiosamente de segunda a sábado, reservando o domingo para descansar e arrumar sua pequena *kitnet*, localizada no Centro, perto do *Ponto*. Diferentemente dos outros entregadores, que geralmente usavam as bolsas vermelhas do iFood, Neblina se destacava com sua bolsa azul, que havia recebido durante seu tempo trabalhando na empresa Daki¹⁸.

Por uma questão de afinidade, comecei minha conversa com ele perguntando sobre sua família em Araraquara. Neblina, de maneira intensa, compartilhou que seus pais se mudaram para São Paulo em busca de uma vida melhor, instalando-se em um apartamento que havia sido deixado de herança pela sua avó, no bairro de Santa Cecília. Durante a estadia em São Paulo, eles tiveram cinco filhos, sendo Neblina o caçula. No entanto, Neblina revelou que seus pais lutavam contra o alcoolismo e dependência química, e sua relação com eles, especialmente com sua mãe, era extremamente conflituosa: "Brigávamos muito e o convívio em casa não era saudável, nem mesmo para dizer “bom dia”". Mesmo sendo tão jovem, enquanto conversava com Neblina, era evidente que sua expressão revelava alguém cuja vida não fora fácil, como ele mesmo costumava dizer: "Você sabe como é. Infelizmente, somos apenas mais um na multidão". Neblina teve que “se virar” desde os 12 anos de idade. Ele já fez todo tipo de trabalho nas ruas para garantir seu sustento, desde carregar água até trabalhar como confeitiro, distribuir panfletos e recolher latinhas para reciclagem. A variedade de trabalhos que Neblina desempenhou nas ruas moldou sua personalidade, e ele se mostrava extremamente grato por essas experiências. Para ele, a rua é sua verdadeira mãe e professora.

¹⁸ Daki é um mercado digital que faz entregas de itens de mercearia, hortifrúti e bebidas, além de artigos para a casa, higiene pessoal e até produtos para animais de estimação.

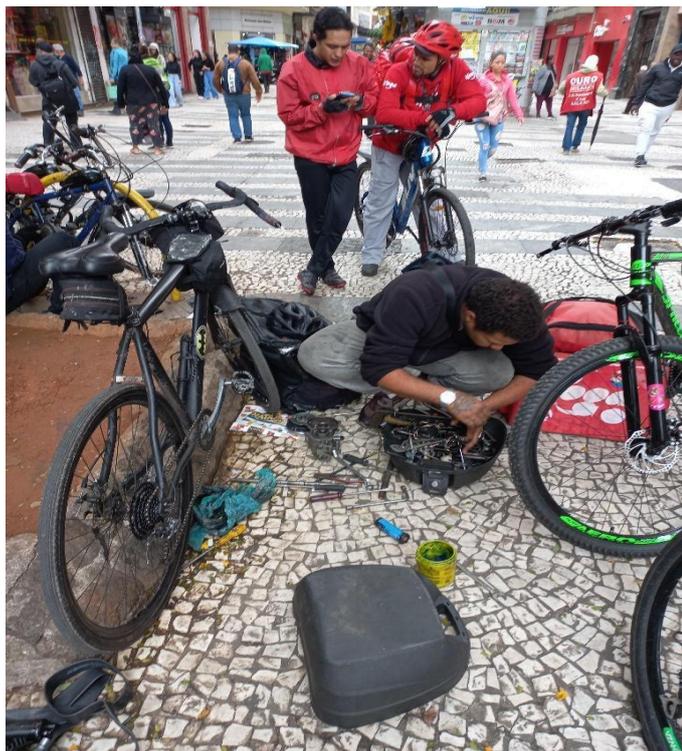
Ao longo do dia, Tiradentes perambulava pelo calçadão, interagindo com outras pessoas que também trabalhavam nas proximidades dos entregadores que se reuniam em torno da árvore. Altamente carismático, mantinha relações com todo tipo de gente que trabalhava por aquele local, desde os “chamadores¹⁹” que trabalhavam para os restaurantes próximos, até os senhores que por ali ficavam sentados em seus banquinhos, vestindo um colete amarelo com os dizeres “compro ouro”. Sua voz ecoava no ambiente, sendo alta e penetrante. Negro, de pele escura, alto, olhos verdes e cabelos encaracolados castanhos.

Surpreendentemente, ele trabalhava como mecânico no *Ponto*, “colocando para girar” qualquer bicicleta que aparecesse com um pneu furado ou algum outro dano imprevisto do dia-a-dia (Figura 10) (Figura 11) (Figura 12). Estava sempre sujo e com as mãos manchadas pela graxa azul que frequentemente carregava consigo, o que o fazia parecer, muitas vezes, possuir mais de 30 anos. Usava roupas velhas, de cores mais escuras sempre manchadas de óleo, que garantiam-no o estereótipo da figura de mecânico que todos estamos acostumados a imaginar.

Em 2018, cansado de pedalar durante as entregas que realizava por aplicativo, decidiu comprar uma bicicleta motorizada. Na primeira semana de trabalho, gastou 600 reais em consertos de sua *bike*. Inconformado com a situação de gastar metade do valor que pagou na própria bicicleta, começou a aprimorar conhecimentos de mecânica mexendo na própria bicicleta. Tiradentes afirmou que tinha uma certa experiência com motores anteriormente e se tornou especialista em bicicletas motorizadas e mecânico no *Ponto*. Hoje, possui mais de 400 clientes espalhados no Centro de São Paulo, o que o possibilitou comprar um carro de 19 mil reais, apenas trabalhando naquele local.

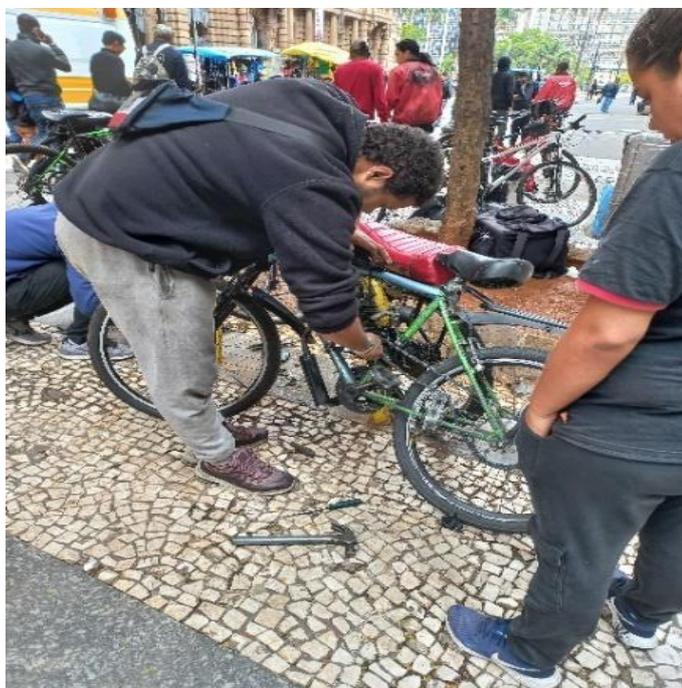
¹⁹ O trabalho dos “chamadores” envolve abordar pessoas, distribuir panfletos, amostras grátis, brindes ou realizar demonstrações de produtos, referentes ao estabelecimento que os contratou.

Figura 10 - Foto de Tiradentes trabalhando como mecânico no *Ponto*



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação ao longo de 2022 e 2023

Figura 11 - Foto de Tiradentes trabalhando como mecânico no *Ponto*



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação ao longo de 2022 e 2023

Figura 12 - Foto de Tiradentes trabalhando como mecânico no Ponto



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação ao longo de 2022 e 2023

Todo entregador que passa pela rua da Barão conhece bem Tiradentes, que ganhou confiança e respeito dando apoio aos garotos que carregavam as bags nas costas para cima e para baixo. De forma geral, os reparos aconteciam no chão do calçadão. Tiradentes estava sempre junto a sua caixa de ferramenta preta, uma bolsa de plástico duro que foi improvisada para armazenar todos os seus instrumentos. Dela surgem ferramentas e apetrechos capazes de, em minutos, devolver a bicicleta a um entregador que teve algum contratempo (Figura 13) (Figura 14). Como sua caixa ficava costumeiramente espalhada pelo chão, as ferramentas eram, com um certo grau de liberdade, compartilhadas por todos, estando à disposição dos entregadores para eles mesmos, quando o reparo era considerado simples, apertar, alinhar e ajustar alguma peça. Em função das bicicletas frequentemente apresentarem avarias, todos acabavam adquirindo conhecimento sobre os mecanismos, mesmo porque, muitas das vezes, não possuíam dinheiro para pagar pelos serviços de Tiradentes.

Tiradentes afirmava que conhecia de vista todas as bicicletas em que já pôs a mão, como se fossem suas roupas. Certa vez, quando passara um entregador pelo calçadão, ele apontou e falou, “está vendo aquela bicicleta dele ali, já passou por mim”. Enquanto conversava com um cliente pelo celular, aproveitei a oportunidade para fazer uma pergunta sobre como ele via o seu trabalho no *Ponto*, se considerava todos os colegas

como clientes. Sua resposta foi clara: "Eu os vejo como clientes, porque se os encarasse como amigos, não daria tanta atenção". Ao lado de nós, um entregador chamado Wagner estava consertando sua própria bicicleta (que era motorizada). Ele recebia dicas e ferramentas de Tiradentes para realizar o reparo. Embora Tiradentes afirmasse que via a todos como clientes, a interação entre eles mostrava que as relações afetivas estabelecidas no trabalho ultrapassavam a superficialidade de uma relação comercial típica.

Figura 13 - Foto da caixa de ferramentas e o banquinho de Tiradentes



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de outubro de 2022

Figura 14 - Foto da caixa de ferramentas

Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de outubro de 2022

Apesar de trabalhar a maior parte do tempo como mecânico, Tiradentes ainda realizava algumas entregas, atividade que exercia antes de sua empreitada como mecânico. A continuidade nas entregas se fazia no intuito de garantir sua conta como entregador no aplicativo do iFood, tendo em vista que, se interrompesse a periodicidade do uso do aplicativo, haveria punições por parte da plataforma. Como ele mesmo disse acerca das entregas, “se acontecer algo, eu ainda tenho uma segurança”.

Nos primeiros dias em campo, eu sempre ficava próximo a Tiradentes, ele era meu “porto seguro”, quem me apresentava diversos entregadores, incentivando-me a gravar entrevistas. Tiradentes havia se tornado uma figura semelhante ao *Doc*, com quem Foote Whyte (2005) possuía estreita relação e que o possibilitou adentrar por aquela *Sociedade de Esquina*. *Doc* desempenhou um papel fundamental como intermediário, alguém que “abriu as portas” e ajudou a dissipar as dúvidas de *Foote* junto às pessoas da localidade. Tiradentes, assim como Daniel e Neblina, foram os meus *Docs* durante toda minha pesquisa. Eram aqueles que me receberam, me auxiliaram e que me esclareceram muitas das incertezas que persistiram ao longo desta investigação.

Ao longo dos dias que estive frequentando o *Ponto*, pude interagir de modo mais aberto com quase todos que ali estabeleciam alguma relação de trabalho e pertencimento.

Apesar do ambiente se mostrar receptivo, muito em função de meus informantes mais próximos, Daniel, Neblina e Tiradentes, que me abraçaram e me inseriram nesse universo social riquíssimo, os estranhamentos e tensões atravessavam frequentemente minha experiência e a relação com aquele grupo de entregadores.

No livro *Sociedade de Esquina*, fica claro que o pesquisador não tem conhecimento prévio de onde está "aterrissando". Muitas vezes, ele se encontra em um território que não foi previamente estabelecido, como se estivesse caindo de "paraquedas". Nesse sentido, o pesquisador não é familiarizado com as complexas teias de relações, regras e comportamentos que caracterizam a estrutura social do local. A técnica da observação participante pressupõe uma interação entre o pesquisador e os participantes. As informações obtidas e as respostas recebidas às perguntas dependem do comportamento do pesquisador e das relações que ele desenvolve com o grupo (Whyte, 2005).

Por mais que eu estivesse entrosado, tentava me comportar de forma adequada ao convívio, mas nunca como um deles. Claramente, para eles, eu era dotado de outros saberes que eram emanados por minha própria forma de me vestir e falar. As disposições, o *habitus* (Bourdieu, 1997) de classe era o que me chamava mais a atenção e que denunciava essa distinção, que me enquadrava como algo "externo" àquele grupo. Todos os dias, prestava atenção em meu vestuário, buscando não me destacar. Procurava sempre usar uma camiseta lisa, uma bermuda simples e uma bolsa popular, onde carregava celular, diário de campo, carteira e caneta. Eu, João, branco, de classe média, 26 anos, pós-graduando, produzia um efeito naquela interação, assim como aquela interação teria um efeito sobre mim. Não poderia negar que a presença corporal e todos os signos, minha linguagem, o lugar de onde vinha (universidade) causavam um certo estranhamento e curiosidade, revelando também sobre a situação de classe e as sociabilidades locais.

Embora optasse pela máxima discrição através da minha vestimenta, as marcas da distinção se sobressaiam, seja pela minha profissão, seja pela minha cor e *hexis corporal* (Bourdieu, 1997). Uma ocasião em particular me vem à mente: Adriano se aproximou de uma roda de rapazes no *Ponto* pedindo para que alguém lhe emprestasse dinheiro. Eu estava nas proximidades e, ao me avistar, ele dirigiu-se diretamente a mim, dizendo: "Você! Você tem, né? Você tem cara de quem tem dinheiro". Em questão de segundos, me tornei o centro das atenções, com vários entregadores me observando. Senti-me um

pouco envergonhado e intimidado, porém, prontamente, confirmei que realmente tinha o dinheiro e o entreguei a Adriano, que agradeceu com um simples "valeu, parceiro".

Logo após alguns minutos, comecei a ponderar sobre o ocorrido. Foi nesse instante que me dei conta de que uma leitura completa a meu respeito já havia sido feita, e eu fui categorizado dentro de uma certa classificação social que se alinhava à imagem que eles haviam construído sobre mim, minha forma de ser e estar naquele lugar/grupo. Era inegável que essa classificação era verdadeira; eu não pertencia àquele universo. Assim como Foote Whyte (2005) muitas vezes pontuou, meus passos durante o trabalho de campo eram conhecidos e estavam sendo controlados por eles. Eu era um observador que estava sendo todo o tempo observado.

De certa forma, senti-me coagido a emprestar o dinheiro por duas razões distintas. Em primeiro lugar, havia a incerteza em relação à imagem que eu estava projetando. Se eu expressasse qualquer negatividade para Adriano, levando em consideração a suposta percepção que ele havia formado sobre mim, qual seria o impacto disso no grupo? Eu já havia sido completamente julgado e colocado na posição de alguém que, claramente, teria recursos para emprestar, insinuando uma renda, uma posição e uma origem diferente de meus interlocutores. Em segundo lugar, havia a questão de negociar favores prestados. Eu havia sido aceito no grupo e obtido aval para entrevistá-los. Adriano, por exemplo, já havia me concedido uma entrevista e estabelecido uma abertura para muitas outras conversas mais esporádicas. Portanto, havia uma dinâmica de troca de favores em jogo, o que acabou contribuindo para a minha decisão de emprestar o dinheiro. Assim como Foote Whyte, eu sabia que essa negociação era imprescindível para a continuidade de minha empreitada junto àquele grupo.

Outra situação interessante envolveu Fernando, um entregador com uma personalidade peculiar. Ele sempre chegava ao *Ponto* em sua bicicleta aro 29, coberta de adesivos, ouvindo um funk alto que ecoava de uma caixinha de som portátil presa ao seu peito por um cordão. Seus tênis pretos da *Adidas* possuíam amortecedores, e ele usava camisetas largas da marca *Ecko*, juntamente com bermudas de poliéster também da *Ecko*. Complementando seu visual, usava uns característicos óculos *Juliete*, vestuário²⁰ muito comum entre músicos do estilo funk e seu cabelo ostentava um estilo pouco convencional,

²⁰ Essas marcas e acessórios compõem uma gama de símbolos de status que caracterizam e representam a “estética de cria”, sua cultura e identidade.

com uma generosa quantidade de gel aplicado. Além disso, sempre carregava consigo uma bolsinha no estilo Shoulder Bag, na transversal.

Fernando tinha o hábito de chegar sempre de manhã no *Ponto*, e muitas vezes seu café da manhã consistia em uma cerveja ou suco, acompanhado de um salgadinho de batata comprado no carrinho do Jorge. Possuindo uma tatuagem em formato de gota no rosto, Fernando personificava o estereótipo do "cria de favela", uma expressão amplamente utilizada, principalmente entre os jovens, para descrever a origem de uma pessoa. Essa gíria se popularizou por meio de músicas dos gêneros rap e funk, além das redes sociais. Em São Paulo, é comumente empregada para fazer referência ao bairro onde alguém nasceu, sendo utilizada pelas pessoas que cresceram e vivem nas periferias e que cria uma identificação com todos ao seu redor que se aproximem do *ethos* de um "cria".

Inicialmente, devido à aparente falta de semelhança entre nós, sentia que não havia uma grande abertura da parte de Fernando em relação a mim, principalmente por conta de minha aparência transmitir exatamente o oposto da sua atitude como "cria". O estranhamento de Fernando era evidente e, de certa forma, isso me intimidava. Nossos gostos, corpos e posições sociais distintas criavam uma barreira, gerando uma tensão, na qual nossos olhares e percepções mútuas pareciam travar uma partida de xadrez, esperando quem tomaria a iniciativa primeiro, quem daria o primeiro passo em direção ao outro. Demorei bastante para me aproximar de Fernando. Levei um bom tempo frequentando aquele local, até que eu finalmente reunisse coragem para, durante uma conversa paralela, dirigir uma pergunta a ele. Surpreendentemente, ele respondeu de maneira simpática e, em seguida, ofereceu-se prontamente para uma entrevista, algo que eu não esperava, devido ao meu próprio preconceito em relação à sua imagem, que me parecia intransponível. Após a entrevista, tudo mudou. Descobrimos pontos em comum, como o fato de sermos jovens e termos idades muito próximas, além de interesses compartilhados em relação às nossas vidas. A partir desse momento, Fernando passou a se aproximar de mim, perguntando sobre o progresso da minha pesquisa, contando piadas e me incluindo nas conversas que aconteciam durante o dia no *Ponto*.

Para concluir, vale compartilhar uma última cena que sintetiza a sociabilidade vivenciada no trabalho desses entregadores, revelando também alguns aspectos da sociabilidade do local. Nos próximos capítulos desta dissertação, aprofundarei ainda mais

essa dinâmica, explorando seus detalhes. Essa cena em particular representa um último aprendizado, dentre os muitos que obtive ao interagir no *Ponto*, evidenciando como lidei com diversas situações que surgiram ao longo da pesquisa de campo.

Era a terceira vez que eu vinha a São Paulo para realizar um período de imersão em meu campo. O dia estava nublado e algo na atmosfera do Centro da cidade não me deixava à vontade. Ao chegar no *Ponto* naquela quarta-feira, senti um peso no ar. Os olhos dos entregadores estavam fundos, em completa desarmonia com as ocasiões anteriores em que eu os via cheios de alegria e brincadeiras. No meio desse clima tenso, percebi que um grupo de entregadores estava reunido em uma roda, tentando encontrar o telefone da mãe de alguém. Enquanto várias viaturas da polícia passavam pela Rua da Barão, um dos rapazes que estava na roda gritou que havia encontrado o telefone da mãe de Pedrinho. Curioso, decidi prestar mais atenção às conversas em sussurros que ecoavam pelo *Ponto*. Foi então que ouvi que o tal Pedrinho havia sido preso poucos minutos antes.

Decidi abordar Daniel, que estava próximo a mim, e perguntei sobre a situação de Pedrinho. Daniel me conta que Pedrinho costumava fazer entregas no *Ponto*, mas decidi abandonar esse trabalho para se envolver com o tráfico de drogas, pois assim ganhava mais dinheiro e de forma mais rápida. Ele parou de realizar entregas por aplicativo e se dedicou exclusivamente à venda de entorpecentes. Pedrinho acabou sendo preso no Largo do Arouche, próximo à região onde minha tia mora e onde eu tinha passado minutos antes. No *Ponto*, todos ficaram sensibilizados com a situação. Daniel relatava que algumas pessoas estavam tentando entrar em contato com a mãe de Pedrinho para informá-la sobre a prisão. Ao longo do dia, o assunto dominou as conversas no *Ponto*. As pessoas especulavam sobre como Pedrinho estaria e quanto tempo ficaria detido. Daniel chegou a comentar que Pedrinho provavelmente ficaria cinco ou seis anos preso e só poderia recorrer no processo no próximo ano. “A juizada entra em recesso agora e só no próximo ano mesmo”.

Ao ouvir uma conversa ao meu lado, percebi que Felix havia tido sua mobilete apreendida durante uma abordagem policial enquanto realizava uma entrega. Decidi abordá-lo e perguntar se poderíamos conversar sobre o assunto. No entanto, Felix respondeu prontamente, com uma expressão de raiva, que não queria falar sobre aquilo. Ele mencionou que já tinha problemas demais com a polícia para resolver e não sabia

onde as informações poderiam acabar e o que eu faria com elas depois que falasse com ele.

Foi um dia em que ninguém parecia disposto a falar. Apesar de Felix ter sido bastante ríspido ao me negar uma conversa ou entrevista, percebi que não iria conseguir ter uma boa conversa com mais ninguém naquele dia. Fiquei atônito enquanto estava no campo, sentindo-me como um intruso no grupo, especialmente em um momento tão sensível e carregado de melancolia e tensão. Comecei a questionar o propósito da minha pesquisa, diante daquela realidade crua que se revelava e da sensação de que minha própria presença estava dissociada daquele grupo. Minha mente ficou inundada de dúvidas, perguntando-me *por que Felix e os outros me rejeitavam tão veementemente. Será que eu estava prestes a romper a relação com o grupo?* Após esse breve momento de angústia, decidi ficar em silêncio e evitar interações mais diretas com os rapazes que estavam ali. Foi um dos dias mais silenciosos desde que comecei a conviver com eles. Limitei-me a observar e fazer anotações sobre seus comportamentos. Mantive-me quieto, imerso em meu campo. Da mesma forma que William Foote Whyte aprendeu valiosas lições com sua pesquisa, naquele momento, eu também aprendia uma das mais importantes em meu campo de estudo. Nas palavras de Foote Whyte,

Sentado e ouvindo, soube, as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a se fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela (Whyte, 2005, p. 293)

Essa citação sintetiza minha experiência naquele dia. A partir do momento em que me tranquilizei, sentei-me no chão e apenas ouvi, senti e observei. Percebi que aquele era um momento particular para eles, uma espécie de luto pelo colega que havia “caído”²¹. Estavam processando todo o emaranhado de acontecimentos que ocorreram logo pela manhã. Eles sabiam que esse tipo de situação, embora fosse comum em suas vidas, trazia consigo a amargura de que, em outro dia, poderiam ser eles mesmos naquela viatura, com suas mães recebendo uma ligação dos colegas do *Ponto*.

Considerando as situações de tensão e aproximação entre mim e os entregadores, os conselhos apresentados por *Foote Whyte* se mostram extremamente pertinentes em

²¹ Termo utilizado entre os entregadores e que significa ser preso pela polícia.

relação à conduta e atuação na interação em campo. É importante reconhecer que somos diferentes do grupo pesquisado, e, como sujeitos externos, devemos reforçar essa posição mesmo que seja a partir de piscadelas (Geertz, 2008) ou negociações diretas em campo. Conforme Foote Whyte: “Aprendi que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas. Na realidade estavam interessadas em mim e satisfeitas comigo porque viam que eu era diferente. Abandonei, portanto, meus esforços de imersão total” (Whyte, 2005, p. 304).

1.2. “Aqui é plano e tem mais demanda. Aqui é o Centro”: o espaço social do *Ponto*

Durante minhas viagens a São Paulo, com o objetivo de realizar minhas pesquisas de campo, sempre fui acolhido pela minha tia, que gentilmente abriu as portas de sua casa para mim. Lá, tinha a companhia do meu tio Beto, um típico boêmio e intelectual, que havia sido professor de Ciências Sociais na Unesp de Marília e de Direito na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) de São Paulo. Durante minha estadia, fui acomodado em um pequeno quarto cercado por uma vasta coleção de seus livros. Um objeto que chamava particularmente minha atenção era um quadro preto e branco de Max Weber, feito com penas, que estava pendurado na parede em frente à minha cama. Confesso que não era fácil adormecer todas as noites com Weber observando minha jornada sociológica.

Todas as manhãs, eu acordava às 7 ou 8 horas, tomava meu café, checava meus e-mails e fazia qualquer outra tarefa que me aparecesse no momento. Às 10 horas, pegava meu caderno de campo, minha mochila, meu celular e descia para a rua. É importante salientar que, saindo por esse horário, era possível já visualizar os entregadores realizando entregas pelas ruas, em razão de ser o período do café da manhã.

Minha tia mora em um prédio antigo no Largo do Arouche, bem em uma esquina com a rua do Arouche, que deságua na Praça da República. Era por ali que eu começava minha caminhada até o *Ponto*. Em seu início, encontra-se uma padaria que, a essa hora da manhã, já ficava abarrotada de entregadores. Todos os dias, eu me deparava com os entregadores da região e alguns do *Ponto*, que ficavam em frente à padaria, apoiados em suas bicicletas de cor laranja do Itaú (Figura 15). Tratava-se de um local com altas demandas de pedidos no período da manhã. Alguns rostos já eram familiares, por ter conhecido alguns dos entregadores no *Ponto*. Pode-se afirmar que meu campo já se

iniciava ali, comigo acenando para aqueles rapazes que começavam seu expediente entregando o desjejum da população.

Figura 15 - Entregadores esperando pedidos em frente a padaria na rua do Arouche



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

Para chegar ao *Ponto*, eu ainda atravessava a Praça da República, e seguia para o calçadão da rua Barão de Itapetininga. Essa região é conhecida por uma intensa movimentação de pessoas, diversidade cultural e comércio vibrante. Trata-se de um quarteirão envolto de calçadões e galerias com uma grande variedade de lojas, inúmeras redes varejistas de grandes e pequenos negócios, restaurantes, redes de *fast food* e vendedores ambulantes. É possível encontrar uma ampla gama de produtos, incluindo roupas, eletrônicos, calçados, acessórios, artigos esportivos e muito mais (Figura 16) (Figura 17) (Figura 18).

Figura 16 – Foto que demonstra a multiplicidade comercial do calçadão da rua Barão de Itapetininga



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Figura 17 - Foto que demonstra a multiplicidade comercial do calçadão da rua Barão de Itapetininga



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Figura 18 - Foto que demonstra a multiplicidade comercial do calçadão da rua Barão de Itapetininga



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 29 de março de 2023

Cercados por prédios históricos e arquitetura marcante, os calçadões estão sempre repletos de pessoas, desde moradores locais até turistas. Ao caminhar pelo calçadão da Barão de Itapetininga, era muito comum ver uma multidão de trabalhadores como chamadores de qualquer tipo de estabelecimento ou serviço, vendedores ambulantes, pessoas puxando seus carrinhos de tapioca, de pipoca e batata, vendedores de ouro usando seus típicos coletes amarelos, vendedores de loja, artistas de rua, comerciários, entre tantas outras ocupações e trabalhos informais (Figura 19) (Figura 20) (Figura 21). É uma região em que é possível ver a pulsão de uma cidade que trabalha. No mais, era comum encontrar estudantes, imigrantes vindos principalmente do continente africano, pessoas em situação de rua e dependentes químicos transitando pelas ruas. O fluxo intenso cria uma atmosfera de energia e agitação que perpassa o cotidiano do local.

Figura 19 - Foto que demonstra a multiplicidade de trabalhos informais na rua Barão de Itapetininga



Fonte: Registro fotográfico do autorem observação no dia 23 de março de 2023

Figura 20 - Foto que demonstra a multiplicidade de trabalhos informais na rua Barão de Itapetininga



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

Figura 21 - Foto que demonstra a multiplicidade de trabalhos informais na rua Barão de Itapetininga



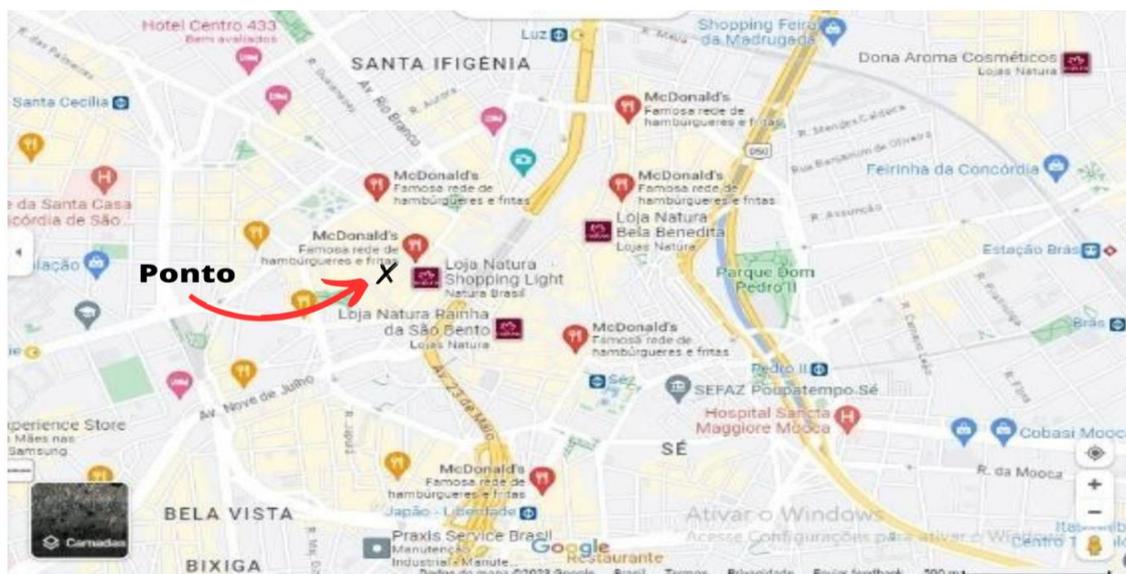
Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

As habitações no Centro de São Paulo são extremamente diversas, apresentando uma variedade de ocupações, cortiços e diversos tipos de imóveis. Essa região abriga uma

população heterogênea, que vai desde famílias de baixa renda até profissionais que optam por viver no Centro devido à proximidade do trabalho e à facilidade de acesso aos serviços e infraestrutura urbana. Muitos dos cicloentregadores que frequentam o *Ponto* residem no próprio Centro ou em regiões próximas, morando nesses cortiços e ocupações que são comuns à região.

Além da ampla variedade de estabelecimentos comerciais na região mencionada, é importante destacar alguns estabelecimentos que se mostraram fontes importantes de entregas para os entregadores. Dentro do perímetro que circunda o *Ponto*, na Barão de Itapetininga, é interessante notar que há ao menos seis lanchonetes do *McDonalds* pela região. Esses estabelecimentos são referenciados pelos entregadores como “Mc da São Bento”, “Mc da Ipiranga”, “Mc da Liberdade”, “Mc da Barão”, e “Mc da 25 de março”, uma vez que a maioria de suas entregas ao longo do dia passa por essas localidades. Na Figura 22 é possível localizar os seis *McDonald's* dentro do perímetro da Rua Barão de Itapetininga, onde o *Ponto* se encontra. Os estabelecimentos estão dispostos da seguinte forma: ao norte, encontram-se os localizados nas Ruas Vinte e Cinco de Março; à esquerda, estão os da Avenida Ipiranga e da Rua Barão de Itapetininga; e ao sul, encontra-se o localizado na Rua São Bento, e na Praça da Liberdade. Além da presença dominante desse “rei” do *fast food*, também existem restaurantes dentro do Shopping Light, cuja praça de alimentação está localizada no último andar. Isso requer que os entregadores subam para coletar os pedidos e deixem suas bolsas e bicicletas em um depósito no térreo ou até mesmo na rua, já que a entrada desses itens é proibida no shopping. Outra opção é o *Eco Mercato* (Figura 23), situado ao pé do edifício Copan, que se revelou uma grande fonte de pedidos realizados por meio de seus aplicativos nos smartphones.

Figura 22 - Localização dos seis *McDonald's* próximos ao *Ponto*



Fonte: Google Maps

Figura 23 - Estabelecimento Eco Mercado, situado ao pé do edifício Copan e cheio de entregadores



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

Uma peculiaridade espacial do *Ponto* está na ausência de um *iFood Pedal*²² na região central da cidade. O *iFood* é a principal plataforma de delivery do Brasil. De forma geral, os interlocutores são vinculados à plataforma de maneira principal e a outras de

²² Essas bases, em geral, possuem estrutura precária, como tendas montadas em espaços de estacionamentos, facilitando sua fácil remoção ou deslocamento. Ver Lima (2022) para mais detalhes sobre o funcionamento das bases do *iFood Pedal* e sua infraestrutura.

forma complementar. A empresa-aplicativo vem investindo em espaços ditos “pontos de apoio”, construídos em uma parceria entre o iFood e a Tembici²³ com o intuito de auxiliar o entregador com necessidades básicas (banheiro, local para descansar e fazer refeições) e realizar aluguel de bicicletas, tanto elétricas como mecânicas, popularmente chamadas de “vermelhinhas”²⁴ (apenas para os entregadores cadastrados). O *iFood Pedal* possuía suas principais bases organizadas em Pinheiros (Rua Cardeal Arcoverde) e Jd. Paulista (Rua Augusta), pelo menos até maio de 2023. É importante enfatizar essa data, pois, ao longo de 2022, cinco dessas bases do iFood foram desativadas, sendo possível observar uma verdadeira flexibilidade no que tange ao universo das entregas²⁵. Como podemos ver, as localizações desses “pontos de apoio” do iFood estão instaladas em regiões de alto capital econômico na cidade de São Paulo, o que vai ao encontro de um comentário feito por Tiradentes, enquanto conversávamos sobre as bicicletas do iFood: “no Centro eles [iFood], não colocam bike elétrica, só em bairro rico, Jardins, Paulista, etc.”.

No *Ponto* é possível observar uma maior frequência do uso de bicicletas próprias e de bicicletas compartilhadas do Itau²⁶ - as “laranjinhas” - por parte dos entregadores. Embora ocasionalmente apareça um ou outro entregador utilizando a bicicleta elétrica do iFood, como é o caso de Wesley. Sendo um dos poucos entregadores do *Ponto* que utiliza uma bicicleta elétrica do iFood, mencionou que retira sua bicicleta na base do *iFood Pedal* localizada na Rua Augusta, no Jardim Paulista. Embora ele passe pela Avenida Paulista para locar sua bicicleta, ele prefere vir até a região do Centro, pois acredita que ali existem mais oportunidades de trabalho, com um alto volume de pedidos: “O Centro é o coração, não tem como não vir para cá se quiser ganhar mais dinheiro. É mais rápido, entendeu?”. Além disso, Wesley explicou que na Avenida Paulista há muitas áreas íngremes que o deixam extremamente cansado: “É como um triângulo, entende? A Paulista em si é reta, mas se for para a esquerda, para a direita, é subida, entendeu? Aí cansa mais”. No Centro, por outro lado, existem áreas com ruas mais planas, tornando o percurso menos exaustivo.

²³ Empresa especializada em soluções de mobilidade urbana através do uso das bicicletas como meio de transporte.

²⁴ Os mecanismos e locação, utilização e outras características acerca da bicicleta serão melhor desenvolvidos no capítulo 2.

²⁵ Essa dinâmica passou por novas transformações e atualmente conta apenas com uma única base iFood Pedal, localizada na rua Teodoro Sampaio, 1262, em Pinheiros. Disponível em: https://ifood.tembici.com.br/onde_encontrar/. Acesso em 03/05/2024.

²⁶ Os mecanismos e locação, utilização e outras características acerca da bicicleta serão melhor desenvolvido no capítulo 2.

Devido à presença de várias ladeiras que dificultavam o percurso até o Centro, Luan decidiu mudar-se do bairro do Glicério para a região da República, na rua Barros Mendes. Assim como no caso de Wesley, o fato de a região da República ser mais plana foi um fator importante que o levou a optar por essa mudança. Além disso, estar mais próximo do trabalho gerou ganhos positivos. Ele mencionou que o novo aluguel era um pouco mais caro, mas sua renda também havia aumentado, devido ao acréscimo do número de entregas, além de não precisar mais gastar com transporte público para chegar à região das entregas.

Essas afirmações corroboram com o Mapa topográfico de São Paulo (Figura 24), em que é possível verificar a Av. Paulista localizada na faixa mais avermelhada do mapa, possuindo elevada altimetria. Wesley e Luan repetem uma frase muito proferida entre os entregadores do local: “Aqui é plano e tem mais demanda. Aqui é o Centro”. Essa foi uma das principais justificativas apresentadas por eles, quando perguntados sobre os motivos de estarem realizando entregas nessa região.

Figura 24 - Mapa topográfico da região central de São Paulo, onde é possível observar os diferentes níveis de altitude



Fonte: Site Topographic-map²⁷

Mesmo na falta de um *iFood Pedal*, Wesley e Luan se deslocam para o Centro, afirmando conseguir dois benefícios: a oportunidade de aumentar a renda - em razão da

²⁷ Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-4j6dn/S%C3%A3o-Paulo/?+center=-23.59105%2C-46.57688&zoom=16&popup=-23.54888%2C-46.63636¢er=-23.59171%2C-46.64813>. Acessado em 23/11/2022.

concentração comercial, de restaurantes e shoppings-centers característicos do Centro de São Paulo, que garantem um maior número de entregas - e em função do relevo plano da região, proporcionando um menor esforço físico ao realizar as entregas. Ademais, é possível observar que esse deslocamento urbano regional traz elementos que, de certa forma, propiciam melhores condições de trabalho. Como é possível verificar no caso de Hugo, que, assim como Luan, mudou de casa para ficar mais próximo do trabalho.

Saindo da cidade Tiradentes, para morar nos arredores da República, Hugo expressou sua preferência por trabalhar de bicicleta, especialmente no Centro, pois “a maioria das ruas são retas”. Mencionou que não gosta de subir em áreas como a Av. Paulista ou o bairro Higienópolis, principalmente devido ao comportamento desrespeitoso das pessoas. Segundo ele, os motoristas não têm consideração pelos ciclistas, e as ciclovias em São Paulo são inadequadas e cheias de buracos. Os motoristas frequentemente invadem as ciclovias sem se importar. Hugo enfatizou que a falta de segurança é um desafio para quem trabalha de bicicleta todos os dias. Ele também mencionou que, como as ruas do Centro são de mão única, costuma andar de bicicleta na contramão, na calçada, e afirma possuir a vantagem de poder estacioná-la em qualquer lugar. As motos têm lugares específicos para estacionar. Destacou que usar moto para entrega no Centro pode resultar em multas, além dos custos com gasolina e impostos como o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA). Assim como Hugo, Paulista também afirma ser melhor fazer as entregas utilizando bicicleta na região, por conta da geografia do lugar, “é tudo mais pertinho, cheio de vielas e ruas que, quando vai de moto, são contramão”.

É importante destacar que, nos calçadões do Centro da cidade, não é permitida a circulação de carros e motos, sendo possível o trânsito apenas a pé ou de bicicleta, o que explica as posições de Hugo e de Paulista acerca da preferência do uso de bicicleta em detrimento da moto. Esses elementos elucidam uma particularidade da região central de São Paulo, que é a maior presença de entregadores que utilizam bicicleta em relação aos que utilizam moto.

1.3. O Ponto e o seu dia-a-dia

A chegada dos entregadores no *Ponto* costuma ser entre 10:30 e 11h, sendo o horário de café da manhã um período em que eles ficam mais dispersos pelas ruas do Centro. Ziguezagueando por entre as pessoas do calçadão e demonstrando muita habilidade com a bicicleta, os entregadores chegam um por um no *Ponto*. É comum ver muitos chegando “dando grau²⁸” e se comunicando através dos sons das buzinas de suas bicicletas. Um exemplo é Carlos, 18 anos, que sempre pede a Fernando para filmar suas acrobacias enquanto ele se aproxima.

Ao redor da árvore, em um chão batido de terra e cercado por uma muretinha onde frequentemente sentávamos para descansar, se formavam rodas, em que eram realizadas conversas, usos de cigarros convencionais e de maconha. As conversas entre os entregadores atravessavam diversos assuntos, futebol, política e o próprio trabalho das entregas, sempre sendo acompanhadas e interrompidas pelos celulares tocando “iFood!”. Esse som que o aplicativo emitia era referente tanto ao aparecimento de uma nova demanda de entrega, como para notificar quando a comida ou mercadoria do estabelecimento, de uma entrega anteriormente aceita pelo entregador, estivesse pronta para ser retirada e entregue para o consumidor.

O *McDonald's* possui, em uma de suas laterais, uma área exclusiva para os entregadores retirarem os pedidos. Nesse espaço, que é organizado pelo estabelecimento, costumava haver um galão de água azul, onde os entregadores enchiam suas garrafas de água. No entanto, quando estive no local em 2023, percebi que o galão não estava mais lá. Curioso, perguntei a um dos entregadores o motivo, e fui informado de que ele havia sido destruído por “nóias” que frequentavam a área durante a noite. Como resultado, os entregadores agora vão diretamente ao balcão e pedem a um funcionário para encher suas garrafas de água. Eu mesmo costumava usar aquele galão, e depois passei a fazer o mesmo que eles, solicitando às atendentes para encherem minha garrafa. Além de pegar água, os entregadores também costumam utilizar o banheiro do estabelecimento, embora às vezes ele esteja fechado devido a problemas frequentes de manutenção. Ademais, aproveitam para carregar seus celulares dentro do *fast food*, quando não possuem ou esquecem seus carregadores portáteis.

²⁸ Esporte muito comum entre jovens da periferia e que consiste em realizar manobras utilizando bicicletas ou motos.

As bicicletas que costumamos ver sendo utilizadas pelos rapazes são variadas. É comum ver tanto bicicletas próprias quanto bicicletas compartilhadas do Itaú - as "laranjinhas" - (Figura 25), sendo amplamente utilizadas. Um outro modelo de bicicleta foi observado nas últimas vezes que fui a campo. Leandro, Ítalo e Barba utilizavam uma bicicleta elétrica alugada de uma empresa de mobilidade chamada Bliv (Figura 26). As bicicletas elétricas e mecânicas da empresa-aplicativo iFood (Figura 27) - "vermelhinhas" - são menos comuns no Ponto, como mencionado. No caso das bicicletas próprias, existe uma grande variedade de tipos. O modelo mais comum é a aro 29 (Figura 28). Outro tipo encontrado são as bicicletas modificadas, com diversas "gambiarras", muitas vezes feitas pelo próprio entregador Tiradentes, incluindo a adição de um pequeno motor no corpo metálico (Figura 29) (Figura 30). Por último e vista com menor frequência, há as mobiletes e motonetas, que, vez ou outra, aparecem sendo guiadas por algum entregador (Figura 31) (Figura 32).

Figura 25 - Foto da Bicicleta do Itaú



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 27 de outubro de 2022

Figura 26 - Foto da bicicleta Bliv



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

Figura 27 - Foto da bicicleta do iFood retirada do próprio site da empresa. Não foi possível tirar foto de uma no Ponto, devido sua raridade



Fonte: Site do iFood²⁹.

²⁹ Disponível em: <https://ifood.tembici.com.br/>. Acessado em 10/06/2023.

Figura 28 - Foto da Bicicleta aro 29



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 27 de outubro de 2022

Figura 29 - Foto de Bicicleta modificada



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 28 de outubro de 2022

Figura 30 - Foto de Bicicleta modificada



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 28 de outubro de 2022

Figura 31 - Foto de motoneta ou mobilete



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 28 de outubro de 2022

Figura 32 - Foto de motoneta ou mobilete



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 28 de outubro de 2022

Durante os dias chuvosos, os entregadores deixam a área próxima à árvore, que é o *Ponto* de encontro habitual, e buscam abrigo, utilizando basicamente duas opções. Uma delas é um beiral formado pela estrutura do prédio da CET, que consegue comportar um número considerável de pessoas (Figura 33). A outra opção é o toldo existente no condomínio residencial e de lojas Nova Barão (Figura 34).

Figura 33 - Entregadores se protegendo da chuva no beiral da CET



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Figura 34 - Entregadores se protegendo da chuva no toldo do condomínio Nova Barão



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Certo dia, enquanto a chuva começava a cair forte na rua da Barão, eu me encontrava junto aos entregadores, buscando abrigo debaixo do toldo da Nova Barão. Todos eles rapidamente protegiam os equipamentos sensíveis à água, como as partes elétricas das bicicletas elétricas e os celulares, envolvendo-os com plástico filme (Figura 35) (Figura 36). Um dos entregadores já havia previsto a chuva e vestia um casaco corta-

vento amarelo (Figura 37), mostrando-se preparado para as condições climáticas adversas. Os demais, porém, estavam apenas com camisetas básicas. Um deles era o Celso, que logo em seguida, cinco minutos depois, vi vestindo um saco de lixo (Figura 38), com cortes para passar os braços e se proteger da chuva.

Figura 35 - Foto de um entregador passando plástico filme no celular



Fonte: Registros fotográficos do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Figura 36 - Foto de aparelhos elétricos da bicicleta sendo protegidos por papel filme



Fonte: Registros fotográficos do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Figura 37 - Entregador com o casaco corta-vento amarelo



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Figura 38 - Entregador Celso com o saco de lixo

Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 31 de março de 2023

Todos ali faziam piadas e brincavam com a vestimenta peculiar de Celso. Enquanto ele fazia suas entregas na chuva, passando pelo local onde eu estava, todos gritavam chamando-o de "Novato! O novato do saco de lixo". Para mim, aquilo representava uma experiência, uma ação entre tantas outras que eu presenciaria, demonstrando estratégias astutas e perspicazes para se virar com os recursos disponíveis, seja no uso do papel filme ou no do saco de lixo. Mesmo diante de condições de trabalho precárias e adversas, ali estavam ideias e soluções que buscavam minimizar danos e dificuldades durante o trabalho de entregas.

Em uma ocasião, cheguei ao *Ponto* um pouco mais tarde, por volta das 13h da tarde, e para minha surpresa, não havia nenhum entregador no local. Apenas Jorge estava lá, embaixo da árvore, ao lado de seu carrinho que estava repleto de refrigerantes, sucos e diversos lanches (Figura 39). Normalmente, Jorge costumava chegar com seu carrinho por volta das 11h ou 12h e permanecia junto aos entregadores até as 17h ou 18h da tarde. Esse horário era quando ele fechava as caixas térmicas e começava a se preparar para ir embora. Perguntei a Jorge como estava o movimento no *Ponto* naquele dia, e ele me disse

que estava dentro do normal, com o pessoal realizando bastante entregas e por isso quase ninguém estava parando no *Ponto*. Jorge sugeriu que eu tentasse chegar mais cedo no dia seguinte para ter mais chances de encontrar os entregadores.

Figura 39 - Carrinho de Jorge e Dalila que fica sempre do lado da árvore, bem no centro do Ponto



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 07 de dezembro de 2022

Enquanto esperava ao lado de Jorge, ele começou a compartilhar um pouco de sua vida. Revelou que era sepultador e trabalhava em um cemitério próximo à Consolação. Era contratado como CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e até gostava da estabilidade que a carteira assinada proporcionava, no entanto, foi demitido devido a conflitos com outros funcionários do cemitério. Um dos funcionários que também trabalhava no cemitério estava tentando colocar sua própria família para trabalhar dentro do lugar, e, para tal, tentava prejudicar os colegas de trabalho, incluindo Jorge, fazendo-os serem demitidos, segundo ele. Foi então que Jorge conheceu Dalila, uma mulher com quem firmou uma parceria. Ele começou a trabalhar com ela e assumiu a responsabilidade de gerenciar e contabilizar as vendas do carrinho de salgados na rua. Essa parceria permitiu que Jorge continuasse trabalhando e se sustentando, mesmo após perder seu emprego anterior.

Jorge permanece no *Ponto* com seu carrinho, oferecendo uma variedade de lanches, salgados e bebidas para qualquer pessoa que passe pela rua da Barão de Itapetininga. Enquanto isso, Dalila fica em casa, que está localizada nas proximidades, preparando mais salgados para reabastecer o carrinho e marmitas que são solicitadas ao longo do dia pelos entregadores. Os entregadores frequentemente optam entre comer a marmita preparada por Dalila ou os salgados disponíveis no carrinho sob a supervisão de

Jorge. Muitos optam pelos salgados para economizar tempo e dinheiro. Dalila oferece um preço amigável para as marmitas, que custam apenas 12 reais e são bem servidas. Trata-se de um valor acessível aos entregadores, considerando os preços elevados dos restaurantes próximos, onde um simples *prato feito* chega a custar 30 reais.

Durante uma conversa com Jorge, ele me explicou que Dalila estabeleceu um arranjo especial com os entregadores do *Ponto*, a quem ela carinhosamente chama de "filhos". Trata-se de uma caderneta de contas, na qual eles podem fazer anotações para pagar posteriormente, uma forma de pagamento fiado. Essa prática auxilia os entregadores que frequentemente não têm dinheiro suficiente para cobrir suas despesas diárias durante o trabalho. À medida que os entregadores vão consumindo marmitas, refrigerantes e salgados, Jorge vai registrando tudo em uma planilha de gastos em seu celular, com o nome de cada um dos rapazes. Essa relação se baseia inteiramente na confiança mútua. Tudo começa com uma conversa inicial entre o entregador e Dalila, a partir da qual ela comunica a Jorge para "abrir a caderneta". Jorge afirma que essa relação é honesta e aberta. No entanto, caso o entregador não cumpra com suas dívidas, Jorge comunica imediatamente a Dalila, que então diz para "fechar a caderneta" da pessoa.

Observando o dia-a-dia do *Ponto*, durante os intervalos entre as entregas, os entregadores aproveitam para fazer suas refeições, especialmente os salgados que chegam fritos em duas remessas diárias, uma por volta da 12h e outra às 15h. Pastéis, rissoles, coxinhas e tortas de diversos sabores são servidos, proporcionando um momento de prazer e revigorando o humor dos rapazes após uma manhã intensa de pedaladas. Embora seus horários não sejam exatamente os mesmos, o período das 15h costuma ser o horário usual para que os entregadores se alimentem, uma vez que, a partir desse momento, os pedidos do aplicativo começam a diminuir, devido ao fim do horário convencional de almoço. A partir desse horário, o número de entregadores no *Ponto* aumenta significativamente. Eles costumam comprar salgados do Jorge ou pedir para que Dalila "desça a marmita", ou seja, que ela venha do seu apartamento e entregue as refeições ali no *Ponto*.

Ao lado da loja *Flash Áudio Games*, há um degrau pertencente a um estabelecimento que se encontra fechado. É nesse degrau, de frente para o *Ponto*, que uma espécie de "bandejão" de refeição e confraternização surge, ficando cheio de entregadores comendo sua marmita e conversando (Figura 40). Mesmo que nem todos consigam se

acomodar no degrau, pois ele não é muito amplo, é comum ver os entregadores improvisando, sentando diretamente no chão do calçadão ou em pedaços de papelão que eles mesmos trazem. Suas bolsas, frequentemente, são utilizadas como uma espécie de "mesa" improvisada para os marmiteix (Figura 41).

Figura 40 - Entregadores se reunindo e comendo sentados no degrau, de frente para o *Ponto*



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 08 de fevereiro de 2022

Figura 41 - Entregador utilizando a bag como “mesa” e almoçando sentado no degrau



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 02 de dezembro de 2022

Em muitas ocasiões, tive o prazer de sentar junto a eles e desfrutar da marmita de Dalila que, de fato, era muito saborosa, assim como dos salgados e sucos que Jorge carregava em seu carrinho. Arlindo, um entregador de 48 anos, era um dos que enviava uma mensagem para Dalila quase todos os dias entre 15h e 16h, para que ela descesse

com sua marmitta. Lembro-me de uma vez em que sentei ao lado de Arlindo e almoçamos juntos. Enquanto conversávamos, ele me fez uma observação ao retirar um garfo e uma faca embalados em plástico de sua bolsa. Apontando para os talheres, ele enfatizou: “para trabalhar na rua é essencial”. Como exemplo, ele apontou para Felix, outro entregador que estava comendo com dificuldades pois estava apenas com uma faca de plástico. Arlindo, por ter trabalhado consertando postes e fios elétricos pela cidade, adquiriu uma vasta experiência em trabalhos “na rua”. Ele entende que a estratégia de carregar esses talheres consigo é um item de sobrevivência crucial para quem trabalha nessas condições. Além de garantir um mínimo de dignidade para suas refeições, Arlindo afirmou que eles também são utilizados como equipamento de segurança para qualquer eventualidade que possa ocorrer durante o seu dia.

1.4. "Fumar um" e a dimensão do lazer no *Ponto*

Machado da Silva (2011) em seu texto escrito em 1969, analisa o funcionamento do botequim e o seu significado na sociedade urbana da cidade do Rio de Janeiro. Ele conclui que as organizações tradicionais criadas pelo sistema urbano-industrial de sustentação das condições concretas de vida e satisfação do indivíduo não atendiam adequadamente a uma parte importante da população, caracterizada por ele como classes populares. Nesse contexto, o botequim se destacava como um espaço onde essa parcela encontrava apoio e sociabilidade.

Ao relatar em seu texto que, para os frequentadores habituais do botequim, o álcool faz parte de sua vida diária, assim como o fumo, sendo, até certo ponto, todos "viciados", na medida que consomem bebidas quase que diariamente, Machado da Silva ilustra que esse cotidiano do botequim, fundamentado em uma experiência compartilhada entre os frequentadores, resulta na construção de laços sociais e interações significativas. Esses laços não apenas beneficiam o dono do estabelecimento, mas também proporcionam um alívio para os trabalhadores que acabaram de sair de seus empregos monótonos, rotineiros ou desprovidos de prazer. A atmosfera do botequim oferece um ambiente acolhedor e descontraído, onde eles podem desfrutar de momentos prazerosos, aliviando a monotonia e trazendo uma sensação de prazer em contraste com suas jornadas de trabalho regulares.

No *Ponto* essa dinâmica não é diferente. O tempo ocioso entre as entregas assume características que estimulam uma sociabilidade divertida e a formação de laços sociais, conferindo ao trabalho de entrega por aplicativo uma dimensão coletiva que traz uma atmosfera mais “leve” ao conjunto de esforços físicos e subjetivos que ocorrem antes, durante e depois da realização das entregas.

Durante os hiatos entre os pedidos, nos momentos em que não estão ocupados, é comum o início de interações e brincadeiras no local. De forma orgânica, uma roda de conversa se forma, no meio do *Ponto* (Figura 42), dando início a uma série de brincadeiras e piadas, algumas delas com conotações homoafetivas, que ressaltam uma performatividade masculina e heteronormativa entre os rapazes. Por exemplo, quando Jonas está arrumando a roda de sua bicicleta, surgem comentários como "Olha só ele! Está queimado a rodinha". Outra piada recorrente, era sobre os pedidos estranhos e extravagantes que já haviam pego nos estabelecimentos. Eles compartilhavam histórias engraçadas, como "Já peguei um pedido do *McDonald's*, que o lanche era sem carne, apenas com mostarda e pão". Essas situações inusitadas proporcionavam momentos de humor e descontração, fortalecendo ainda mais os laços entre eles.

Figura 42 - Foto que transmite a atmosfera descontraída e a maneira personalizada de tomar as entregas mais agradáveis

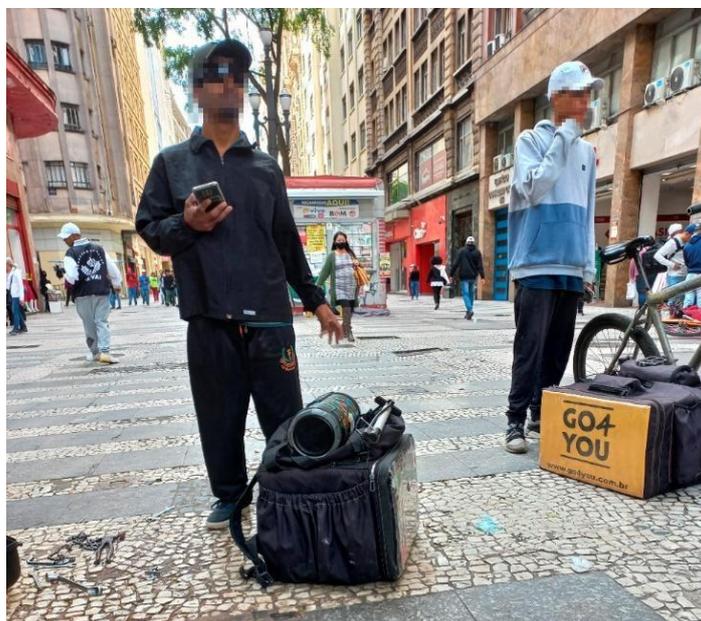


Fonte: Registros fotográficos do autorem observação no dia 08 de novembro de 2022

Os entregadores também costumavam ouvir muitas músicas. Traziam suas caixinhas de som portáteis de casa e escolhiam estilos musicais como rap e funk, principalmente, para tocar (Figura 43). Em um determinado momento, enquanto

estávamos curtindo a música e fazendo o tempo passar, alguns entregadores começaram a improvisar rimas juntos. Com uma batida ao fundo para guiar o ritmo, Barba e Fernando começaram a criar rimas que abordavam a rua da Barão e a experiência de trabalhar nas entregas, como "estamos aqui nas entregas, com várias viaturas passando por nós", e sobre os desafios de sustentar suas famílias, como "levando o cascalho para a família, não deixando faltar pão". Era um momento de expressão artística e conexão, onde a música e a poesia se uniam no cotidiano desses entregadores.

Figura 43 - Foto de um entregador desfrutando de sua música favorita, com caixinha de música portátil colocada em cima de sua bag



Fonte: Registros fotográficos do autorem observação no dia 08 de novembro de 2022

O futebol é uma presença constante no *Ponto*. É assunto de discussão em todas as rodas de conversa, onde todos debatiam sobre a Copa do Mundo de 2022 ou falavam sobre o desempenho de seus times do coração. O futebol ocupa um lugar especial no imaginário desses jovens. Para alguns, como Luan, 31 anos, foi um sonho profissional desde cedo. Ele participou de testes em vários clubes e chegou a disputar um campeonato internacional em Berlim, em 2006. Já para outros, como Quintana, 20 anos, o futebol continua sendo um sonho presente em suas vidas. Ele equilibra suas entregas com os treinos da equipe em que atua profissionalmente em São Paulo. Quintana ainda alimenta o sonho de um dia chegar a um grande clube europeu e não precisar mais conciliar sua rotina entre as entregas e seu esporte predileto.

Na terceira vez que fui a campo, estava chovendo. Era uma segunda-feira, 5 de dezembro, e o jogo do Brasil na Copa começaria às 16h. Alguns dias antes, conversei com Tiradentes e ele me convidou para assistir ao jogo "com a família" no *Ponto*. Portanto, fui de São Carlos para São Paulo o mais cedo possível, para garantir que chegasse a tempo da partida. Devido à chuva intensa, acabamos nos abrigando sob um toldo, mas isso não permitiu que o evento fosse afetado. Todos estavam atentos, reunidos com os celulares ligados, ouvindo o jogo em um rádio ou assistindo por meio de imagens em algum site pirata exibidas nas telas de seus celulares. O Brasil venceu a Coreia do Sul por 4 a 1, e a atmosfera estava leve e animada. Aquele jogo carregava um significado muito importante para todos. Ver-se representado pelos jogadores que saíram de uma realidade difícil e "conquistaram o mundo" trazia uma certa esperança para o futuro, oferecendo inspiração aos jovens que estavam "na luta das entregas" diariamente. Na manhã seguinte, Marcos, 21 anos, após concluir uma entrega, apareceu com duas bolas pequenas. Vários rapazes do *Ponto* prontamente se animaram e começaram a jogar futebol no calçadão (Figura 44) (Figura 45) (Figura 46), relembrando o jogo do Brasil do dia anterior. Eles se revezavam nas partidas, aproveitando os momentos em que não tinham entregas a fazer. A energia e o entusiasmo contagiavam a todos, enquanto celebravam o futebol e compartilhavam a paixão pelo esporte.

Figura 44 - Foto dos entregadores se divertindo e jogando futebol em meio ao calçadão



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 06 de novembro de 2022

Figura 45 - Foto dos entregadores se divertindo e jogando futebol em meio ao calçadão



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 06 de novembro de 2022

Figura 46 - Foto dos entregadores se divertindo e jogando futebol em meio ao calçadão



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 06 de novembro de 2022

Conforme já mencionado ao longo deste capítulo, o consumo de maconha era comum entre os entregadores. O ato de "fumar um", como frequentemente era chamado, muitas vezes era associado não apenas à recreação, mas também como uma forma de aliviar o sofrimento relacionado ao trabalho, proporcionando uma maior satisfação e até mesmo possibilitando a execução das tarefas: "eu não consigo trabalhar sem maconha". Por ser uma atividade ilegal, sempre que alguém começava a enrolar um baseado, os outros ficavam atentos para avistar qualquer viatura policial ou motos da ROCAN³⁰. Caso percebessem a aproximação da polícia, aqueles que pretendiam fumar rapidamente se

³⁰ Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas.

deslocavam para uma rua paralela ao calçadão da Barão, a fim de evitar problemas com as autoridades. Além do consumo de maconha, outras drogas como K2, também chamada de "maconha sintética", e cocaína também eram utilizadas ocasionalmente por alguns entregadores.

Além disso, era comum vê-los desfrutando de cervejas nos períodos em que não estavam fazendo entregas e, especialmente, após alcançarem suas metas diárias. No mais, os entregadores costumavam sair juntos, formando um verdadeiro círculo de amizade. Por exemplo, a Rua Dom, localizada a apenas duas quadras da Rua Barão de Itapetininga, abrigava inúmeros bares que estavam sempre cheios e movimentados. Esse era um dos lugares favoritos dos entregadores para relaxarem e socializarem depois de cumprirem suas metas. Alguns entregadores ainda mantinham o aplicativo ligado, prontos para aceitar qualquer entrega que surgisse, mesmo estando em um momento de descontração no bar. Vale mencionar que eu também fui convidado para me juntar a eles em uma *revoada*³¹ na rua Dom, por volta das 17h ou 18h. Apesar do insistente convite de Tiradentes, que afirmava "você está comigo", garantindo que não haveria problemas no local, tive que recusar devido ao meu próprio cansaço e à necessidade de transferir as entrevistas do campo para o computador. De certa forma, eu estava com medo de perder as entrevistas do dia, caso algo acontecesse com o meu celular.

Por fim, essa dimensão coletiva do trabalho, que envolve brincadeiras, conversas, música, uso recreativo de maconha e futebol, confere um sentido especial às relações entre os entregadores. Esses elementos acrescentam uma perspectiva diferente ao conjunto de esforços físicos e emocionais que ocorrem durante as entregas, criando uma atmosfera de camaradagem e conexão entre eles.

1.5. O mito de nascimento do *Ponto*

Conforme eu conversava com alguns interlocutores, no intuito de saber quando exatamente aquele *Ponto* começou a atrair tantos entregadores, corriqueiramente eles demonstravam incerteza, mencionando os anos de 2016 ou 2017, sempre com um ar de

³¹ Termo frequentemente utilizado pelos entregadores para se referir a uma festa animada, geralmente envolvendo o consumo de drogas e muita diversão.

dúvida. No entanto, todos me aconselharam a falar com Tiradentes, pois ele seria a pessoa que saberia sobre o surgimento daquele lugar, o que de fato fiz. No entanto, Tiradentes esclareceu que não foi em nenhum desses anos que o *Ponto* teria “nascido” e, em seguida, sem titubear, se autodeclarou como um dos fundadores do *Ponto*, o que instigou minha curiosidade.

O mito, segundo Lévi-Strauss (1967) se trata de uma narrativa, e como tal, conta uma história. É através dessa narrativa simbólica, que os homens contam a estória de si, descrevendo as mais remotas origens daquilo que viria a ser tão importante para que eles explicassem o seu próprio presente. Tiradentes é quem carregava orgulhosamente a história do surgimento daquele lugar tão peculiar. É quem espalha um certo tipo de “mito de nascimento” que sobrevoa e de certa forma estrutura as bases, as regras e as condutas que viriam a ser tão importantes para o funcionamento orgânico daquele *Ponto*. Curiosamente, esse mito atravessa sua própria trajetória no ramo das entregas e o que hoje viria a ser seu ganha pão principal, o ofício de mecânico no Centro. Sem o surgimento do *Ponto* e sua rede de relações, Tiradentes nunca teria feito daquela rua seu próprio espaço de trabalho, a sua própria oficina.

Tiradentes, quando se mudou de Minas Gerais para São Paulo, continuou na mesma atividade que realizava em seu estado de origem. Além de computadores, consertava e desbloqueava celulares. Uma de suas estratégias era colocar um anúncio no site da *OLX*³²: “compro o celular com tela quebrado, J5, Moto G2 e Granprime”. Dessa forma, ele adquiria aparelhos com telas danificadas, avaliava cuidadosamente se o restante do dispositivo ainda funcionava corretamente e, se estivesse tudo em ordem, comprava-os por preços entre R\$ 50 e R\$ 60. Em seguida, Tiradentes substituía a tela quebrada por uma nova, investindo cerca de R\$ 80 nesse processo. Uma vez que o celular estava completamente restaurado, ele inseria um chip e o vendia pelo preço de R\$ 300, obtendo um lucro significativo.

Em 2018, morando próximo ao bairro da Liberdade e frequentemente indo para o Centro devido a sua atividade com celulares, Tiradentes relata que sempre avistava alguns entregadores pelas ruas, mesmo dizendo que, naquela época, não havia muitos entregadores como hoje. Ele começou a refletir sobre o quão lucrativo poderia ser esse

³² Plataforma de anúncios classificados online que permite que os usuários comprem e vendam uma ampla variedade de produtos e serviços localmente.

tipo de trabalho, se perguntando: "Será que há muitas entregas?". Observando atentamente os entregadores passando rapidamente pelas ruas todos os dias, Tiradentes começou a perceber que algo estava acontecendo, pois eles nunca pareciam parar. Foi então que decidiu se cadastrar em aplicativos de entrega, como iFood, Rappi e Uber. Surpreendentemente, a Rappi aprovou seu cadastro no mesmo dia. No entanto, havia um obstáculo: Tiradentes não possuía uma moto ou bicicleta para realizar as entregas. Sabendo disso, sua esposa, oferecendo apoio, lhe propôs usar um dos cartões de crédito que tinha, com a condição de que ele realmente se dedicasse ao trabalho. Tiradentes aceitou o desafio e dirigiu-se à loja, onde adquiriu uma bicicleta no valor de R\$ 1800, "uma Aro 29 deslumbrante", de acordo com suas próprias palavras.

No primeiro dia como entregador, Tiradentes enfrentou uma experiência frustrante nas ruas, onde não conseguiu realizar nenhuma entrega. O aplicativo em seu celular permanecia silencioso, sem nenhum toque que indicasse um novo pedido. Desanimado, decidiu voltar para casa e, por algum motivo aleatório, ligou o aplicativo enquanto estava no banheiro. Foi nesse momento improvável que o telefone finalmente tocou. Uma onda de euforia invadiu Tiradentes, pois finalmente tinha recebido seu primeiro pedido. Sentia-se extremamente feliz e satisfeito com essa oportunidade. Sem hesitar, ele se lançou em uma jornada de pedaladas intensas, buscando as compras no Carrefour e entregando-as ao cliente. Ao receber o pagamento de apenas 6 reais por aquele serviço, Tiradentes ficou surpreso positivamente com a quantia e exclamou: "Nossa! Estou rico!". Entretanto, depois dessa única ocasião, o aplicativo permaneceu em silêncio novamente. Tiradentes retornou para casa e, movido por uma superstição inexplicável, decidiu ir ao banheiro mais uma vez. A incredulidade tomou conta dele quando, novamente no banheiro, o aplicativo tocou. Era mais uma entrega aguardando por ele. Essa rotina peculiar de entrar e sair do banheiro para esperar pelo toque do aplicativo repetiu-se por cerca de seis ou sete vezes, enquanto Tiradentes aguardava ansiosamente por novos pedidos.

Em certo dia, fazendo as entregas, o aplicativo o direcionou para o local bem onde estávamos, onde hoje é o *Ponto*. Tiradentes sentou bem nas escadarias do Teatro Municipal, e ali ficou esperando o aplicativo tocar. Ele conta, que não havia ninguém na árvore que hoje vemos rodeada por entregadores, era uma simples árvore no meio do calçadão da rua Barão de Itapetininga. Cansado de ficar sentado nas escadas do teatro, decidiu ir até a árvore se apoiar. No momento em que se apoiou, o aplicativo tocou para

o *McDonalds* em frente à árvore e que hoje não cessa de receber entregadores pegando seus pedidos.

Tiradentes pegou o pedido, fez a entrega e voltou a ficar do lado da árvore. Pouco depois, seu aplicativo tocou novamente. Tiradentes imediatamente pensou: "Ah, aqui é o Centro!". Dito e feito, era só ficar por ali, que o aplicativo sempre o chamava. Em um certo dia, outro entregador estava presente, era uma pessoa mais velha e que hoje não trabalha mais como entregador. Coincidentemente, era o tio do Mario, o ajudante que Tiradentes viria a ter trabalhando como mecânico no *Ponto*. Nesse dia, Tiradentes deixou sua bicicleta próxima a um poste e dirigiu-se ao *McDonald's* para buscar o pedido. Enquanto entrava, o tio de Mario, que estava por perto, chamou sua atenção apontando para a bicicleta no poste. De dentro do *McDonald's*, Tiradentes percebeu que sua bicicleta estava prestes a ser roubada e entrou em desespero. Imediatamente, ele foi até a bicicleta e, afastando os "trombadinhas", exclamou: "Ó, dá licença aqui, dá licença aqui". Em seguida, ele pegou sua bicicleta e a deixou próxima ao tio de Mario, agradecendo o aviso. Ele pediu ao tio para vigiá-la enquanto ele buscava o pedido no *McDonald's*, ao que o homem consentiu com um aceno. A partir desse incidente, eles começaram a passar mais tempo juntos ao lado da árvore. Sempre quando um ia pegar algum pedido em um estabelecimento próximo, o outro ficava em alerta e cuidava da bicicleta do colega, dinâmica esta que é mantida até os dias de hoje entre os entregadores do *Ponto*. Tiradentes desenvolveu um vínculo com o tio de Mario e o respeitava tanto que, quando sentia vontade de fumar, afastava-se para não o incomodar, pois sabia que ele não gostava muito do cheiro. Assim, o local começou a se transformar em um ponto de encontro, atraindo cada vez mais pessoas, chegando a reunir, em algumas ocasiões, de 15 a 20 entregadores em torno daquela árvore. Hoje em dia, esse fenômeno já virou parte da paisagem cotidiana daquele calçadão.

Tiradentes, através desse mito, representa não apenas um mecânico que dá suporte para um pequeno grupo de entregadores, mas também simboliza uma espécie de função³³. O mito de nascimento do *Ponto*, que Tiradentes propaga, revela como ele e o tio do Mario, ao estabelecerem a prática de ajuda mútua, construíram os pilares que dão sentido, sustentação e continuidade ao grupo de entregadores até hoje.

³³ Usamos o conceito de função no intuito de aludirmos a Durkheim (1970) e a tradição funcionalista, na qual parte-se da ideia de integração das partes e interdependência entre os diferentes elementos de uma sociedade.

Surgiu um processo de solidariedade³⁴, um senso de comunidade entre os entregadores, tendo em vista que todo o processo de trabalho por plataforma é caracterizado pela ausência de qualquer subsídio ou auxílio por parte da empresa-aplicativo (Abílio, 2019). Não tendo nenhum tipo de vínculo empregatício próximo do formal e nem mesmo mecanismos que os possibilitem realizarem necessidades básicas como utilizar um banheiro ou terem um lugar para esquentar sua marmita, esses jovens se juntaram em um grupo que possibilite uma certa organização e amparo para suas necessidades e “apertos” que venham a aparecer no cotidiano. Toda essa rede de interações e seu significado é o que veremos na próxima seção.

1.6. “Aqui um ajuda o outro”: o *Ponto* e o seu significado

O ambiente do calçadão era movimentado e barulhento, com algo acontecendo a todo momento. O cheiro de urina era frequente e empestava todo o local, especialmente em dias quentes, quando o odor se intensificava. Apesar da movimentação constante das pessoas pelo calçadão, era comum notar rostos conhecidos, como os *chamadores* de lojas, os senhores do "compro ouro", os policiais que faziam sua ronda diária naquela região e até mesmo os cachorros que ocasionalmente tentavam morder as bicicletas dos entregadores. Essa familiaridade entre os frequentadores do calçadão evidenciava a construção de relações ao longo do tempo e a sensação de pertencimento àquele espaço.

A interação entre os estabelecimentos ao redor é constante e significativa. Os funcionários do *McDonald's*, as vendedoras da loja Flash Áudio - onde um dos entregadores até tem uma namorada - e os vendedores ambulantes, que são frequentemente os mesmos, estabelecem uma relação amigável com os entregadores. Eles trocam piadas, reconhecem os nomes uns dos outros e até oferecem preços mais acessíveis. Um exemplo disso foi observado na interação entre o entregador Ronaldo e a "tia da sopa". Devido à intimidade que desenvolveram, ela o tratava como um filho e vendia a sopa para ele a um preço camarada na rua.

A proprietária da banca ao lado do *Ponto*, assim como Tiradentes, veio de Minas Gerais para São Paulo. Ela é uma das várias pessoas que possuem um estabelecimento ou

³⁴ Nos inspiramos no conceito de solidariedade orgânica de Durkheim (1999), no qual a interação (no caso, entre os entregadores) decorre da interdependência e da complementaridade de funções dos indivíduos (Tiradentes como mecânico do local).

trabalham na região, que estão muito agradecidas a Tiradentes e aos entregadores que se concentram pelo calçadão da Barão de Itapetininga. Eles desempenharam um papel importante na pacificação do território, criando um sentimento de maior segurança na região desde que passaram a se fixar ali. Anteriormente, o local era conhecido por ter mais ocorrências de roubos e violência do que hoje. Em virtude dessa melhoria e por serem conterrâneos, Tiradentes afirma que a dona da banca faz um favor a ele, permitindo-o que guarde suas ferramentas dentro do estabelecimento quando vai embora (Figura 47).

Figura 47 - Foto da banca onde Tiradentes guarda suas ferramentas



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

Em certa interação José e Tiradentes conversavam sobre estar havendo muitos furtos de bicicleta nas proximidades. José ressaltava a importância de se organizarem e garantirem a segurança. Como estava próximo, Tiradentes, concordando, respondeu a José de forma a também me esclarecer sobre o assunto e demonstrar quais as posições do grupo, no *Ponto*: “Nós não compactuamos com isso, ainda mais nós, entregadores que usamos a bicicleta para trabalhar”. Diante disso, Tiradentes passou a discorrer sobre algumas regras que atravessam e estruturam o cotidiano do *Ponto*. Uma delas é a necessidade de "aprovação da galera" para permanecer ali. Se a pessoa é conhecida de alguém, geralmente é aceita sem problemas. Caso contrário, há uma avaliação do indivíduo, com um processo gradual de aproximação ao grupo.

Tiradentes deu um exemplo ocorrido na semana anterior à conversa, quando duas pessoas estavam paradas próximo ao *Ponto*, gerando suspeitas entre os entregadores. Eles

perceberam que essas pessoas estavam ali com más intenções, seja para assaltar os próprios entregadores, roubar bicicletas ou celulares, ou até mesmo cometer crimes nos estabelecimentos ao redor. Assim que perceberam isso, expulsaram as pessoas do local. Tiradentes ressaltou que essas "triagens" são frequentes, sendo conduzidas através de conversas e, se necessário, por meio de confrontos físicos. Isso é feito para preservar a reputação e imagem do *Ponto*, garantindo a legitimidade dos entregadores na região, que se tornou o seu ambiente de trabalho. Nas palavras de Tiradentes, "esse tipo de gente pode sujar o *Ponto*".

Outro caso que remete à essa atmosfera dinâmica refere-se a uma mobilização que ocorreu no *Ponto*, em função do furto de uma bicicleta de um dos entregadores. Além da conexão física que ocorre no local, os entregadores também possuem um grupo no WhatsApp chamado "Ifood vida sofrida", do qual tenho o privilégio de fazer parte. Esse grupo funciona como uma extensão do *Ponto* na Barão de Itapetininga, onde são compartilhados avisos sobre promoções, eventos relacionados ao iFood, questões políticas e muito mais.

Um dia, Guilherme enviou uma mensagem desesperada para o grupo, pedindo ajuda, pois sua bicicleta havia sido furtada enquanto ele pegava um pedido no *McDonald's* da São Bento. Os funcionários do estabelecimento não permitem que os entregadores entrem com suas bicicletas, então Guilherme a deixou do lado de fora, mas, quando voltou com o pedido, a bicicleta havia sido roubada. Guilherme ficou extremamente abalado, pois dependia da bicicleta para continuar suas entregas naquele dia e possivelmente durante a semana. Todos no grupo se solidarizaram e se mobilizaram imediatamente. Os entregadores começaram a enviar mensagens de áudio informando em qual rua estavam e se comprometeram a ficarem em vigia, caso alguém passasse por eles com uma bicicleta com as características daquela que tinha sido roubada. Uma rede de solidariedade se formou na busca pela bicicleta. Muitos entregadores mencionaram que tinham contatos na quebrada e na Praça da Sé, se ofereceram para verificar se a bicicleta estava na "feira do rolo" e devolvê-la a Guilherme. Infelizmente, a bicicleta de Guilherme não foi encontrada.

A relação e o sentimento de comunidade são muito fortes entre os entregadores. Como Felix, sempre comenta: "aqui um ajuda o outro". Eles compartilham alimentos, oferecem cigarros de maconha um para o outro, trocam ferramentas e ajudam uns aos

outros com problemas cotidianos, como quando alguém precisa de uma bomba para encher o pneu da bicicleta e até mesmo trocam ou emprestam as bicicletas entre si, caso um deles esteja precisando para realizar uma entrega imediata. Por estar envolvido e familiarizado com o grupo, também recebi muitas vezes esse tipo de apoio. Não foram poucas as ocasiões em que eles me perguntaram se eu estava com fome, se ofereceram para comprar um café e me deram conselhos sobre como eu poderia retornar em segurança à medida que a noite se aproximava.

Seja no cafezinho ou na casquinha de sorvete grátis depois do almoço, a cooperação é constante. Tiradentes recebeu um pastel do mesmo entregador que, outro dia, havia lhe presenteado com um lanche do *McDonald's*. De forma curiosa, nesse mesmo dia, Tiradentes ganhou uma marmita da Dalila, que havia preparado uma deliciosa costela. Como Dalila sabia que Tiradentes adorava costela, ela desceu de sua casa e entregou-a a ele como um presente. Tiradentes me ofereceu o pastel, já que eu ainda não tinha almoçado, e que aceitei com gratidão.

Quando o restaurante é próximo, os entregadores costumam ir a pé para pegar o pedido, deixando a bag e a bicicleta pelo *Ponto*. Geralmente, eles pedem para que a bicicleta e a bag sejam cuidadas por seus colegas. Até mesmo quando precisam lidar com muitas encomendas e abrem a bag para colocar os produtos, costumam receber ajuda de outro entregador. Inclusive, eu mesmo, muitas vezes, participei dessa dinâmica. Ficava cuidando das bicicletas enquanto eles iam buscar o pedido no estabelecimento. Também ajudei o Jorge a vender seus salgadinhos, enquanto precisava resolver algum problema pessoal por algumas horas.

Esse sistema de relações pessoais é altamente benéfico, especialmente quando o dinheiro é escasso. Isso é comum para os entregadores, que muitas vezes vivem “um dia pelo outro”. Nessas situações, os recursos financeiros são direcionados para as despesas imediatas, que nem sempre superam todos os gastos ao longo do dia. No entanto, essas lacunas são supridas ou mitigadas por meio dos vínculos pessoais estabelecidos durante o dia-a-dia no local de trabalho.

Como vemos, a rua é palco de inúmeras situações que criam uma verdadeira rede de interações. Essa *rede da rua*³⁵, tece uma dinâmica própria que promove um ambiente de trabalho solidário, tanto entre os próprios entregadores, quanto com a sociedade do entorno. A rua transcende sua função de mero espaço físico, assumindo um papel crucial como espaço social dotado de características, normas e valores distintos (Bourdieu, 2008). É neste contexto que se fundamentam as bases de uma sociabilidade popular, especialmente através das relações de trabalho no comércio ambulante e em atividades similares.

O que se apresenta como *Ponto*, tem semelhanças com o estudo realizado por Machado da Silva (2011) sobre o funcionamento cotidiano do botequim e sua organização social. Assim como o botequim, o *Ponto* também se transformou em um espaço propício para a formação de laços de amizade e solidariedade, observados ao longo do capítulo. Os entregadores compartilham conversas, risadas, estórias e até mesmo momentos difíceis, como no caso de Guilherme, o que cria vínculos emocionais e materiais entre eles, fortalecendo o apoio mútuo. O *Ponto* se tornou um local onde é possível encontrar apoio, compreensão, consolo e um senso de pertencimento. O ambiente descontraído permite que as pessoas se conheçam além de suas funções laborais, promovendo uma integração mais profunda e gerando uma sensação de comunidade.

O *Ponto* vai além de ser apenas um aglomerado de entregadores e um espaço de trabalho. É um lugar de resistência, uma alternativa que representa o esforço de “pessoas que têm dificuldades em aceitar o espírito competitivo que permeia a sociedade urbana” (Machado da Silva, 2011, p. 135). É uma expressão coletiva do trabalho que desafia tanto as formas tradicionais de organização, como os sindicatos, quanto novas formas de controle, gerenciamento e exploração do trabalho, que encontram no trabalho de entregas por aplicativo, o seu modelo ideal de estruturação. O *Ponto* sintetiza formas de ser de uma cultura do trabalho adaptada ao desemprego, ao risco e à insegurança (Machado da Silva, 2002) historicamente arraigada no Brasil.

³⁵ Esta concepção emergiu do diálogo contínuo com Cibele Rizek, que, por meio de discussões e trabalho de campo realizados em parceria, no âmbito do projeto de pesquisa "Grey Zones and Territory: Transformation of Work and the Emerging Figure of Platform Worker. A France-Brazil Comparison" (REGREYZ&CO, ANR/FAPESP) (Processo: 2021/04086-3), foi co-desenvolvida ao refletirmos sobre as dinâmicas observadas no *Ponto* dos entregadores.

2. ESTRATÉGIAS, DINÂMICAS LABORAIS E PERCEPÇÕES SOBRE A REGULAÇÃO DO TRABALHO DOS CICLOENTREGADORES PLATAFORMIZADOS

Neste capítulo, abordaremos três eixos considerados clássicos à sociologia do trabalho. Na primeira seção, serão apresentadas as características do trabalho dos entregadores nas plataformas, em diálogo com descobertas e debates presentes na literatura sobre o tema. A partir dessas discussões, serão destacadas as dinâmicas laborais às quais esses entregadores estão sujeitos, considerando a natureza fluida e em constante mudança das plataformas de entrega. Na segunda seção, se examinará os mecanismos de controle dessa atividade, investigando como eles se estruturam e se organizam. Além disso, serão exploradas as formas de agência e resistência que os entregadores mobilizam diariamente como estratégia de sobrevivência no cotidiano de trabalho.

Na terceira seção, serão discutidas as percepções dos entregadores em relação ao trabalho que realizam, com destaque às suas impressões sobre a regulamentação da atividade. Tais percepções são influenciadas por alguns usos e sentidos incorporados do ideal do empreendedorismo e experiências e compreensões que permeiam uma avaliação positiva da “liberdade” e da “autonomia” propiciada por essa atividade. Tem-se também como foco algumas perspectivas desses jovens trabalhadores em relação ao futuro. Esta discussão, em particular, introduz alguns dos principais elementos e argumentos que serão explorados com mais detalhes no próximo capítulo. Assim, este capítulo fornece bases, a partir da discussão sobre a regulação do trabalho de entregas por aplicativo, para o próximo capítulo, que irá mergulhar mais fundo nas trajetórias dos interlocutores centrais da pesquisa.

2.1. Os cicloentregadores e as dinâmicas de trabalho

Nas últimas décadas, temos vivenciado grandes transformações no mundo do trabalho, caracterizadas por revoluções tecnológicas informacionais e comunicacionais (Castells, 1999), além de um extenso processo de precarização, flexibilização, enxugamento e desterritorialização do trabalho (Harvey, 1993). Uma nova dimensão do trabalho emerge com a disseminação da plataformação, na qual as atividades laborais

são mediadas, organizadas e gerenciadas por meio de plataformas digitais (Machado e Zaroni, 2022; Abílio *et al.*, 2021b; Grohmann, 2020; Van Doorn, 2017; Casilli e Posada 2019; Graham; Woodcock, 2018; Abdelnour e Méda, 2019).

Para Carelli, Kesselman e Cingolani (2020) as plataformas teriam personificado tudo o que vem sendo chamado de *capitalismo neoliberal e financeiro*, cujo crescimento tem se baseado na destruição dos direitos laborais. Nesse contexto, as *zonas cinzentas* desempenhariam um papel regulador na reprodução desse sistema econômico. As plataformas criariam áreas de precariedade que destruiriam o trabalho regulado e protegido juridicamente em favor da utilização de trabalhadores pagos por tarefa, privados de direitos e proteções.

De acordo com Azaïs e Dieuaide (2020), a ascensão do capitalismo de plataforma, cujo impacto na regulação do trabalho digital coloca em questão a dinâmica no trabalho, possuiria a premissa de que a digitalização substituiu o contrato de trabalho da relação de trabalho padrão por uma relação triangular “trabalhador-plataforma-cliente”. O vínculo de subordinação desaparece, o direito laboral dá lugar ao direito comercial e as figuras do empregador e do trabalhador perdem visibilidade institucional. As zonas cinzentas produzidas pelas plataformas digitais, a partir da relação triangular, representariam um espaço onde se processaria uma transformação profunda na organização do trabalho. Dando continuidade a essa enunciação, Azaïs e Dieuaide (2020) entendem que o controle dos sistemas informacionais, produzido pela digitalização da vida, se enquadraria em uma governança digital que tende a modular a capacidade de atuação dos trabalhadores, contando com a sua total e completa disponibilidade, devido à sua situação de “dependência digital” da plataforma.

Embora as plataformas digitais propaguem o discurso de promover um trabalho "sem patrão" e permitir que as pessoas trabalhem "onde e quando quiserem", valorizando a "liberdade total" dos seus "parceiros", a realidade da plataformização de diversas atividades revela novos arranjos que envolvem relações de controle e subordinação do trabalho, como é o caso dos entregadores por aplicativos. Mediado pela lógica do *crowdwork*³⁶, a estrutura tecnológica do controle, agora efetivado pelos algoritmos

³⁶ “Trabalho de multidão”, imensa e indefinida rede de trabalhadores, configurando uma lógica de terceirização em massa, elemento central para a dinâmica de funcionamento das plataformas digitais (De Stefano, 2016; Kalil, 2022; Abílio, 2020).

difusos e incógnitos, e os sistemas de avaliações, recompensas e bloqueios permitem uma gestão extremamente flexível e arbitrária da força de trabalho (Abdelnour; Méda, 2019). A perda da estabilidade e clareza das regras que regem o cotidiano de trabalho, a ausência de prescrições formais e acordadas sobre várias questões, como jornada e precificação do trabalho, se tornaram fundamentais para o exercício desse controle dinâmico (Abílio *et al.*, 2021b).

Consideradas como plataformas *location-based*³⁷, a emergência e difusão dos aplicativos *iFood*, *Rappi*, *UberEats* mudaram a oferta de trabalho e o perfil dos entregadores. Estabelecimentos que não trabalhavam com *delivery* – mercados, restaurantes, sorveterias – passaram a fazê-lo a partir das empresas de aplicativo. Sem nenhum tipo de regulação sobre o trabalho, essas empresas reconfiguram as formas de contratação, a identidade profissional e as formas de interação entre os próprios trabalhadores.

O cenário de diversas cidades brasileiras vem sendo povoado pela figura dos *cicloentregadores* por aplicativo, também conhecidos como *bikers* ou *entregadores*, como eles mesmos costumam se chamar³⁸. Deve-se lembrar que, a partir do segundo semestre de 2018, as entregas por aplicativo ganharam fôlego em São Paulo-SP. A cidade assistiu a um aumento substantivo do número de ciclistas carregando mochilas térmicas coloridas nas costas e apontando para uma nova atividade econômica de logística e de mobilidade urbana sobre a qual se sabe muito pouco. Não existe um balanço preciso de quantos entregadores utilizam bicicletas em São Paulo, bem como uma caracterização de seu perfil. Os aplicativos se negam a divulgar esses números afirmando que seriam estratégicos.³⁹ No entanto, estima-se que há cerca de 30 mil cicloentregadores na capital, número que dá a dimensão de uma atividade que, até pouco tempo, ainda passava

³⁷ São as plataformas que precisam atuar em um espaço geográfico determinado, normalmente utilizando um aplicativo pelo celular, onde o trabalhador realiza suas tarefas por meio de ações mecânicas (entrega de produtos, deslocamento no território etc.) (Manzano e Krein, 2021).

³⁸ Embora o termo *bikeboy* fosse frequentemente utilizado por veículos de notícias ou mencionado em textos acadêmicos, como observado em Abílio (2020b), optou-se por adotar os termos empregados pelos próprios sujeitos da pesquisa, tais como *cicloentregador*, *biker* ou *entregador*.

³⁹ Foram publicados alguns levantamentos sobre os entregadores por aplicativos oriundos de uma parceria entre o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e a Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia (Amobitec), cuja metodologia tem sido questionada por pesquisadores da área. Optou-se, então, por não mencionar seus resultados. Disponível em: <https://cebrap.org.br/cebrap-e-amobitec-lancam-estudo-sobre-mobilidade-urbana-e-logistica-de-entregas-no-brasil> Acesso em 12/04/2023.

despercebida⁴⁰. Uma pesquisa realizada pela Aliança Bike na cidade de São Paulo atesta que o perfil dos entregadores ciclistas é jovem, negro e morador de periferia. Entre os entrevistados no estudo, a idade média era de 24 anos, com 75% da amostra com até 27 anos de idade (Aliança Bike, 2019).

A mudança do uso de motocicletas para bicicletas como meio de transporte para o trabalho de entrega não apenas reduz os custos de aquisição e manutenção do veículo, mas também pode ser ainda mais vantajosa caso o entregador opte pelo aluguel de serviços de bicicletas compartilhadas. Esse tipo de ocupação, considerada amadora, não exige experiência prévia, sendo suficiente possuir ou ter acesso a uma bicicleta, obter aprovação no cadastro do aplicativo e ter mais de 18 anos (Abílio, 2020b). O experiente entregador Eduardo ressalta essa característica ao afirmar ser “uma forma de sustento fácil e rápida, sem muita papelada”. Essa facilidade de ingresso na atividade de entrega de bicicleta atrai muitos jovens que buscam uma fonte de renda rápida e flexível, com custos mais acessíveis e sem as exigências tradicionais de um emprego formal. No entanto, é importante lembrar que, apesar da simplicidade de ingresso, o trabalho de entrega de bicicleta também envolve desafios, como lidar com o trânsito, enfrentar condições climáticas adversas e atender às demandas do serviço de entrega de forma eficiente.

Como um exemplo emblemático do trabalho uberizado, esse tipo de ocupação caracteriza-se pela ausência de direitos, garantias e proteções tradicionalmente vinculadas ao trabalho formal, além de transferir para o trabalhador os riscos e custos associados à sua atividade (Abílio, 2020b). Essa dinâmica escancara a fragilidade das relações de trabalho, caracterizada pela naturalização da instabilidade e responsabilização de cada trabalhador por garantir condições mínimas de vida. Por se tratar de um trabalhador *just-in-time* (De Stefano, 2016), há um regime de trabalho sob demanda que passa a consolidar a rotinização do trabalho inseguro, que se consolida como sinônimo de empreendedorismo (Abílio *et al*, 2021b). Ocorre um gerenciamento de si que se tece na ausência de redes de proteção e que passa a ser apropriado e controlado de novas maneiras (Abílio, 2020b).

⁴⁰ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/economia,12h-por-dia-7-dias-por-semana-r-936-como-e-pedalar-fazendo-entregas-por-aplicativo,1034668>. Acesso em 10/10/2020.

Como mencionado no capítulo anterior, a maioria dos entregadores trabalha com a plataforma de delivery iFood. Fundada no Brasil em 2011, se consolidou como uma das principais plataformas de entrega de refeições no Brasil, expandindo sua presença para outros países da América Latina. Durante a conversa com os entregadores, foi possível compreender que o iFood possui duas formas de inserção – que se traduzem em diferentes formas de controle sobre os trabalhadores – disponíveis para aqueles que se cadastram na plataforma. Uma dessas categorias é conhecida como OLs (Operadoras Logísticas), que são empresas intermediárias (terceiras) responsáveis por recrutar os entregadores, principalmente por meio de redes sociais e WhatsApp. Os entregadores são cadastrados nessas OLs apenas enviando uma cópia do Registro Geral (RG), sem estabelecer nenhum tipo de vínculo formal, e então passam a prestar serviço para a plataforma de delivery (Figura 48).

Figura 48 - Cartaz de uma OL, muito comum entre os entregadores do Ponto

BE EXPRESS
TRANSPORTE & LOGÍSTICA

ENTREGADORES COM BIKE ou MOTO

PAGAMENTO SEMANAL

DISPONIBILIDADE NAS MELHORES REGIÕES:

- 📍 BROOKLIN
- 📍 CONSOLAÇÃO
- 📍 ITAIM BIBI
- 📍 PINHEIROS
- 📍 PARQUE CONTINENTAL
- 📍 REPÚBLICA
- 📍 VILA LEOPOLDINA

LIBERAMOS SEU CADASTRO EM 48 HORAS

ENTRE EM CONTATO
(11) 94862-0119

SE LIGA NAS VANTAGENS:

- ALTA DEMANDA;
- ESCOLHA OS TURNOS;
- SUPORTE IMEDIATO ESPECIALIZADO;
- SUPORTE FINANCEIRO;

@BEEPRESSOFICIAL

WhatsApp, Telegram, Instagram, Facebook

Fonte: Captura de tela do celular. Imagem cedida por entregador.

Os entregadores são vinculados a uma “praça”⁴¹ e a um “turno” específico de atuação, dinâmica que visa assegurar a existência de uma oferta mínima de entregadores

⁴¹ A “praça” é uma territorialidade estabelecida pelo iFood com base no mapeamento da demanda por entregas e concentração de restaurantes, dentro das estratégias de logística espacial da empresa.

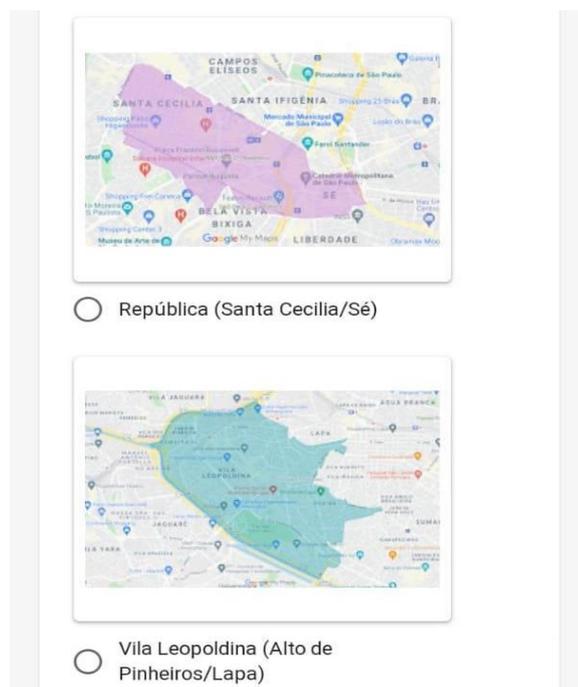
para a cobertura de áreas específicas (de grande demanda) nos horários de pico. Trata-se de uma modalidade muito semelhante a um trabalho formal com cumprimentos de horários e dias previamente estabelecidos pela operadora (Figura 49) (Figura 50). Já na categoria *Nuvem*, o entregador se cadastra diretamente na base do aplicativo, bastando apenas uma confirmação do iFood, para começar a realizar as entregas. Essa categoria apresenta uma dimensão mais flexível do trabalho, na qual o aplicativo pode ser utilizado pelo entregador em qualquer horário do dia. É interessante pontuar que o entregador que for categoria OL também possui uma modal “nuvem”, onde ele pode realizar entregas em qualquer lugar da cidade, sem ficar restrito as praças que a OL oferecer.

Figura 49 - Praças de OL



Fonte: Captura de tela do celular. Imagem cedida por entregador.

Figura 50 - Praças de OL



Fonte: Captura de tela do celular. Imagem cedida por entregador.

Todos os interlocutores exaltaram o aspecto da liberdade da categoria *nuvem* e rechaçavam certa rigidez presente na categoria *OL*. A experiência com trabalhos anteriores (geralmente formais), relatadas por eles sempre de forma negativa – “ganhava muito pouco no meu trabalho no supermercado”, “hoje não preciso bater horário, sou livre para poder parar o aplicativo e resolver qualquer coisa”, “não depende dos outros ficar te mandando mensagem” – pode nos indicar algumas motivações que estruturam suas experiências e que permitirão que atribuam um certo sentido positivo para a categoria *Nuvem* em detrimento da categoria *OL*, por exemplo.

Apesar dos comentários mencionados, observou-se que a maioria dos entregadores no *Ponto* era composta por OLs⁴². De acordo com os entregadores, ser um OL oferecia certas "vantagens", sendo a principal delas a frequência maior de solicitações de entrega por meio do aplicativo, em comparação com os entregadores nuvens. Além disso, ser um OL também proporcionava a oportunidade de fazer parte de um modal específico chamado "bike express", que envolvia a realização de entregas com distâncias mais curtas, em geral inferiores a 2 quilômetros.

⁴² Os entregadores assim se identificam quando vinculados aos operadores logísticos.

Outra vantagem para os OLs é a opção de receber o pagamento diariamente, mediante uma taxa⁴³, ou mesmo quinzenalmente, em comparação com os entregadores nuvem, cujo pagamento ocorre semanalmente, às quartas-feiras. Os entregadores acreditam que essa forma de pagamento (diário) ajuda a lidar com as despesas cotidianas e é especialmente útil para aqueles que têm dificuldade em administrar o dinheiro recebido de uma só vez. Dessa forma, eles conseguem lidar melhor com suas despesas rotineiras e garantir um fluxo mais constante de renda.

Com base nas informações coletadas em campo, observou-se que a maioria dos entregadores estabelece sua jornada de trabalho com base em uma meta de remuneração diária, geralmente em torno de 100 a 120 reais. Isso significa que eles tendem a continuar trabalhando até atingir essa meta por meio da soma das entregas realizadas ao longo do dia. Desse modo, os horários de trabalho costumam variar ligeiramente: alguns entregadores iniciam a *jornada* de trabalho pela manhã, com os pedidos de café da manhã e finalizando as entregas após os primeiros pedidos da noite, enquanto outros optam por iniciar as atividades um pouco mais tarde, trabalhando até cerca de 23h. A maior parte dos interlocutores diz trabalhar de 10 a 12 horas por dia e aponta que costuma tirar um dia de folga por semana.

Não existe uma delimitação formal de turnos para essas jornadas, tal como em uma fábrica ou empresa formal. No entanto, tanto as plataformas quanto os entregadores costumam organizar suas atividades em torno dos horários em que há uma maior concentração de pedidos, principalmente durante os horários de almoço e jantar. Em períodos de demanda mais baixa, como o café da manhã, a quantidade de pedidos tende a ser consideravelmente menor. Apesar disso, as OLs têm um papel na gestão logística dos entregadores em determinadas praças da cidade. Cada OL organiza os turnos de trabalho de maneira diferente, podendo haver mais ou menos turnos fracionados ao longo do dia. Esses turnos são definidos com horários de início e fim, e os entregadores devem solicitar à OL a entrada no turno antes de seu início (Figura 51) (Figura 52).

⁴³ A taxa comumente cobrada tem um valor de R\$ 7,00 (valor de julho de 2023).

Figura 51 - Turnos oferecidos por uma OL

CAFÉ DA MANHÃ 🕒 08:00 ÀS 11:00 *

SIM

NÃO

ALMOÇO 🕒 11:00 ÀS 15:00 *

SIM

NÃO

TARDE 🕒 15:00 ÀS 18:00 *

SIM

NÃO

Fonte: Captura de tela do celular. Imagem cedida por entregador.

Figura 52 - Turnos oferecidos por uma OL

JANTAR 🕒 18:00 ÀS 22:00 *

SIM

NÃO

JANTAR II 🕒 22:00 ÀS 24:00 *

SIM

NÃO

MADRUGADA 🕒 00:00 ÀS 02:00 *

SIM

NÃO

Enviar Limpar formulário

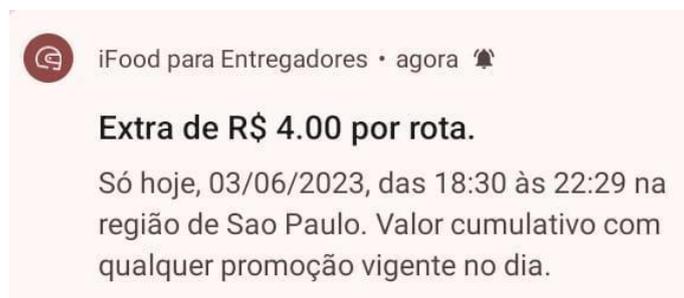
Fonte: Captura de tela do celular. Imagem cedida por entregador.

O valor mínimo atual de cada entrega é de R\$ 6,00⁴⁴, podendo ser acrescido de bonificações ou, como dizem os entregadores, promoções. Essas promoções podem variar de 3 a 4 reais, podendo chegar a valores mais altos em dias de chuvas intensas, datas festivas ou feriados, como foi observado no Natal e durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2022⁴⁵. Os entregadores comentavam frequentemente que os valores promocionais foram reduzidos após o início da pandemia. Antes desse período, a quantidade de promoções disponíveis era maior e os valores oferecidos costumavam ser mais altos.

Os rapazes estão sempre ansiosos pela chegada das promoções, pois elas representam uma grande diferença em seus ganhos. Lorenzo menciona que, quando estão trabalhando sem promoções, o que chamam de "trabalhar no seco", é possível ganhar até R\$ 700 por semana. No entanto, com a promoção que estava em vigor, ele afirma que era capaz de alcançar a marca de 1 "barão" (mil reais) por semana, o que representa um aumento significativo nos seus rendimentos. As promoções são vistas como uma oportunidade de maximizar seus ganhos e atingir metas financeiras mais ambiciosas.

Essas promoções ocorrem devido ao aumento da demanda, tanto para cicloentregadores quanto para motoboys, e são oferecidas dentro de um período determinado pela plataforma. Os entregadores são informados sobre as promoções do dia por meio de mensagens enviadas pela OL no WhatsApp, ou por notificações recebidas nos celulares, disparadas pelo próprio aplicativo, quando estão na modalidade de entregador nuvem (Figura 53).

Figura 53 - Promoção oferecida pelo iFood



Fonte: Captura de tela do celular. Imagem cedida por entregador.

⁴⁴ Valores de julho de 2023.

⁴⁵ Nesses dias de jogo, o valor da promoção chegava a R\$ 8,00. Além disso, havia uma promoção especial em que, para cada gol marcado pelo Brasil durante os jogos, os entregadores online ganhavam um bônus de R\$ 20.

Além dessas promoções mais comuns, o iFood possui outro tipo de promoção que estabelece metas para os entregadores, isto é, uma quantidade de corridas a serem realizadas dentro de um determinado período de tempo. Em troca, os entregadores recebem uma recompensa financeira se atingirem a meta estabelecida. No entanto, essa promoção só é efetivada se o entregador permanecer online e não desligar o aplicativo durante toda a vigência da promoção. Eduardo comenta que, durante um período específico de 3 horas, ele tinha que aceitar, no mínimo, 70% das entregas para se qualificar para essa promoção. No entanto, essa promoção não é bem recebida pelos entregadores, que a consideram como "uma promoção meio escrota, porque ela força a aceitar todos os tipos de corridas". Essa promoção os obriga a aceitarem todas as corridas disponíveis no aplicativo, independentemente de serem longas ou envolverem trajetos desafiadores. Todavia, esses "tipos de corridas" são evitados por eles constantemente. Como estratégia, os entregadores desligam o aplicativo imediatamente após realizar a primeira entrega, ao chegar ao local do cliente, a fim de evitar receberem novas corridas que estejam vinculadas a essas promoções que são ativadas automaticamente.

Conforme mencionado, nas atividades plataformizadas, todos os custos relacionados ao trabalho são de responsabilidade do próprio trabalhador (Abílio, 2019). No caso dos cicloentregadores, para iniciar suas atividades, eles precisam, principalmente, de uma bicicleta e uma bag⁴⁶ específica para transporte dos pedidos. A maioria dos entregadores adquire essas bags por cerca de R\$ 130 (usada) a R\$ 150 (nova). Segundo relatos, a cada dois meses, o iFood promove um evento por meio do aplicativo para a troca das bags. Durante esse evento, o iFood escolhe uma região e aluga um espaço, como um salão, em algum lugar da cidade para realizar a troca. Os entregadores interessados em trocar suas bags simplesmente se inscrevem por meio do aplicativo e comparecem ao local indicado, utilizando um código gerado durante o processo de inscrição. Equipamentos de segurança não são obrigatórios, de forma que sua aquisição e uso variam entre os entregadores, e não são fornecidos pelas empresas. A maioria dos rapazes no *Ponto* não usam qualquer tipo de equipamento, por exemplo.

⁴⁶ Há ainda outros custos envolvidos: aparelho celular, plano de internet, aluguel de bicicleta, equipamentos de segurança, capa de chuva, etc.

Conforme mencionado no capítulo anterior, os entregadores que não utilizam sua própria bicicleta como ferramenta de trabalho costumam alugar o equipamento. Para aqueles cadastrados no iFood, há a possibilidade de aderir a um plano semanal de aluguel de bicicletas mecânicas⁴⁷, conhecidas entre eles como "laranjinhas", em parceria com o Itaú, que estão espalhadas em estações na cidade de São Paulo. Além disso, também existe a opção de alugar bicicletas elétricas (pedal assistido), chamadas de "vermelhinhas", em parceria com a empresa Tembici, disponíveis nos polos do iFood Pedal mencionados anteriormente. Muitos entregadores afirmam que aderir a esses planos de aluguel garante um maior número de chamadas para entregas⁴⁸, além de livrá-los dos custos diários de manutenção e do risco de prejuízo caso sua bicicleta própria seja furtada.

Os custos associados ao acesso ao serviço de bicicletas compartilhadas em São Paulo representam uma parcela significativa dos rendimentos dos entregadores. Atualmente, para utilizar o plano do iFood Pedal, gerenciado pela empresa Tembici, que permite a retirada tanto de bicicletas elétricas nas bases do iFood Pedal quanto das bicicletas convencionais laranjas com o símbolo do Itaú, distribuídas em diversos pontos da cidade, é necessário desembolsar - conforme os relatos dos rapazes e das informações que constam do site do iFood⁴⁹ - aproximadamente R\$ 32 por semana, além de um valor adicional de R\$ 1,99 para cada retirada de bicicleta. Correspondendo ao *plano completo*, esse valor permite retirar a bicicleta em dois turnos de 4 horas por dia, sem valor adicional. Existe também a opção do *plano simples*, que custa R\$ 9,90 semanais, mas possui uma restrição que, segundo os relatos dos entregadores, a torna inviável, pois só é permitido retirar a bicicleta em um turno de 4 horas por dia. Esses custos adicionais podem representar um desafio financeiro para os entregadores, afetando diretamente seus rendimentos e a viabilidade econômica do uso das bicicletas compartilhadas como meio de transporte durante suas atividades de entrega.

Além de assinar o plano, para garantir o acesso a uma bicicleta compartilhada nos polos do iFood Pedal, os entregadores são obrigados a entrar no aplicativo da plataforma à meia-noite do dia da retirada e tentar agendar a retirada da bicicleta o mais rápido

⁴⁷ O Itaú tem implementado bicicletas elétricas em seus postos. No entanto, é válido destacar que a maioria das bicicletas disponíveis nos postos do Itaú ainda são mecânicas, ou seja, não possuem assistência elétrica. Disponível em: <https://motorshow.com.br/servico-de-bicicletas-eletricas-compartilhadadas-estrela-em-sao-paulo/>. Acesso em 03/06/2023.

⁴⁸ Essa dinâmica percebida pelos entregadores possibilita a criação de algumas estratégias cotidianas, que serão melhor detalhadas na seção seguinte.

⁴⁹ Disponível em: <https://ifood.tembici.com.br/planos/>. Acesso em 03/06/2023.

possível. Isso se deve ao fato de haver uma quantidade maior de entregadores buscando as bicicletas em relação ao número de bicicletas disponíveis nos pontos de retirada, como exemplificado por Ítalo: "Tem que ser muito rápido, tem que agendar 00h. É papo de 300 pessoas para só 120 bicicletas no ponto da Avenida Paulista". Essa alta demanda cria uma competição acirrada entre os entregadores para garantir o acesso às bicicletas necessárias para o trabalho⁵⁰.

Uma outra opção de bicicleta, que surgiu em um contexto mais recente, é aquela oferecida pela empresa de mobilidade Bliv. Através de um contrato de leasing, os entregadores têm a oportunidade de adquirir uma bicicleta própria. Nesse modelo, o entregador paga uma quantia de R\$ 600 por mês durante um período de um ano, na modalidade de aluguel. Após o término desse período, o entregador pode se tornar proprietário da bicicleta.

2.2. “Dando o golpe” no sistema: estratégias cotidianas e microresistências frente ao controle algorítmico dos aplicativos

No capítulo 4 do livro "A Corrosão do Caráter", intitulado "Ilegível", Richard Sennett (2009) realiza um estudo sobre os padeiros de uma padaria italiana específica dos Estados Unidos, explorando como a tecnologia afetou a dinâmica e o processo de trabalho nesse ambiente. Ao longo desse estudo, fica evidente como a introdução da panificação computadorizada transformou profundamente as atividades físicas dos padeiros. Com a automação do processo de produção de pães, os padeiros passaram a possuir a função de monitorar o sistema em funcionamento. Eles apenas observavam informações por meio de ícones em telas intuitivas e de fácil utilização, que exibiam imagens representativas da cor do pão, além de fornecer dados sobre a temperatura e o tempo de cozimento dos fornos, entre outros processos. Esse acompanhamento se tornou uma tarefa em que "o pão se tornava uma representação numa tela" (Sennett, 2009, p. 78). Os padeiros foram perdendo contato físico com os materiais e as bisnagas de pão com que tanto tinham familiaridade. Como consequência da dependência dos programas e máquinas

⁵⁰ Nos últimos meses, foram implementadas alterações no sistema de aluguel, onde o entregador, em acordo com o Polo do iFood, define um horário e data para retirar sua bicicleta, ficando com ela durante 7 dias. Essa medida parece ter contribuído para mitigar o problema de acesso ao veículo. No entanto, é importante destacar que caso a bicicleta não seja devolvida no horário combinado após os 7 dias, uma tarifa adicional será cobrada. Disponível em: <https://tembichelp.zendesk.com/hc/pt-br/articles/17269365120148-Bike-para-voc%C3%AA>. Acesso em 03/05/2024.

tecnológicas, passaram a não possuir tanto o controle manual da produção do pão, como o próprio conhecimento prático do “fazer” pão. Esse trabalho, agora automatizado e mediado por uma tecnologia cujo funcionamento os padeiros não compreendem, torna o trabalho não mais “legível para eles, no sentido de entender o que estão fazendo” (Sennett, 2009, p. 78).

Assim como o processo de trabalho dos padeiros descrito por Sennett (2009) era operacionalmente claro, porém ilegível para os próprios trabalhadores, que não compreendiam as regras e processos envolvidos na produção do pão pela máquina, a relação dos entregadores com o sistema algorítmico dos aplicativos de entregas apresenta-se como uma situação semelhante. Como já mencionado na seção anterior, a plataformização do trabalho dos entregadores tem resultado em novas configurações nas relações de subordinação. Sua estrutura tecnológica de controle, baseada em algoritmos difusos e opacos, emprega processos automatizados que coletam e processam grandes volumes de dados. Esses dados influenciam os deslocamentos e a interação dos entregadores com as plataformas, bem como os sistemas de avaliação, recompensas e punições. Esse tipo de gestão proporciona uma flexibilidade extrema e uma administração arbitrária da força de trabalho (Abílio *et al*, 2021b; Antunes, 2020; Cardoso *et al*, 2020).

O controle do trabalho em tais plataformas ocorre, portanto, por meio dessa gestão algorítmica, auxiliada pelo caráter mais pessoalizado do gerenciamento e organização das OLs, descritas na seção anterior. Esse sistema torna o trabalho dos entregadores totalmente ilegível. Embora as orientações e indicações fornecidas pelo aplicativo sejam tão claras quanto os ícones utilizados na padaria estudada por Sennett (2009), abrangendo desde a definição dos locais de coleta e entrega dos produtos até a exibição precisa das distâncias, a tecnologia mobilizada pelas empresas-aplicativo, por trás do funcionamento da plataforma, permanece obscura. Essa falta de transparência resulta em uma compreensão limitada por parte dos entregadores em relação às normas que regem o seu trabalho.

A constante falta de clareza por parte das plataformas, especialmente em relação aos bloqueios e desligamentos arbitrários dos trabalhadores, o estabelecimento de bonificações em locais e horários de alta demanda e as mudanças frequentes nas remunerações, contribui para a manutenção da subordinação dos entregadores em relação

à dinâmica e gestão dos aplicativos. A *ilegibilidade*⁵¹ das regras e normas impostas pelas plataformas desempenha um papel essencial nesse processo. Os entregadores ficam sujeitos a uma estrutura obscura e constantemente mutável, dificultando a compreensão das condições de trabalho e tornando-os mais vulneráveis aos desígnios das empresas.

É importante destacar, contudo, que esses mecanismos de controle e gestão não significam submissão e consentimento plenos às regras e dinâmicas impostas pelas plataformas. Há o surgimento de processos de resistência e estratégias desenvolvidas cotidianamente pelos entregadores a partir da experiência no trabalho das entregas. O estudo sobre a resistência dos trabalhadores plataformizados traz para o debate sobre o controle do trabalho a discussão sobre formas de agência frente ao fenômeno da plataformização (Englert, Woodcock, Cant, 2020).

As formas de enfrentamento podem assumir maneiras implícitas e veladas de contestação, cuja ação tende a ser de caráter mais individual, e práticas explícitas e públicas de contestação, possuindo desdobramentos em formas organizativas (Abílio *et al.*, 2021a; Antunes, 2020; Grohmann, 2022), que podemos verificar nas paralisações nacionais⁵² organizadas pelos entregadores, denominadas de “Breques dos Apps”, mobilizados por movimentos e coletivos de resistência às plataformas reivindicando melhores condições de trabalho. Além disso, temos também as cooperativas ou grupos auto-organizados que buscam desenvolver aplicativos ou esquemas próprios para oferecer o serviço de entregas, criando outros modos de trabalho “independentes” das plataformas digitais, concorrendo com elas ou se apropriando de nichos ou territórios ainda pouco explorados por essas empresas.

⁵¹ Em um esforço para contribuir com uma antropologia do Estado, Das e Poole (2004) exploram o conceito de ilegibilidade do Estado. Este conceito sugere que as práticas de documentação e produção estatística por parte do Estado visam controlar seus cidadãos e territórios, aqui inspiradas na noção de governamentalidade de Foucault (2008b). A conclusão é que o Estado se manifesta ou é percebido através da dificuldade de interpretar e compreender suas normas e regulamentos, ou seja, através de sua gestão ilegível. Durante uma discussão com colegas na reunião do grupo “Grey Zones and Territory: Transformation of Work and the Emerging Figure of Platform Worker. A France-Brazil Comparison” (REGREYZ&CO, ANR/FAPESP) (Processo: 2021/04086-3), Cibele Rizek e Felipe Rangel deram ênfase à noção de “ilegibilidade”, inspirada por essa perspectiva de Das e Poole (2004), posicionando-a como um mecanismo de gestão e controle exercido pelas plataformas digitais sobre os entregadores. Esta reflexão é considerada importante e relevante; no entanto, ainda não possui as ferramentas teóricas e discussões necessárias para me convencer completamente desse pressuposto. Portanto, continuo baseando-me na noção de ilegibilidade desenvolvida por Sennett (2009).

⁵² Iniciadas durante a pandemia, em julho de 2020, as mobilizações levaram centenas de milhares de entregadores a reivindicar por melhores condições de trabalho da categoria, com o protagonismo dos entregadores motociclistas. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/breque-apps-direito-de-resistencia-era-digital/>. Acesso em 03/06/2023.

Foi observado que os cicloentregadores desenvolvem uma série de pequenas resistências e estratégias cotidianas para contornar o gerenciamento algorítmico das plataformas e a organização das OLs. O objetivo dessas ações é maximizar seus ganhos, reduzir esforços, evitar entregas pouco lucrativas e evitar possíveis punições por parte dos aplicativos e OLs. Essas estratégias visam, em última instância, otimizar as condições de trabalho e garantir maiores ganhos financeiros.

No plano das práticas coletivas, podemos observar que o próprio agrupamento de cicloentregadores formado no Centro de São Paulo, descrito amplamente no capítulo 1, embora não seja organizado ou articulado em função de pautas sindicais, partidárias ou ideológicas, propiciam trocas de informações importantes entre os rapazes, sobretudo no que se refere às pequenas estratégias cotidianas de como realizar o trabalho com menos contratemplos.

No *Ponto*, ocorrem, por exemplo, trocas de informações sobre os restaurantes que costumam ter atrasos na entrega dos pedidos. Daniel sempre menciona as dificuldades de coletar entregas em um estabelecimento localizado no prédio Copan. Ele constantemente recusa pedidos desse local e alerta seus colegas para que façam o mesmo. Segundo Daniel, as refeições preparadas demoram excessivamente para serem liberadas, resultando em uma espera média de 40 minutos a 1 hora. Isso impede que ele realize outras entregas durante esse período e, conseqüentemente, ganhe mais de R\$ 6,00. Ele afirma que a maioria dos entregadores que aceitam pedidos nesse restaurante são novatos que ainda não pegaram as “malícias” da atividade.

Esse aprendizado requer um conhecimento total das rotas e dos estabelecimentos da região, o que faz com que os entregadores tenham, nas palavras de Caique, “um GPS⁵³ dentro de uma cabeça que decora todas as ruas”. Tiradentes, indo ao encontro do raciocínio de Daniel, afirma que o aprendizado mais valioso para o entregador é quando adquire essa experiência de saber onde e quais são os lugares, e assim reduzir o tempo entre as entregas:

Quando você não tem a experiência de “eu sei qualquer restaurante”, você custa mais a chegar nesse restaurante. Você fica igual um bobo. “Peraí, aonde eu tenho que ir?”. A partir do momento que você toma esse conhecimento, você ganha horas e horas. Você só chega e “pum”. “Onde é que eu tenho que entregar? “Pum”. Mano, você só pega o celular na hora que chegar na porta do

⁵³ Global Positioning System.

cliente para ver o apartamento. Isso vale muito. Isso vale até demais, porque você ganha tempo, e tempo é dinheiro para nós na entrega.

Em termos mais individuais, também foi possível mapear algumas estratégias muito comuns aos rapazes do *Ponto*. Conforme mencionamos na seção anterior, há uma parceria entre iFood e Itaú nos planos de aluguel de bicicletas disponíveis para os entregadores. Segundo o conhecimento tácito dos entregadores, os pedidos no aplicativo do iFood que chegam para aqueles que estão fazendo uso da bicicleta do Itaú (mecânicas, de cor laranja) são para corridas de menor distância. Assim, na busca por percorrer menores distâncias nas entregas e “valorizar a pedalada”, muitos entregadores têm deixado acorrentada em postes, corrimãos e árvores, a bicicleta laranja do Itaú, disponível para retirada em diversos pontos de São Paulo, inclusive na região central. Visto que a quilometragem dos pedidos de entrega é menor para quem utiliza as bicicletas do Itaú, alguns optam por retirar as bicicletas de cor laranja – o sistema de retirada é reconhecido pelo aplicativo – e deixá-las acorrentadas enquanto fazem as entregas usando a própria bicicleta (Figura 54). O uso da bicicleta própria, geralmente um modelo Aro 29, é vantajoso na comparação com as bicicletas alugadas, pois seu tamanho maior proporciona um desempenho significativamente melhor. Isso permite que os entregadores percorram distâncias maiores com menos esforço físico. O controle algorítmico é “enganado” ao identificar que o entregador está fazendo uso da bicicleta laranja, enviando-lhe corridas mais curtas. Daniel diz: “Não vivo sem a laranjinha, com ela é corrida de 3 km para baixo, sem ela é 3 km pra cima, só bica⁵⁴”.

Figura 54 - Bicicleta do Itaú acorrentada em corrimão



Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 27 de outubro de 2022

⁵⁴ Gíria popular referente a corridas ruins e muito longas.

Em comparação com os entregadores que não utilizam essa “tática”, Daniel destaca que é possível receber corridas mais longas, com distâncias de 4, 5 e até 6 quilômetros. Dessa forma, um entregador que aceitou uma corrida de 900 metros através da bicicleta do Itaú pode realizar até 3 entregas no mesmo período de tempo em que o outro entregador ainda está fazendo a mesma entrega de 6 quilômetros. Essa diferença na eficiência permite que o entregador aumente significativamente sua produtividade e ganhos em relação aos demais. Carlos resume essa situação a “quem se fode é quem pega corrida mais longe”.

Entre os entregadores do local, há também outras estratégias, como o famoso “dar o golpe”. A prática se dá quando o empregado do estabelecimento que produz o pedido (restaurante) esquece ou não pergunta o nome do entregador que realizará a entrega. O empregado, por não saber o nome do entregador, acaba não sinalizando no sistema do aplicativo que o pedido já foi coletado pelo entregador responsável. O entregador, então, pega o pedido para ele próprio e “desloca-o” - o ato de deslocar significa redirecionar o pedido para outro entregador e receber uma pequena “taxa de deslocamento”⁵⁵ até o local, sem precisar realizar a entrega -, fazendo com que, no sistema, a entrega vá para outro entregador realizar, constatando que o pedido ainda não havia sido retirado. O estabelecimento em questão executa um novo produto, para o novo entregador que recebeu o pedido deslocado. O entregador que deu o golpe ou “come o pedido” ou “vende no fluxo da rua” mais barato.

Com relação às OLs, os rapazes também formularam certas formas de resistência. Como mencionado na seção anterior, uma das formas de pagamento das OLs é diária. Em uma ocasião, Neblina ficou revoltado com sua OL, pois estavam pagando apenas metade do valor no recebimento diário. Quando a OL era questionada sobre a falta do restante do valor, Neblina afirma que nada era feito e que, muitas vezes, não recebia nenhuma resposta. Como resultado, ele não hesitava em realizar o que os entregadores chamam de “boicote”. Ele passava dias e horas conectado nos turnos da OL, recusando as entregas e trabalhando apenas quando queria. Outra tática comum é relatada por Wesley. Ele conta

⁵⁵ Os entregadores recebem uma taxa correspondente ao tempo de espera do pedido. Após 15 minutos de espera, o entregador começa a receber um valor que varia de R\$ 0,15 a R\$ 4,00 (valores referentes a julho de 2023). O entregador continua a receber quantias variadas de dinheiro após os 15 minutos, até que ele receba o pedido ou decida desloca-lo.

que, para despistar o gerente de sua OL, que queria que ele continuasse trabalhando até o final do turno – “era 20h e queriam que eu fosse até as 22h” – ele colocava o celular em modo avião para evitar ser rastreado geograficamente pelo gerente.

Mesmo diante da *ilegibilidade* dos mecanismos de funcionamento do algoritmo da plataforma, os entregadores têm conseguido identificar certos padrões do sistema. Durante uma conversa com Daniel sobre as entregas que recusa, ele compartilhava comigo seu *score*⁵⁶, e eu perguntava o que era necessário para aumentar esse score. Ele explicou que, com base em sua experiência, é preciso ter uma proporção de aproximadamente 70 entregas aceitas para cada 30 recusadas, considerando uma amostra de 100 entregas. Dessa forma, ele consegue manter uma média de avaliação no aplicativo suficiente para evitar o risco de desligamento.

Outra leitura feita pelos rapazes diz respeito ao fenômeno chamado por eles de "peneira". Todo final de ano, o iFood realiza uma espécie de "limpeza", resultando no desligamento de muitos entregadores de uma só vez. O receio dos entregadores em relação a essa dinâmica é bastante comum, e frases como "O iFood é minha vida, minha conta é minha vida" são frequentemente repetidas ao abordar esse assunto delicado. Durante as entregas feitas pelo aplicativo do iFood, os entregadores precisam inserir um código de 4 dígitos, fornecido pelo cliente, para finalizar a corrida no aplicativo. No final do ano, o iFood suspende a obrigatoriedade desse código, o que possibilita situações em que os entregadores alegam não terem encontrado o cliente, ficando com o pedido para si. Segundo meus interlocutores, isso permite ao iFood testar os entregadores, desativando as contas de qualquer um que tenha tido algum incidente durante esse período, alegando "má conduta". Diante dessa dinâmica de gato e rato entre os entregadores e o sistema algorítmico, José destaca que "quando eles descobrem nossas artimanhas, eles as utilizam contra nós".

Devido à frequência de bloqueios arbitrários, muitos entregadores recorrem ao empréstimo ou aluguel de contas de terceiros como uma estratégia para continuar trabalhando. Um exemplo disso é o caso de Fernando, que enfrentou dificuldades durante a pandemia, quando sua própria conta no aplicativo foi bloqueada. Para contornar essa situação, ele começou a utilizar a conta de sua mãe para fazer as entregas. Mesmo

⁵⁶ Pontuação que o entregador recebe a partir de sua avaliação no aplicativo do iFood.

segundo todas as medidas de segurança, como o uso de máscara, Fernando enfrentou um problema durante uma entrega: o cliente afirmou que a pessoa na foto não era Fernando, pois não conseguia identificá-lo devido ao uso da máscara. O cliente decidiu reportar essa situação ao aplicativo, resultando no desligamento de Fernando da plataforma.

Outras estratégias identificadas incluem: a utilização de dois celulares, sendo um exclusivamente para o aplicativo iFood e outro para uso pessoal, evitando o rápido consumo de bateria ao utilizar apenas um dispositivo para o trabalho; equipar as bicicletas convencionais com motores, reduzindo o esforço físico necessário durante toda a jornada de trabalho; furtar bancos das bicicletas do Itaú e colocá-los nas bicicletas próprias, devido ao maior conforto e impermeabilidade que esses bancos proporcionam; “segurar na tela” ou “morrer na tela”⁵⁷ o pedido que toca no aplicativo; formas de se “evitar bloqueios por rejeite”, na qual o entregador recusa (até) três corridas seguidas e aceita a quarta, provocando um *reboot* na taxa de corridas rejeitadas contabilizadas na conta do usuário no aplicativo. Evita-se assim, um bloqueio que pode ser de 30 minutos a 48 horas; entre outras estratégias já abordadas no capítulo 1.

Embora sejam incapazes de enfrentar as arrasadoras tendências da plataformização do trabalho, essas artimanhas em constante reinvenção revelam limitações que desafiam o suposto “despotismo algorítmico” (Griesbach et al., 2019). Essas estratégias podem ser interpretadas como as “armas dos fracos”⁵⁸, que englobam todo um conjunto de micro resistências cotidianas, sem qualquer organização formal, que buscam minar os efeitos da dominação no trabalho (Scott, 1985). Essas pequenas estratégias e resistências construídas, muitas vezes, individualmente, são importantes tanto para a compreensão das experiências de trabalho dos entregadores quanto para identificar os limites do próprio controle algorítmico do trabalho.

2.3. “Eles querem privatizar o iFood”: entre a negação da regulação e a perspectiva de liberdade

⁵⁷ Expressões utilizadas quando o entregador aceita um pedido, mas não atualiza o status do aplicativo para indicar que chegou ao estabelecimento. Isso ocorre quando o entregador decide não fazer a entrega.

⁵⁸ Essa concepção surgiu durante uma conversa com Felipe Rangel Martins, a quem agradeço pela oportunidade teórico-analítica, em uma das reuniões do grupo “Grey Zones and Territory: Transformation of Work and the Emerging Figure of Platform Worker. A France-Brazil Comparison” (REGREYZ & CO, ANR/FAPESP) (Processo: 2021/04086-3). A partir do relato de pesquisa de Felipe, conheci o conceito de arma dos fracos, de Scott (1985), o qual tomei como referência para a análise dos dados de minha pesquisa.

Sou eu, um negro, a procura da liberdade

As vezes enxergo a liberdade

Por que dá liberdade?

Por que? Por que? Por que?

Sou eu, um negro, a procura da liberdade

Venho procurar a liberdade

Por que do caminho?

Não enxergo o porquê da liberdade

Vejo-os todos com amarra e vendas

Por que dá liberdade?

*(Versos recitados a mim, por um transeunte
durante meu trabalho de campo no Ponto.)*

A aprovação da reforma trabalhista ([Lei nº 13.467](#)), em 2017, tem como marca principal a flexibilização das relações de trabalho. O trabalho por conta própria, o trabalho autônomo e as formas uberizadas de relação econômica ganham força, uma vez que o assalariamento é constantemente flexibilizado (Krein, 2018). Essa reforma tem um peso enorme sobre os mais jovens, pois são eles que vão traçar suas trajetórias laborais em um mercado de trabalho com reduzida proteção social e relações contratuais muito instáveis. A trajetória desses jovens se faz ao longo de um *pinga-pinga* entre trabalhos precários e de baixa remuneração, característico de um conjunto de agenciamentos e ocupações que compõem o que alguns autores chamaram de *viração* (Telles, 2011; Rizek, 2013 e 2016; Abílio, 2017; Guimarães et al., 2009; Cabanes et al, 2011). Entre as atividades já realizadas pelos entregadores, destacam-se: trabalho em supermercados, garçom, construção civil, carga/descarga de mercadorias, telemarketing, office-boy, entre outras. Em geral, são atividades manuais e/ou rotinizadas, que não requerem elevados níveis de qualificação, caracterizadas por baixas remunerações e nenhum tipo de realização pessoal ou satisfação através do trabalho (Pires; Perin, 2024).

Os “bicos” e “corres” marcavam o cotidiano de todos os jovens encontrados em campo. Foi possível notar, em suas falas, uma constante construção de múltiplas estratégias para viver do trabalho, aliadas a um engajamento para alterar sua realidade presente e futura. Nesse sentido, a partir de uma cena ocorrida em uma das incursões etnográficas, é possível ilustrar as impressões desses entregadores sobre a regulamentação da atividade, alguns usos e sentidos incorporados do ideal do empreendedorismo e as experiências e percepções que permeiam uma avaliação positiva da “liberdade” e “autonomia” propiciada por essa atividade.

Faltavam apenas dois dias para o segundo turno da eleição presidencial. Naquela sexta-feira, as ruas do Centro de São Paulo estavam respirando os confrontos e debates daquele momento crucial para democracia do país. A todo momento, viam-se toalhas com o rosto de Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva sendo vendidas nas bancas de jornais, pessoas entregando adesivos eleitorais de ambos os candidatos, provocações entre os eleitores dos dois lados e frequentes grupos abordando quem passasse no intuito de “virarem o voto” para seus candidatos de preferência.

Toda essa atmosfera política, como não podia ser diferente, afetava aquele *Ponto* na região central de São Paulo. Por sorte, foi um dos dias que estive realizando meu campo junto aos entregadores em meio ao calçadão da Barão. Como havia chegado às 10 horas da manhã, pude ir sentindo e observando a chegada dos entregadores ao local, assim como a montagem de uma tenda de frente para a aglomeração de entregadores. Um pouco mais tarde, eu viria a saber que se tratava de uma espécie de comício promovido pelo Sindicato dos Servidores e Trabalhadores Públicos em Saúde, Previdência e Assistência no Estado de São Paulo (SINSPREV/SP) que pretendia convencer as pessoas a votarem no então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Por volta de 13h, os membros do sindicato começaram a se pronunciar através de um microfone ligado a um grande amplificador. Eram palavras de ordem como “O amor vai vencer o ódio”, “Brasil, urgente, Lula presidente!”, “É melhor Jair, Jair embora”, entre outras, e discursos acalorados sobre os diversos temas levantados pelas candidaturas de Lula (Partido do Trabalhadores) e Bolsonaro (Partido Liberal).

Em certo momento, um desses discursos abarcou a temática da reforma trabalhista de 2017, condições de trabalho e direitos dos entregadores. É importante lembrar que, durante a campanha eleitoral, o candidato Lula, que posteriormente seria

eleito, tinha como promessa buscar a regulamentação da atividade dos motoristas e entregadores de aplicativo, permitindo que esses trabalhadores tivessem acesso a direitos similares aos da CLT. À guisa de exemplo, em comício no bairro do Grajaú (SP), Lula acenou para a regulação da profissão de entregadores, destacando o combate ao desemprego e ao trabalho informal como uma das principais ancoragens de sua candidatura. Disse aos apoiadores “O povo quer e precisa de trabalho decente. Não quer fazer bico ou biscate, entregar comida sem ter direito a descanso semanal remunerado, férias e recesso no Natal e Ano Novo”⁵⁹.

Os entregadores, que em sua maioria pareciam estar incomodados desde cedo com a presença daquele comício, começaram a ficar mais agitados e passaram a *bater boca* com quem estava discursando e agitando aquele evento do SINSPREV. Neblina chega a gritar “bem na nossa cara ficar gritando nesse megafone, é uma afronta”. Houve uma certa tensão, com bastantes ataques verbais proferidos por parte dos entregadores ao partido dos trabalhadores (PT), ao candidato Lula e ao sindicato. Arlindo, que está sempre no ponto com sua bicicleta motorizada, entregando os pedidos e *zigzagueando* por entre os pedestres e carros, afirmou para mim que iria votar em Bolsonaro, pois achava que qualquer partido seria melhor que o PT. Em certo momento, ao questioná-lo sobre o que ele estava achando daquele comício, afirmou de prontidão “isso é uma patifaria, bem na nossa cara, é para empurrar goela abaixo”. A frase proferida expressava um sentido ímpar. Arlindo estava incomodado com o fato de os sindicalistas e políticos quererem empurrar-lhe *goela abaixo* uma carteira assinada que ele não havia sequer pedido.

Conforme a discussão seguia e se acentuava, os oradores do comício apelavam ainda mais para a falta de direitos na atividade dos entregadores. As más condições de trabalho e dinâmicas de auto responsabilização em relação aos riscos e custos que aquele trabalho pressupunha eram enfaticamente relatadas por aqueles sindicalistas. Naquele dia, Tiradentes esbravejava sobre como direitos trabalhistas “seguravam” o ser humano e impediam-no de crescer.

Com o tempo, a tensão foi diminuindo. Os sindicalistas passaram a desmontar a tenda, pois, aparentemente, iriam seguir para outra região e realizar outros afazeres partidários. Nesse ínterim, os entregadores passaram a conversar entre si e discutir sobre

⁵⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-acena-com-legalizacao-da-profissao-de-entregadores-na-zona-sul-de-sp/> Acesso em 06/05/2023.

os assuntos que haviam sido amplamente jogados sobre eles. Em meio à discussão, a frase “eles querem privatizar o iFood” foi dita inúmeras vezes. A princípio, se tratava de uma expressão sem sentido algum. Cheguei a me perguntar: como uma empresa já privada iria ser privatizada pelo governo ou por alguma lei de regulação do trabalho? Foi quando questionei para Daniel, sobre *qual o sentido e significado daquela frase proferida na discussão*. Daniel me explicou então, que “privatizar o iFood” carregava o sentido de que a regulação do trabalho, a inserção de uma carteira assinada, os confinaria a um valor fixo de remuneração, privando-os de realizarem outros tipos de trabalhos paralelos às entregas, como “puxadinhos” e “bicos”. Além disso, de acordo com ele, a ideia de salário mínimo está relacionada a algo que “acomoda as pessoas” em sua situação de vida atual e que gera uma “perda de inúmeras possibilidades de se ter uma rentabilidade maior”.

Ouvindo minha conversa com Daniel, André acrescentou que, para a maioria dos trabalhadores, a liberdade oferecida pelas plataformas é um dos principais atrativos. Pode-se trabalhar nas horas e dias que desejarem e realizarem quaisquer outras tarefas durante o trabalho, de acordo com suas necessidades pessoais e financeiras. Situação que, de acordo com André, dificilmente encontrariam em um emprego de carteira assinada:

Que emprego me daria essa oportunidade hoje de chegar 12h30 no trabalho? Se eu quiser ir embora 16h00, eu vou embora, eu desligo meu aplicativo e vou embora. Então que outra empresa me daria essa oportunidade? Não. Eu tenho que bater horário, tem que fazer, tem que bater metas, entendeu? Então, é isso.

Na mesma linha de raciocínio, temos o caso de Wesley de 28 anos. Nascido e criado na cidade Tiradentes, ou, como ele costuma dizer, “criado no fundão da zona leste”. Cuidado pela avó após seus pais se separarem, desde os seus 12 anos de idade tem trabalhado duro para ganhar a vida. Já trabalhou em diversas áreas, como pedreiro, pintor, ajudante geral, auxiliar de manutenção, entre outros, antes de conhecer o iFood. Ao se interessar pela conversa também, durante uma pausa em suas entregas, comenta que há cerca de dois anos e meio, antes da pandemia, decidiu deixar o *Mc Donald's*, onde trabalhava na época, por considerar que não havia oportunidades evidentes para crescimento na empresa. O salário era bastante desfavorável, exigindo um esforço considerável e não devidamente valorizado. Foi aí que Wesley viu no delivery uma oportunidade que lhe traria vantagens:

Aí eu fui atrás da minha melhora, que é no delivery, que é mais liberdade também. Você trabalha para si mesmo, né? Me joguei nessa empreitada aí. Eu venho o dia que eu quero, trabalho quanto eu quero, faço as horas que eu quero,

tudo depende de mim. Se eu quiser fazer dinheiro, eu vou esticar, se eu não quiser, é só não vir, entendeu? Eu faço o meu dinheiro, eu faço meu tempo, minha hora. Quem manda é nós no trampo, né?

Já em outro momento, quando perguntado sobre o que pretende fazer futuramente, Wesley diz querer

fazer uma grana sempre, ajuntando e diversificando meu dinheiro, entendeu? Até chegar na liberdade financeira, investimento, imobiliária, pode ter vários caminhos ou o fato só de ajuntar que a gente também tem, entendeu? Aí futuramente empreitar, porque já montei uma hamburgueria, mas não deu certo. Quem sabe tento outro, entendeu? Mas nós tá no corre. O iFood não vou largar, enquanto eu tiver precisando de renda, certo? Essa é a minha renda principal, mas focar em outras rendas futuramente.

Através do iFood como sua principal fonte de renda, ele planeja se “levantar nas entregas” e alcançar seus objetivos financeiros. Para Wesley, o mais importante é continuar no seu "corre" diário e não abandonar sua fonte de renda principal até que esteja financeiramente independente. Ele se diz feliz com o dinheiro que está ganhando nas entregas: “tiro um dinheirinho bom por semana e não dá, não preciso reclamar, né? O negócio dá um dinheirinho bom”. Como recebe por semana devido ao fato de ser nuvem, sua renda varia entre R\$ 700 e R\$ 800 por semana, baseando-se em uma meta de ganhar pelo menos R\$ 100 por dia. Com dedicação e perseverança no seu "corre" diário, ele espera abrir seu novo negócio.

Como podemos perceber, há uma certa dissonância entre a fala de Lula e dos sindicalistas no Centro para com a percepção dos entregadores frente ao debate sobre a regulação de sua atividade. Esses jovens trabalhadores têm rejeitado relações de trabalho cujo cenário normativo é o assalariamento formal e acoplado a direitos. Procuram estratégias que propiciem uma maior empregabilidade, um maior rendimento financeiro e a realização de uma fuga do regime salarial que os “impede de crescer”. Busca-se atingir uma mobilidade social em paralelo aos trabalhos formais que lhes são oferecidos e que pouca perspectiva lhes dão em termos de ascensão social. A ideia de salário mínimo, atribuída a algo que “acomoda as pessoas” ilustra a predominância de um universo simbólico que reforça uma ideologia voltada ao mérito e ao desempenho individual, na qual os indivíduos depositam toda a sua capacidade de ação, e, por consequência, através dela modelam sua vida (Machado da Silva, 2002).

De modo geral, o que se observa a partir dessa cena, e que corrobora inúmeras pesquisas acerca das estratégias de vida nas periferias urbanas (Machado da Silva, 2018;

Telles, 2006; Rizek, 2012; Feltran, 2014), é que as formas clássicas de emprego formal que mobilizaram gerações de trabalhadores, em busca de acesso à *cidadania*⁶⁰, dignidade no trabalho, previdência e mobilidade, não fazem mais parte do imaginário de grande parcela desses jovens periféricos. O trabalho assalariado perde a centralidade para muitos desses sujeitos, que passaram a conviver com um mercado de trabalho marcado por formas nebulosas de contrato, alta informalidade, flexibilidade, desrespeito à legislação trabalhista, alta rotatividade, baixos salários, fortes desigualdades entre os rendimentos do trabalho, condições de trabalho precárias, jornadas que dificultam a realização de outras atividades e, sobretudo, a ausência de um trabalho com sentido e reconhecimento. A individualização e a subjetivação dos controles que organizam a vida social se encaminham para a reconstrução dessa cultura do trabalho adaptada ao desemprego, ao risco e à insegurança (Machado da Silva, 2002).

As novas gerações já se constituem como sujeitos em um mundo do trabalho cujo horizonte normativo do assalariamento já se desfez, de modo que as condições atuais não significam perda de uma situação anterior mais promissora (Telles, 2006). Muitos jovens rodopiam por uma multiplicidade de trabalhos precários, em lugar de uma rotina estável ou de uma carreira previsível – atributos que caracterizavam uma cultura do assalariamento formal –, isto é, já ingressam em um mercado de trabalho flexível e disperso (Pais, 2001), como é o caso das entregas por aplicativo.

No mais, ainda podemos perceber essas saídas estratégicas a que essa geração de trabalhadores recorre enquanto mudança cultural que vem se estabelecendo desde a reestruturação produtiva, marca registrada do capitalismo desde os anos 70. É importante ressaltar que a percepção que esses entregadores condensam expõe uma geração atravessada por uma “nova” cultura do trabalho marcada pela instabilidade de vínculos, flexibilidade e mobilidade entre postos de trabalho, bem como pelo caráter empreendedor (Sennet, 2011).

Sennet, (2009), refletindo sobre duas entrevistas realizadas em momentos diferentes com um pai e o seu filho, demonstra como o trabalhador situado no contexto

⁶⁰ A partir do conceito de *cidadania regulada* de Santos (1979), é possível compreender que a obtenção da cidadania estava condicionada ao reconhecimento formal por parte do Estado da profissão exercida pelo indivíduo. Aqueles que desempenhavam ocupações não reconhecidas legalmente, como trabalhadores rurais, domésticos e ambulantes foram classificados como pré-cidadãos, o que criou obstáculos para sua participação na esfera política e acesso a direitos via trabalho.

do capitalismo flexível é impactado em sua subjetividade. O pai, Enrico, um faxineiro, viveu num contexto de garantia de direitos ao trabalhador que permitia a construção de uma narrativa linear que possibilitava saber a data da aposentadoria e quanto de poupança teria. Por outro lado, seu filho, Rico, situado em um regime flexível de trabalho alcançou uma mobilidade ascendente, embora seja marcante em sua trajetória a instabilidade nos empregos. Assim como Rico, esses entregadores desprezam os “conformistas” e trabalhos protegidos pela “armadura da burocracia”, representada pelos direitos relacionados ao trabalho assalariado. Vivendo em um mundo caracterizado pela flexibilidade e o fluxo do curto prazo, esses jovens entregadores acreditam em se manterem abertos à mudança e correrem riscos que os possibilitem um horizonte fora da estabilidade do trabalho assalariado. Essa economia política flexível, como afirma Sennet (2009) atrai esse desejo pessoal de liberdade e produz um indivíduo que rejeita a rotina burocrática do trabalho formal.

Dentro deste contexto de mudanças culturais e estruturais, torna-se imperativo destacar que o trabalhador de plataformas emerge como uma *figura emergente* (Carelli, Kesselman e Cingolani, 2020), trazendo consigo os elementos de uma ruptura com os modelos tradicionais do emprego clássico e os paradigmas culturais do trabalho/trabalhador remanescentes do século XX.

O imaginário construído a partir das experiências de trabalho desses jovens caracteriza-se por uma noção de salário como um valor rígido, imutável e que frequentemente é de baixo valor, sendo igual ou muito próximo a um salário mínimo⁶¹. Esses elementos que percorrem a trajetória de vida desses jovens periféricos têm produzido profundos questionamentos em relação aos postos de trabalho tradicionalmente reservados a eles (Pires; Perin, 2024). É preciso que reconheçamos as perdas no contexto político econômico recente, que estruturaram um mercado de trabalho precário e sem direitos, onde as alternativas disponíveis às classes populares não oferecem oportunidades de emprego digno.

Vai se conformando um horizonte na qual novas práticas e justificativas se revestem de uma expectativa em torno da presença da liberdade e autonomia em suas

⁶¹ De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o salário mínimo nominal está em R\$ 1.302,00 enquanto que pelos cálculos do departamento intersindical o salário mínimo necessário deveria estar entorno R\$ 6.676,11 no mês de abril do ano de 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em 05/05/2023.

atividades ou ocupações. A atividade de entregas possibilita “mais liberdade” na medida em que lhes possibilita realizar outros trabalhos ou mesmo resolver questões cotidianas de outra ordem como problemas pessoais, exames médicos ou mesmo voltar para a casa e ver a família mesmo que um pouco.

O fato de o trabalho nas entregas não possuir características rígidas, próprias dos empregos tradicionais presentes na trajetória laboral desses sujeitos, garante a esses jovens meios de obtenção de uma renda extra e a possibilidade de resolverem questões ordinárias no tempo livre. A capacidade de estabelecer horários de entradas e saídas, ou mesmo determinar sua jornada de trabalho, se revelou como um ganho positivo para esses entregadores. O trabalho por aplicativo acaba sendo mais atrativo a esses jovens, mesmo em situações extremamente precárias, que eles não deixam de reconhecer – constantes punições dos aplicativos, trabalho desprotegido, remuneração variável, controle algorítmico, bloqueios arbitrários e jornadas extenuantes, que envolvem uma série de riscos.

Há uma margem de liberdade que, a partir de um olhar pragmático, possibilita a oportunidade de escapar de empregos com horários rígidos e sem perspectiva de mobilidade. Os trabalhadores identificam na atividade de entregas possibilidades ou vantagens que, em um trabalho registrado qualquer, “você seria mandado embora ou levaria bronca de seu patrão”. Essas ocupações eram constantemente referenciadas pelos entregadores como atividades atravessadas por uma gama de subordinações permeadas por humilhações e autoritarismos referenciados como “encheção de saco” por parte de superiores, “traíragem”⁶², falta de liberdade, desempenho de uma diversidade de tarefas não acordadas ou mesmo adjetivações como “trabalho escravo” em referência ao trabalho assalariado. A fala de Lorenzo (26 anos) é ilustrativa:

Estava trabalhando de office boy. Ah, era muito ruim. O salário era baixo e subir de cargo lá era muito difícil. (...) fiquei 8 meses, mas não me registraram, tá ligado? Era pra ser registrado com 3 meses de experiência, aí com 8 meses eu falei: *ow, eu quero sair fora, mano, cansei dessa merda*. Patrão era folgado demais, toda vez eu xingava. (...) eu falava: *se tu quiser me demitir, pode me demitir dessa merda aí, eu não preciso dessa merda aí não*.

Neblina, por exemplo, ao discutir sua escolha pelo trabalho de entregas como pilar financeiro, faz uma observação importante. Ele destaca um contraste significativo entre

⁶² Wesley fez referência a essa gíria quando mencionou que em sua última ocupação, foi enganado por seus colegas.

esse setor e os empregos formais registrados. Nas entregas, segundo ele, há uma inclusão notável: "Se você decidir se tornar um entregador hoje, você pode." Ele valoriza essa acessibilidade e dinamismo do setor, que acolhe indivíduos de todas as esferas seja "branco, negro, alto, magro, gay ou não gay, pobre, ladrão" sem promover o que ele denomina "a divisão da CLT". Neblina, um jovem negro, critica o processo seletivo inicial do emprego formal, que, em sua visão, tende a filtrar candidatos. Neste ponto, o entregador oferece uma interpretação profunda sobre a liberdade proporcionada pelo setor de entregas, que, de maneira similar ao ambiente de trabalho informal nas ruas, acolhe todos sob um véu de igualdade - algo que, segundo ele, o emprego formal regido pela CLT falha em oferecer. Em um sentido mais amplo, Neblina lança uma crítica incisiva à estrutura desigual do mercado de trabalho, que filtra e determina quem tem o privilégio de trabalhar, sobretudo em empregos de qualidade.

Para além de um elemento organizacional do trabalho, os entregadores vêm valorizando o "trabalhar para si mesmo", a liberdade de trabalhar "sem patrão" como veículo de conquista de uma independência em relação ao assalariamento marcado pela subordinação e por uma reduzida perspectiva de ascensão social. O empreendedorismo, para Wesley, passou a significar uma possibilidade real de vida e trabalho que se mostra compatível a esses valores e benesses. Através do trabalho de entregas por bicicleta, esses trabalhadores veem uma forma de se "levantarem" financeiramente, diversificando suas formas de obtenção de renda, trabalhando simultaneamente em outras atividades, como mercados ilegais, venda de produtos em plataformas online⁶³, atividades de período curto relacionadas a construção civil, investimentos em mercado financeiro e a administração de negócios próprios relacionados ao ramo alimentício e confecção de roupas.

A melhora de vida que Wesley diz atingir com o iFood, por exemplo, está ancorada na possibilidade de uma maior remuneração em relação a um trabalho no *Mc Donald's*, bastando duas semanas realizando entregas para que obtenha um valor superior a um mês de salário na rede de fast food⁶⁴. Ele viu no delivery um *escape*, um "trabalho mediador" que o possibilita atingir objetivos financeiros. Para Wesley, o trabalho no aplicativo como suporte financeiro, aliado ao seu *espírito empreendedor* (Boltanski;

⁶³ As plataformas *Mercado livre* e *OLX* foram exemplos utilizados pelos entregadores.

⁶⁴ O salário médio de um atendente no *Mc Donald's* é R\$ 1227. Disponível em: https://www.glassdoor.com.br/Sal%C3%A1rio/McDonald-s-S%C3%A3o-Paulo-Sal%C3%A1rios-EI_IE432.0.10_IL.11.20_IC2479061.htm?filter.payPeriod=MONTHLY. Acesso em 05/05/2023.

Chiapello, 2009; Lima, 2010), que busca uma multiplicidade de caminhos que lhe possa garantir outras formas de remuneração, passa a figurar uma das principais saídas para a superação da sua condição de pobreza.

Como vimos, ao longo dos relatos dos entregadores, o discurso da “autonomia”, da “liberdade” e da “flexibilidade” funciona como combustível e elemento de justificação para o engajamento no trabalho de entregas. Segundo autores como Filgueiras e Antunes (2020) e Oliveira e Festi (2023), o engajamento dos entregadores para com esses discursos são interpretados a partir da interiorização de mecanismos ideológicos sem muita reflexão por parte dos entregadores, ou, quando há essa reflexão, é entendida como compreensão distorcida e ilusória da realidade da exploração no ambiente laboral.⁶⁵

Encontrando um cenário semelhante ao por mim analisado, Oliveira e Festi (2023) afirmam que muitos entregadores expressaram uma preferência pela condição de "autônomos" durante o trabalho de entregas, mencionando a possibilidade de aumentar sua renda mensal e "ganhar mais" em comparação com um salário formal. Perante esse achado de pesquisa, os autores desenvolveram dois comentários. Os ganhos líquidos dos entregadores em Brasília e, especialmente, em Recife, geralmente ficavam um pouco abaixo do valor líquido proporcionado pelo salário mínimo (que é a renda mínima para quem tem emprego formal). No segundo comentário, destacam que os entrevistados nem sempre distinguem claramente entre a parte líquida e bruta de sua renda, e, muitas vezes, não consideram as jornadas de trabalho, que frequentemente ultrapassam as 8 horas diárias e os 5 dias na semana. Diante dessas constatações, os autores concluem que a ideia de "ganhar mais" do que um salário mínimo pode conter "um elemento de ilusão" (Oliveira e Festi, 2023, p. 73).

A partir das análises e debates conduzidos ao longo desta seção, podemos observar que suas convicções não refletem meramente de uma "ilusão" propagada entre entregadores que defendem a natureza não salarial e autônoma do trabalho, ou mesmo resultante de seu desconhecimento em relação às disparidades significativas de ganhos entre o modelo de entregas pelo aplicativo e um regime de trabalho protegido, com jornadas de 8 horas e a renda de um salário mínimo garantido, como afirmam Oliveira e

⁶⁵ Esta discussão tomou como referência principal o texto de Rangel e Magaldi (2023) no qual, com base em suas pesquisas empíricas respectivamente, propuseram uma reflexão sobre os processos de engajamento em formas de trabalho consideradas precárias.

Festi (2023). Referem-se, na realidade, a um horizonte futuro “plausível” que viabilize formas de trabalho mais gratificantes, oportunidades de renda mais favoráveis e margens reais de liberdade, em comparação a um tipo de trabalho formal e/ou subordinado que marcou suas trajetórias ocupacionais, frequentemente associadas a condições precárias, miseráveis e vexatórias, decorrentes da longa história de exploração do trabalho presente na sociedade brasileira e descritas aqui pelos interlocutores. A maioria dos entregadores, por mim entrevistados, estão plenamente cientes das condições inópias que afetam seu cotidiano e seus futuros concebidos na imaginação. Eles realizam avaliações cuidadosas e estabelecem hierarquias laborais e financeiras baseadas em critérios pessoais, que são constantemente testados e reavaliados, levando a resultados que podem ser tanto positivos quanto negativos. Assim, a escolha dos jovens trabalhadores em aderir ao trabalho por aplicativos reflete mais sobre as condições e oportunidades disponíveis para eles no mercado de trabalho atual do que propriamente sobre as atividades específicas realizadas por meio dessas plataformas (Pires; Perin, 2024).

Em relação à noção de autonomia, cabe ainda uma breve reflexão final. Em sua crítica a Prudhon, Marx (1846)⁶⁶ argumenta que a máquina, tal qual o boi que arrasta o arado, transcende a mera categoria econômica. Ele defende que a aplicação das máquinas, em sua época, é um espelho das relações vigentes no regime econômico, indicando que a maneira como são empregadas se distingue radicalmente de suas propriedades intrínsecas. Isso é similar à pólvora, que permanece a mesma, independentemente de ser utilizada para causar dano a alguém através de uma arma ou para auxiliar no tratamento de ferimentos de enfermos.

Para aprofundar nossa compreensão sobre o conceito de autonomia no âmbito laboral dos cicloentregadores, é preciso abordá-la sob a perspectiva apresentada por Marx em relação à sua metáfora da pólvora ou da máquina. A autonomia carrega em si, no contexto aqui analisado, um caráter contraditório que desempenha um papel dual: por um lado, serve como justificativa e mecanismo subjacente à precarização do trabalho, contribuindo para a construção das caracterizações do trabalhador *just-in-time* (Abílio, 2020a). Por outro lado, revela-se portadora de aspectos positivos, sendo empregada pelos entregadores como meio de resistência e estratégia contra a exploração laboral. Além disso, facilita a gestão de diferentes aspectos da vida, a ampliação da renda mensal e até

⁶⁶ Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1846/12/28.htm>. Acesso em 08/04/2024.

mesmo o lazer desses jovens entregadores, conforme discutido no capítulo 1. Este paradoxo destaca a complexidade da noção de autonomia no contexto contemporâneo do trabalho, evidenciando tanto suas contribuições à flexibilização e precarização quanto seu potencial emancipatório e de resistência por parte dos trabalhadores.

Esta reflexão se torna particularmente relevante ao analisarmos a autonomia sob dois prismas. A primeira perspectiva consideraria a autonomia como um processo sociológico na interação entre capital e trabalho. Neste contexto, destaca-se a dinâmica entre entregadores e plataformas digitais, marcada pelo que Abílio (2020a), inspirada na discussão de Oliveira (2003) acerca do *trabalho sob demanda e os processos de informalização*, denomina de "autogerenciamento subordinado". Tal conceito descreve a maneira pela qual o trabalhador incorpora o controle de seu próprio trabalho, ainda que essa incorporação não signifique, de fato, uma posse desse controle, mas sim a prática da própria subordinação. De forma contraditória, as escolhas cotidianas feitas pelo trabalhador a respeito de seu trabalho constituem-se como parte fundamental dos mecanismos de controle e gestão exercidos sobre ele. Esses mecanismos podem ser morfológicos, como algoritmos, gestores de operadoras logísticas (OLs), e promoções, detalhadas nas seções anteriores deste capítulo, ou assumir a forma de engajamento subjetivo, tal como o discurso empreendedor promove. A segunda perspectiva examina a autonomia através das categorias êmicas, isto é, categorias e valores que emergem das percepções e significados atribuídos pelos próprios entregadores. Este enfoque permite uma compreensão mais profunda e intrínseca às experiências e à realidade vivenciada por esses trabalhadores, destacando como eles interpretam e conferem sentido à sua própria autonomia no contexto de seu trabalho.⁶⁷

⁶⁷ Esta discussão baseou-se principalmente nas conversas com Cibele Rizek sobre os resultados obtidos em campo, relacionados às percepções e significados da autonomia, conforme observados nos cicloentregadores estudados. Cibele destacou a importância de distinguir entre duas abordagens de compreensão da autonomia: uma sociológica e outra êmica.

3. ESTRATÉGIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS DE CICLOENTREGADORES E SUA ASSIMILAÇÃO DO DISCURSO EMPREENDEDOR

Este capítulo 3 será dedicado à análise das experiências dos cicloentregadores, com especial atenção às trajetórias de Tiradentes, Neblina e Daniel as quais serão apresentadas minuciosamente nas três primeiras seções. Também darei espaço para outros entregadores que surgem ao longo desta dissertação, os quais desempenharam papéis importantes como interlocutores desta pesquisa como um todo.

Essas trajetórias foram escolhidas por sua capacidade de capturar e ilustrar o cerne de minha pergunta de pesquisa, destacando a profundidade e complexidade de suas contradições intrínsecas. Cada trajetória atua como uma bússola, um ponto de referência, um "tipo ideal" que aponta para um conjunto de conhecimentos e percepções compartilhados pela maioria dos entregadores com os quais interagi. Pretendo discutir, de forma reflexiva, como esses jovens estão adotando o discurso do empreendedorismo não apenas como um ideal, mas como uma estratégia de sobrevivência cotidiana, destacando as nuances e os desafios enfrentados por eles nesse contexto. O objetivo é refletir sobre como representam seus percursos, modos de pensar e práticas.

3.1. Tiradentes: dos bicos constantes ao “mecânico investidor”

Tiradentes nasceu em Tarumirim, localizada na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, uma área marcada pela simplicidade e desafios econômicos. Desde o início, Tiradentes compartilhou histórias de uma infância marcada pela escassez, dizendo que as dificuldades enfrentadas foram tão severas que não as desejaria nem ao seu pior inimigo. Apesar de ter nascido em Tarumirim, escolhida por ser a cidade mais próxima com instalações hospitalares adequadas, foi em Araçuaí, também em Minas Gerais, que passou os anos de sua infância. Para compreender plenamente a trajetória de Tiradentes, é essencial iniciar com a história de seus pais, cujas vidas fundaram o cenário para as experiências, aprendizados e ações de Tiradentes.

Sua mãe, uma mulher que enfrentou adversidades desde a infância, deixou Araçuaí, sua cidade natal, rumo ao Rio de Janeiro, movida pela esperança de encontrar trabalho e melhores condições de vida. Sua busca por oportunidades a levou à Vila Regi, onde conseguiu emprego em uma renomada fábrica de talheres daqueles tempos. Foi

neste ambiente de trabalho que ela encontrou o pai de Tiradentes, um homem que ele descreve como "jogadão". Seu pai havia deixado a cidade de Vai e Volta, curiosamente situada nas proximidades de Araçuaí, também em busca de novas oportunidades. No Rio, ele se dedicava a bicos relacionados à mecânica de carros. A vida tomou um rumo inesperado quando sua mãe, grávida de Tiradentes, foi demitida da fábrica. Sem alternativas, ela retornou a Araçuaí, onde, com os recursos que possuía, ergueu um humilde barraco de aproximadamente 20 metros quadrados, desprovido de água, eletricidade ou quaisquer comodidades básicas. Foi nesse cenário de extrema precariedade que Tiradentes cresceu. No entanto, poucos meses após seu nascimento, seu pai, alegando a necessidade de buscar emprego, partiu para Vai e Volta, abandonando sua mãe, agora grávida de sua irmã, e o próprio Tiradentes, com quase um ano, levando-os a enfrentar sozinhos uma realidade de dificuldades.

Aos seis anos de idade, Tiradentes nutria uma admiração quase mítica pelo pai, enxergando-o como um super-herói, apesar de sua ausência e dos problemas evidentes com o álcool, que sua mãe sempre afirmou que ele tivera. Sua mãe, por outro lado, buscava desmistificar essa idealização, querendo mostrar a realidade por trás do mito. Com esforço, ela conseguiu economizar o suficiente para uma viagem até Vai e Volta, a cidade do pai de Tiradentes, em um esforço para confrontá-lo com a verdade. Nessa visita, a realidade da situação familiar tornou-se mais clara. O pai de Tiradentes o levava frequentemente ao bar, um lugar onde já acumulava dívidas significativas. Seu pai viria a morrer de cirrose, poucos anos depois, aos 32 anos. A estadia prolongou-se por um ano, durante o qual viveram na casa da avó paterna, Tiradentes e sua irmã. Foi nesse período, na casa cercada por memórias e histórias familiares, que Tiradentes enfrentou, pela primeira vez, a dura realidade da fome. Tiradentes recorda esse tempo com detalhes sombrios, destacando um momento particularmente difícil: a dependência da generosidade de sua tia para aliviar a fome. Ela ajudava Tiradentes e sua irmã com um pão para dividirem no caminho para a escola. Esse gesto, embora pequeno, tornou-se uma das lembranças mais pungentes de sua infância, simbolizando os desafios e a solidariedade que marcaram seus primeiros anos de vida.

Nesse período em que Tiradentes e sua irmã estavam hospedados na casa de sua avó paterna, sua mãe conheceu aquele que viria a ser seu padrasto, uma relação que perdura até os dias de hoje. A partir desse novo relacionamento, Tiradentes e sua irmã retornaram para Araçuaí, desta vez para viverem com sua mãe e o padrasto. Tiradentes

compartilha que esse período marcou mais uma fase de dificuldades extremas em sua vida, incluindo, uma vez mais, a experiência da fome.

Seu padrasto, na tentativa de sustentar a família, partiu para trabalhar na difícil tarefa de cortar cana, deixando Tiradentes sob os cuidados de sua mãe, que, naquele momento, ainda lutava para encontrar uma fonte de renda estável ou um emprego fixo. Quando o padrasto retornou do corte de cana, trouxe consigo apenas “uma merreca” de dinheiro, insuficiente para aliviar as dificuldades financeiras da família. Tiradentes recorda com detalhes as privações que enfrentou durante essa época. A família vivia em condições muito precárias, sem acesso a eletrodomésticos, televisão e até mesmo a um banheiro adequado. Com idade entre 9 e 10 anos, Tiradentes se via obrigado a realizar suas necessidades básicas ao ar livre e a tomar banho em um rio próximo à cidade.

Neste momento, sua mãe e padrasto começaram a realizar o que ele descreve como “bico limpando casa dos outros”. Tiradentes recorda vividamente como sua mãe se esforçava, trabalhando de joelhos para garantir a limpeza impecável da residência em que atuavam. Ele lembra-se nitidamente de como os joelhos de sua mãe ficavam completamente pretos devido ao tempo que passava ajoelhada enquanto realizava suas tarefas. Muitas vezes, Tiradentes e sua irmã acompanhavam sua mãe para ajudá-la, mas ao final da tarde, retornavam para casa, enquanto sua mãe frequentemente permanecia no trabalho até tarde da noite. Tiradentes recorda que a residência em que sua mãe trabalhava pertencia ao atual prefeito da cidade, chamado Carlos. Quando acompanhava sua mãe ao trabalho, Tiradentes costumava brincar com Carlos, que tinha uma coleção impressionante de carrinhos de controle remoto. Em certo momento, Carlos prometeu presentear Tiradentes com um desses carrinhos, porém o presente nunca foi entregue. Mesmo hoje, Tiradentes relembra essa situação com uma mistura de humor e amargura, lamentando não ter recebido o tão desejado brinquedo.

A casa em que viviam estava localizada no terreno de sua avó materna, nos fundos. Tiradentes nunca teve uma relação próxima com grande parte de sua família. Isso se deve a um incidente específico que aconteceu quando ele e sua irmã retornavam do trabalho de sua mãe ao final do dia. Ao chegarem em casa, depararam-se com seu tio, que até então residia na casa da avó, realizando um churrasco com alguns amigos, sem sequer os convidar, apesar de estarem a poucos metros de distância. Tiradentes relembra que esse tio era o mais abastado financeiramente, possuindo até mesmo uma “motinha”. Da janela de sua casa, Tiradentes observava a abundância de comida sendo servida, enquanto ele e

sua irmã enfrentavam dificuldades financeiras e pulavam refeições cotidianamente por não haver comida. Seu padrasto e sua mãe, ao retornarem do trabalho de limpeza, ficaram profundamente abalados e indignados com essa situação. Isso reforçou neles a determinação de buscar uma atividade mais lucrativa para garantir sua sobrevivência e evitar passar por situações semelhantes no futuro.

Passado algum tempo, Tiradentes e sua família conseguiram trazer eletricidade e água encanada para o modesto barraco em que moravam. Após essa conquista, um generoso conhecido da cidade, amigo de sua mãe, sugeriu que ela começasse a vender salgados. Num momento de inspiração, ela começou a fazer esfihas e coxinhas. Tiradentes acredita que sua mãe tinha aprendido essas receitas em algum momento remoto de sua infância, "em uma época das antigas". Toda a família se empenhou nessa nova atividade. Tiradentes e seu padrasto ficavam responsáveis por vender os salgados nas ruas, enquanto sua mãe e irmã assumiam a produção. O primeiro dia foi desafiador, como é comum em empreendimentos novos, com poucas vendas. Mas a partir do segundo dia, os salgados começaram a ser procurados avidamente, como se fossem indispensáveis. Em apenas quatro dias, a produção de sua mãe já não dava conta da demanda crescente. Tiradentes recorda que essa "caminhada" durou uns bons anos, durante os quais conseguiram construir dois novos cômodos na casa: um banheiro e uma sala de estar.

Quando completou 16 anos, Tiradentes tomou a decisão de se mudar para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Ao ser questionado sobre os motivos dessa escolha, explicou que, apesar de admirar profundamente sua mãe e reconhecê-la como uma mulher incrível e guerreira, sentia que sua criação tinha sido muito rigorosa. Sua mãe insistia que ele precisava ter um trabalho fora de casa, interagindo com outras pessoas, em vez de se limitar a trabalhar com os salgados em Araçuaí. Ela enfatizava que ele "tinha que trabalhar com o povo" e morar em outro lugar. Diante dessa pressão, sua mãe repetia todos os dias que, ao completar 18 anos, Tiradentes deveria se virar por conta própria. Após ouvir essa afirmação diariamente, Tiradentes decidiu, aos 16 anos, arrumar suas coisas e partir para a casa de sua outra tia, por parte de mãe, que morava em Belo Horizonte.

Morando de favor na casa da tia, Tiradentes era constantemente advertido a procurar algum serviço o quanto antes. Conta que buscava emprego todos os dias, sem sucesso. Arrumou um bico como vendedor de vassouras. Comprava vassouras em atacado para revendê-las nas ruas. Dedicava-se integralmente à venda, saindo ao amanhecer e

retornando apenas ao anoitecer. Esse esforço persistiu por um ano. Durante esse tempo, Tiradentes admite que não sabia gerenciar o dinheiro que ganhava: o que entrava era imediatamente gasto em entretenimento e lazer, sem qualquer noção de seu lucro real nas vendas. Aos 17 anos, Tiradentes decidiu alugar seu próprio espaço, optando por um porão oferecido por uma conhecida de sua tia, que ele humoristicamente chamava de "o buraco". O aluguel era de 350 reais por mês. Cansado da instabilidade e do esforço físico de vender vassouras, Tiradentes começou a buscar um emprego com carteira assinada. Com as dificuldades financeiras se acumulando a ponto de não conseguir mais pagar o aluguel do "buraco", ele se viu obrigado a retornar para a casa de sua tia. Durante uma de suas buscas por emprego, um anúncio de uma vaga para repositor em um supermercado próximo chamou sua atenção. Ficou entusiasmado com a oportunidade, especialmente porque ele já tinha experiência na função. Quando morava com sua mãe em Araçuaí, ele trabalhou por três meses como repositor em um mercadinho, um emprego que sua mãe havia conseguido para ele.

Com experiência prévia na função, Tiradentes viu na vaga de repositor uma boa chance de sucesso. Motivado pelo pensamento de "quem sabe dá certo?!", ele se preparou cuidadosamente para a entrevista. Na manhã seguinte, às 6 horas, Tiradentes estava a caminho do local com o currículo em mãos, meticulosamente preparado no computador. Ele se considerava habilidoso com tecnologia, uma competência que desenvolveu por conta própria. Aproveitava todas as oportunidades para praticar suas habilidades digitais nas vezes em que visitava a casa de Tadeu, seu "amigo rico" que agora era prefeito de Araçuaí.

O supermercado, chamado Trigopane, situava-se em um bairro nobre de Belo Horizonte. Ao chegar para a entrevista, Tiradentes percebeu que o proprietário já estava no processo de entrevistar outros candidatos. Havia apenas uma pessoa à sua frente na fila, e Tiradentes esperava que não fosse outro candidato à vaga de repositor. Infelizmente, era. Quando chegou sua vez, o proprietário informou que a vaga de repositor já havia sido preenchida pelo candidato anterior. No entanto, após revisar o currículo de Tiradentes, o dono do mercado apresentou uma proposta inesperada: uma vaga para conferente, que oferecia uma remuneração um pouco superior à de repositor. Tiradentes mal pôde acreditar na virada de eventos. Além do salário mais atrativo, a posição de conferente vinha com benefícios adicionais.

Tiradentes conseguiu um emprego com carteira assinada, considerando-o um dos mais confortáveis que já havia ocupado, superado apenas por uma oportunidade na FIAT que surgiria mais adiante em sua vida. Ao garantir a posição, fez questão de compartilhar a novidade com sua tia, que ficou incrédula. Ela achava o emprego demasiadamente impressionante para Tiradentes, ao ponto de seu próprio filho, que estava cursando faculdade, não ter conseguido algo semelhante. Movida pela descrença, ela chegou a contatar o mercado para confirmar a veracidade daquela conquista.

Tiradentes relata que ser conferencista envolvia a verificação de qualquer mercadoria de insumo interno. Ele era responsável por anotar e registrar no computador todas as entradas de produtos. Para desempenhar suas tarefas, era necessário ter um espaço próprio e um computador, o que resultou na atribuição de uma sala particular a Tiradentes. Sua sala ficava estrategicamente localizada, próxima aos setores mais valiosos do mercado, abrangendo desde a doceria até a área de carnes e o depósito. Ao receber os produtos dos caminhões de entrega, Tiradentes realizava minuciosas verificações para garantir que tudo estivesse em conformidade antes de disponibilizar os itens no mercado. Tiradentes destaca que, no ambiente do supermercado, havia uma espécie de diferenciação de funcionários com base nas roupas. Aqueles vestindo vermelho eram considerados "povão", representando a classe mais baixa, de acordo com a percepção de Tiradentes. Aqueles com uniformes intercalados em vermelho e azul eram considerados intermediários, enquanto aqueles vestindo uniformes totalmente azuis eram identificados como chefes. Tiradentes, como intermediário, tinha a flexibilidade de circular por todos os setores do mercado. Foi uma das primeiras vezes que ele se sentiu importante e inserido em um ambiente considerado "estável".

No novo cargo, Tiradentes tinha direito a cesta básica, vale-transporte e alimentação no refeitório do mercado, além do salário. Essas vantagens permitiram que, já no primeiro mês, ele deixasse a casa da tia e alugasse seu próprio espaço. Tendo em vista que recebia uma cesta básica do trabalho, propôs à tia um acordo: ele lhe daria a cesta em troca de refeições preparadas por ela, entregues em forma de marmitas. Ela aceitou a proposta sem hesitar.

Durante esse período, Tiradentes compartilhou uma experiência que o deixou particularmente desapontado e emocionalmente abalado. Ele tinha um gosto especial por farofa, especialmente aquelas ricas em carnes variadas, como carne de vaca, frango e linguiça. No entanto, começou a notar algo desagradável: suas marmitas continham

apenas restos de carne e ossos, enquanto observava que os pratos de seus primos eram repletos de carnes nobres, como bifês e bistecas. Sentindo-se menosprezado e marginalizado, Tiradentes se viu profundamente afetado por essa diferença no tratamento recebido. Como ato de rebeldia, Tiradentes passou a sair para festas frequentemente, tendo gastos excessivos e uso abusivo de substâncias ilícitas. Como consequência, seu desempenho no trabalho começou a declinar significativamente, resultando em faltas constantes e na execução inadequada de suas tarefas. Antecipando sua possível demissão, Tiradentes optou por se demitir, uma decisão que, ao refletir hoje, considera ter sido o desperdício de uma das melhores oportunidades de sua vida.

Tiradentes via aquele emprego não apenas como um trabalho, mas como um caminho para o crescimento profissional e pessoal. O mercado tinha um confeitiro excepcional, considerado por Tiradentes como um dos melhores do Brasil, que reconhecia seu bom trabalho e frequentemente o convidava para auxiliar na confeitaria, chegando a oferecer-lhe uma oportunidade de trabalharem juntos. Apesar das constantes ofertas, Tiradentes sempre as recusava, optando por permanecer na posição de conferente. Acabou por trabalhar apenas 4 meses no mercado.

Após deixar seu emprego, Tiradentes retornou a Araçuaí, sua cidade natal, aos 18 anos. Apesar de sua juventude, ele já acumulava uma vasta experiência em diferentes atividades. Foi durante esse período de retorno que Tiradentes conheceu a mãe de sua filha⁶⁸, em um encontro casual na praça central da cidade. Nessa fase, ele decidiu alugar uma moto para auxiliar nos negócios de salgados de sua mãe, que já haviam se tornado reconhecidos na região. A vida de Tiradentes tomou um novo rumo com a chegada de sua filha. Poucos meses após o nascimento do bebê, quando ela tinha apenas três meses, sua companheira decidiu mudar-se para a casa da mãe no Grajaú, uma região periférica de São Paulo, levando a filha com ela.

Além de realizar algumas entregas de salgados para sua mãe, conseguiu um trabalho como entregador de lanches para um trailer na cidade. Apesar de não possuir carteira de motorista, seu chefe depositava confiança nele e orientava que, diante de qualquer eventualidade nas ruas, Tiradentes deveria ligar imediatamente para ele, que resolveria a situação. O expediente de Tiradentes como entregador se iniciava às 19h e não tinha hora certa para terminar, estendendo-se às vezes até às 4h ou 5h da manhã,

⁶⁸ Tiradentes sempre se referia a ela dessa maneira, evitando mencionar seu nome.

variando conforme a demanda de pedidos. Curiosamente, Tiradentes foi registrado como auxiliar de limpeza, apesar de sua função ser a de entregador. Ao questionar Tiradentes sobre o motivo dessa discrepância, ele respondeu dando risadas e afirmando que se tratava daquelas “artimanhas desses lugares”.

Enquanto sua namorada estava em São Paulo, Tiradentes decidiu alugar uma casa para que pudessem viver juntos quando ela retornasse. Ele ligava para ela todos os dias, mas ela não atendia suas chamadas. Em um determinado momento, ela finalmente atendeu, mas estava em um pagode. Isso deixou Tiradentes furioso: "O que minha mulher está fazendo em um pagode?". Ele começou a ficar ansioso e suspeitar que sua namorada estava traindo-o. Foi nesse momento em que acabou conhecendo a cocaína e começou a fazer uso frequente da droga.

Tiradentes começou a gastar todo o seu dinheiro em cocaína. Sua mãe descobriu esse fato, o que desencadeou uma série de conflitos familiares. Como resultado, Tiradentes foi morar na casa de sua avó, aquela que ficava um pouco mais adiante da casa de sua mãe. Nesse momento, além de usar cocaína, Tiradentes começou a se envolver na venda da droga. Ele adquiria a droga para seu próprio consumo e vendia uma parte para conhecidos. Diante dessa situação preocupante, a mãe de sua filha, informada pela mãe de Tiradentes sobre a situação, decidiu retornar e encorajá-lo a parar de usar e traficar. Com sua esposa e filha voltando, Tiradentes optou por retornar a Belo Horizonte, cidade que entendia ter sido a “melhor em oportunidades”. Ele então entrou em contato com sua tia e foi morar novamente com ela em Belo Horizonte, desta vez acompanhado por sua esposa e filha.

Foi durante esta segunda estadia que Tiradentes encontrou o que considera o melhor emprego que já teve em sua vida: na FIAT. Em sua primeira permanência em Belo Horizonte, ele havia feito vários conhecidos e amigos. Ao retornar à cidade, um desses amigos, que trabalhava na FIAT na época, recomendou Tiradentes para uma vaga na empresa. Tiradentes destaca que, naquela época, conseguir um emprego na FIAT era possível apenas através de indicação. Ele ingressou como terceirizado. Com cerca de 19 ou 20 anos, recorda que esse foi o emprego mais lucrativo que já teve até então. Na FIAT, ele era responsável por operar os ganchos utilizados para movimentar os carros dentro da fábrica. Esses ganchos possuíam um peso médio de 15 a 20 quilos e eram transportados através de uma esteira suspensa. Eles eram usados para transportar os carros pelo pátio, seja para pintura ou mecânica. Depois que os carros eram pintados, os ganchos ficavam

sujos de tinta, então Tiradentes e seu primo eram encarregados de separá-los para limpeza. Era um trabalho que exigia cuidado e atenção aos detalhes. Tiradentes também menciona que outro primo seu conseguiu emprego na FIAT através de recomendação. Com isso, a família passou a ter mais oportunidades de emprego na fábrica, mostrando o poder da indicação e do “networking”.

Tiradentes compartilha que, pouco depois de ingressar na empresa, a “mãe de sua filha” decidiu terminar o relacionamento e voltar para São Paulo com sua filha. Desta vez, Tiradentes não teve tantas dificuldades para superar o término. Enquanto continuava a trabalhar na fábrica, teve a oportunidade de conhecer outras pessoas que, segundo ele, estavam em um “patamar melhor” na empresa. Nos momentos de lazer, passou a sair com essas pessoas após o término do expediente, considerando esses momentos como especiais e prazerosos. Entretanto, a empresa RIPE, na qual Tiradentes trabalhava como terceirizado para a FIAT, perdeu a licitação, o que resultou na sua demissão automática e de outros funcionários.

Apesar do desemprego, Tiradentes optou por permanecer em Belo Horizonte desta vez. Seu tio, aquele que fizera churrasco enquanto ele olhava pela janela, agora residia na cidade. Sem muitas alternativas e cansado de conviver com sua tia, que frequentemente o tratava mal, Tiradentes decidiu pedir ajuda ao seu tio. Este o convidou para morar consigo, onde Tiradentes passou a dormir no sofá e ajudar em alguns trabalhos temporários. Entre esses trabalhos, Tiradentes auxiliava no descarregamento de um caminhão de areia para uma loja de materiais de construção em Birité, um município próximo a Belo Horizonte. Apesar do apoio inicial, seu tio começou a cobrar que Tiradentes retribuísse o favor arrumando a casa e suas coisas, em troca da hospedagem. Indignado com essa atitude, Tiradentes recusou-se a aceitar e decidiu deixar a casa do tio, buscando abrigo junto a um amigo.

Uma vez mais, Tiradentes enfrentava a sombra da fome e da incerteza, mas resistia a voltar para a casa de sua tia, onde apenas uma refeição lhe era oferecida por dia. Para lidar com a escassez, ele adotou uma estratégia inusitada: comprou um pacote de bolacha Passatempo ao Leite, acreditando que, conforme indicado na embalagem, o pacote equivalia a uma refeição. Assim, passou a consumir três biscoitos por refeição ao longo do dia. Tiradentes compartilha que, nesse período, pesava 130 kg e conseguiu emagrecer 60 kg, chegando a pesar 72 kg.

A mãe do amigo com quem Tiradentes estava morando conhecia um residente antigo do bairro que atuava no ramo de construção e o recomendou a Tiradentes. Resolveu juntar-se a ele, dedicando-se especificamente ao trabalho de “bater lajes”. Todas as manhãs, Tiradentes acordava às 5 horas e se dirigia ao local indicado pelo homem para começar o trabalho. Eles tentavam concluir o trabalho até o meio-dia. Como cada laje rendia 80 reais, se conseguissem terminar até o meio-dia, poderiam bater outra laje à tarde, totalizando um ganho de 160 reais por dia.

Tiradentes e seu amigo eram frequentadores assíduos de raves e usuários de drogas naquela época. Foi em uma dessas festas que Tiradentes conheceu a mulher que hoje é sua esposa, e ali começaram a namorar. Em uma ocasião, seu amigo teve um pequeno surto devido ao abuso de drogas em uma dessas festas, o que levou a mãe dele a buscá-lo e interná-lo. Sem um lugar para ficar novamente, decidiu voltar para a casa de sua mãe. Quanto à sua namorada de Belo Horizonte, decidiram em conjunto, que ela permaneceria lá, pois tinha planos de passar em um concurso para se tornar servidora pública da prefeitura. De volta a Araçuaí, Tiradentes ficou por alguns meses, até que sua namorada ligou para informar que havia sido aprovada no concurso e queria que ele voltasse. Sentindo saudades, ofereceu apoio financeiro e ajuda para Tiradentes encontrar algum emprego. Com o pouco dinheiro que sua mãe lhe deu, comprou uma passagem de ônibus e partiu para a capital.

Ao chegar em Belo Horizonte, alugou um lugar que descrevia como “um tanto insalubre”, sua mãe pagou o primeiro mês de aluguel. Segundo Tiradentes, havia “uma barata do tamanho de uma garrafa de Coca-Cola” que frequentava sua cama, afastando, por vezes, a visita de sua namorada. Além disso, o odor de esgoto em sua casa era tão forte que chegava a ser difícil de suportar. Decidindo buscar uma fonte de renda, Tiradentes começou a trabalhar com Adelino, um morador que residia na esquina de sua casa. O trabalho era mais um serviço na área de construção civil. Adelino, que era pedreiro, ofereceu a Tiradentes o serviço de ajudante de obras, pagando-lhe 40 reais por dia. Com o passar do tempo, Tiradentes se frustrou com os constantes atrasos nos pagamentos e, por vezes, a ausência completa destes por parte de Adelino. Diante dessa situação, ele decidiu abandonar essa atividade.

Mais uma vez, Tiradentes enfrentou dificuldades financeiras. Embora conseguisse pagar o aluguel, as despesas com comida eram um desafio. Sua namorada, solidária, o auxiliava trazendo arroz e miojo. Um dia, ao visitar a casa de sua sogra, notou

que, apesar de bonita, as paredes estavam malcuidadas. Foi então que ele compartilhou com a mãe dela suas habilidades em pintura, remetendo às experiências de sua infância ao lado de sua própria mãe, pintando a casa em que moravam. "Na minha cidade, nunca pagamos para pintar a casa que construímos. Nós mesmos cuidávamos disso. Eu sou habilidoso nisso", explicou. Decidiu então oferecer seus serviços e iniciou a pintura da casa. Em vez de gastar o dinheiro dado pela sogra para transporte, ele o utilizava para outros fins, como comprar comida ou fumar maconha, optando por caminhar seis quilômetros até a casa da sogra. A qualidade do trabalho impressionou tanto a sogra quanto os vizinhos, transformando a casa, agora com sua fachada em laranja e branco, em destaque na rua. Por meio do *boca a boca*, Tiradentes conseguiu mais cinco clientes, todos vizinhos da casa de sua sogra. Em pouco tempo, ele ganhou 15 mil reais em trabalhos de pintura.

Além desse trabalho, o sogro de Tiradentes, que era eletricista e atuava em várias obras pela cidade, ofereceu a ele algumas oportunidades adicionais. Vendo que Tiradentes estava empenhado em trabalhar para terceiros, seu sogro propôs alguns serviços extras nos quais Tiradentes poderia ganhar cerca de 100 reais. Assim, começou a colaborar com o sogro, assumindo diversos papéis: pintor, eletricista, construtor de banheiros, entre outros, tudo sem ter experiência prévia. Ele foi adquirindo habilidades na prática, motivado pelo próprio auto engajamento e auxílio do YouTube. "Eu tinha o YouTube e minha coragem" Tiradentes costumava dizer. Ele percebeu que, com cada novo serviço, melhorava suas competências e expandia seu conhecimento.

Em uma ocasião, seu sogro o levou até a casa de uma mulher no seu bairro, próxima à sua residência, para ver uma *kitnet* que Tiradentes achou espetacular. No momento em que a viu, desejou morar ali. A proprietária então lhe fez uma oferta: se Tiradentes se encarregasse de fazer alguns reparos e melhorias no imóvel, ele poderia morar lá sem custos pelos primeiros dois meses; o que excedesse esse período seria compensado financeiramente. Essa oportunidade permitiu que Tiradentes deixasse o apartamento infestado por baratas e se mudasse para o que passou a chamar de "luxo".

Durante dois anos, Tiradentes dedicou-se a esses trabalhos variados, alcançando a idade de 22 anos. Nesse ínterim, sua companheira dedicou-se intensamente aos estudos, preparando-se para um outro concurso que viria a prestar, o de escrevente do Tribunal de Justiça de São Paulo. Seu esforço foi recompensado com a aprovação no concurso. Com esse novo capítulo se abrindo, o casal decidiu se mudar para São Paulo. A mudança

marcou o início de uma fase desafiadora: encontraram-se financeiramente apertados, recorrendo a vários empréstimos. Nessa conjuntura, Tiradentes teve que gerenciar o orçamento doméstico com apenas 400 reais para as despesas mensais com alimentação.

Neste ponto da narrativa, os eventos anteriormente detalhados no primeiro capítulo desta dissertação convergem com a trajetória de Tiradentes, que acabamos de descrever. Movido pelo conhecimento adquirido ao utilizar o computador de Tadeu, Tiradentes expandiu suas habilidades para consertar e desbloquear celulares e computadores. Por meio da estratégia de anunciar a compra de celulares com telas quebradas de modelos específicos na plataforma da OLX. Com o tempo, Tiradentes também se aventurou no ramo de entregas por aplicativo, resultando na criação do *Ponto*, a zona de pouso caracterizada no capítulo 1, no qual teve papel fundamental na “fundação”.

Atualmente, Tiradentes desfruta de uma situação confortável como mecânico nas ruas do Centro, estabelecendo frequentemente sua base no *Ponto* dos entregadores. Com orgulho, ele destaca ter alcançado uma fase da vida em que é capaz de contribuir financeiramente para o sustento da família, enfatizando, com particular satisfação, que sua esposa, embora seja funcionária pública, não tem um salário superior ao dele como um “mecânico investidor”.

3.2. Neblina: da experiência da rua ao “empreendedorismo canábico”

*Aquele moleque, que sobrevive como manda
o dia-a-dia*

Tá na correria, como vive a maioria

Preto desde nascença, escuro de Sol

Eu tô pra vê ali igual, no futebol

Sair um dia das ruas é a meta final

Viver decente, sem ter na mente o mal

Tem o instinto que a liberdade deu

Tem a malícia, que cada esquina deu

Conhece puta, traficante e ladrão
Toda raça, uma pá de alucinado e nunca
embaçou
Confia neles mais do que na polícia
Quem confia em polícia? Eu não sou louco
A noite chega e o frio também
Sem demora, e a pedra
O consumo aumenta a cada hora
Pra aquecer ou pra esquecer
Viciar, deve ser pra se adormecer
Pra sonha, viajar, na paranoia, na
escuridão
Um poço fundo de lama, mais um irmão
Não quer crescer, ser fugitivo do passado
Envergonhar-se se aos 25 ter chegado
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui num Mundo Mágico
de Oz
Queria que Deus ouvisse a minha voz (que
Deus ouvisse a minha voz)
Num Mundo Mágico de Oz (um Mundo
Mágico de Oz)

(...) (Racionais MC's, 1997).

“Sou só mais um dessa São Paulo grande”. É assim que Neblina começa o relato sobre sua vida. Ele se vê como um dos muitos jovens que “sobrevivem como manda o dia-a-dia”, representado na letra da música "Mágico de Oz" dos Racionais MC's (1997)

da qual ele constantemente pinçava referências. Conforme narrado no primeiro capítulo, em busca de uma vida melhor, os pais de Neblina decidiram se mudar de Araraquara, no interior do estado, para São Paulo capital, fixando residência em um apartamento herdado de sua avó, localizado no bairro de Santa Cecília, região central da cidade. Durante a estadia, o casal teve cinco filhos, com Neblina sendo o mais jovem deles.

Desde os 12 anos, Neblina precisou se virar para garantir o sustento. Tanto ele quanto seus irmãos tinham a responsabilidade de conseguir dinheiro de qualquer maneira para entregá-lo aos pais ao chegarem em casa. Ao recordar essa fase da vida, Neblina expressa uma mistura de sentimentos, incluindo ódio e pesar. A constante presença do alcoolismo e do uso de drogas por parte de seus pais fez com que ele percebesse que estava imerso em um ambiente sem perspectivas. "Eu não tive um futuro muito concreto, para te falar a verdade", descreve ele. A mãe de Neblina, em especial, o tratava como uma fonte de recursos, assemelhando-se a um cofre do qual ela retirava dinheiro para sustentar seu vício em bebidas. "Ela só me extorquia dinheiro", relata Neblina. A relação conturbada com sua mãe era fundamentada nessa exploração financeira. Essa dinâmica familiar tumultuada moldou sua visão sobre a vida e os relacionamentos familiares, levando-o a valorizar o que ele chama de "auto-respeito", autenticidade e determinação em construir um futuro melhor por conta própria. Neblina destaca que a ideia de uma família harmoniosa e respeitosa é um privilégio para poucos.

“Nascido de praticamente mãe chocadeira”, Neblina cresceu enfrentando a solidão e a falta de apoio. Para garantir seu sustento, viu-se obrigado a realizar uma variedade de trabalhos nas ruas, desde carregar água até desempenhar atividades como confeitiro, distribuidor de panfletos e coletor de latinhas para reciclagem.

As frequentes brigas e humilhações domésticas levaram Neblina a buscar refúgio nas ruas, onde encontrava uma sensação de pertencimento. Inspirado pela música "Mágico de Oz", ele compartilha abertamente seu convívio com pessoas de diferentes realidades, incluindo prostitutas, traficantes e ladrões. Para Neblina, a companhia dessas pessoas consideradas marginais proporcionava um sentimento de aceitação e conforto muito maior do que o ambiente familiar hostil de origem.

O dinheiro que ganhava nesses bicos do dia-a-dia era gasto em alimentação e abrigo em hostels e albergues no Centro da cidade, tentando, ao máximo, evitar o retorno para casa. Para ele, era uma rotina de sofrimento e incerteza sobre o que o dia seguinte

traria. Como nem sempre conseguia dinheiro, já se viu pedindo para dormir na casa de outras pessoas, sendo muitas vezes recebido com portas fechadas. A exposição à violência era constante. Neblina lembra de uma noite em que dormiu em um hostel próximo à Cracolândia, onde suspeitava que houvesse estoques de drogas e que chefes do tráfico organizavam ali suas operações. Naquela noite, a polícia invadiu o local, disparando tiros e destruindo os quartos. Neblina, mesmo gritando que não havia feito nada e apenas estava de passagem, foi levado para a delegacia. Por uma espécie de “chamado de Deus”, Neblina, com seus 15 anos na época, acabou não sendo preso. A policial do caso apenas o mandou embora, declarando que ele estava livre dessa vez.

Além de lidar com a violência ordinária, Neblina enfrentava o obstáculo adicional de discriminação devido à sua cor de pele. Ele relata as múltiplas dificuldades encontradas ao tentar conseguir emprego. Entregava currículos em todos os lugares possíveis, enfrentava repetidas recusas, sendo que muitas delas eram relacionadas à sua cor: "Não, não queremos você aqui. Olha a sua cor", eram respostas frequentes.

Mesmo enfrentando a dura realidade de viver nas ruas, Neblina conseguiu concluir seu ensino médio na escola por volta dos 20 anos. Neblina faltava frequentemente às aulas, principalmente porque sua vida na rua tornava difícil manter uma rotina escolar regular. Sua jornada era de ir da rua para a escola e vice-versa. No entanto, graças à dedicação e encorajamento constantes de seus professores e diretores, que compreendiam as dificuldades que ele enfrentava, foi incentivado a continuar. Muitas vezes, eles o guiavam pelo braço até a escola.

Aos 16 anos, Neblina finalmente conseguiu um trabalho mais estável, sendo garçom em um restaurante na região da Avenida Rebouças. Seu salário variava de R\$ 1600 a R\$ 2000, dependendo do movimento do restaurante. Embora ele tenha mencionado que esse era seu primeiro emprego de carteira assinada, ao longo de nossa conversa, revelou que a situação não era bem essa e que, para ser franco, "nem tinha uma carteira de trabalho propriamente dita".

No dia em que foi contratado, seu empregador, ao perceber que Neblina ainda era menor de idade, ficou preocupado com possíveis problemas legais. Por isso, deu a Neblina um documento, uma espécie de termo de compromisso, no qual ele concordava em assumir total responsabilidade por qualquer situação problemática que viesse a ocorrer no restaurante, como acidentes ou problemas com a polícia. Neblina teria que se

demitir, sabendo que não teria nenhum amparo legal durante seu período de trabalho. Era apenas um acordo verbal que ele assinaria, aceitando todas as precariedades do emprego. Neblina menciona que essa situação era comum na Avenida Rebouças e que a maioria dos garotos que trabalhavam lá estavam em situação irregular. Muitos desses empresários que pagavam Neblina não se preocupavam em oferecer nenhum direito trabalhista, nem mesmo férias. Todos eram obrigados a desempenhar três, quatro ou cinco funções no restaurante. De acordo com suas palavras, "aqueles caras de terno e gravata bonitinhos não são flor que se cheire".

Aproveitando a versatilidade do ambiente do restaurante, Neblina decidiu expandir suas atividades, passando a fazer entregas para o estabelecimento. Utilizando uma bicicleta, ele se encarregava de todas as demandas de entrega, desde pedidos de clientes até documentos para fornecedores, entre outras tarefas. Essa iniciativa proporcionou a Neblina uma fonte de renda adicional, complementando seu salário como garçom. Em nossa conversa, Neblina enfatizou que nunca gostou de se limitar a uma única atividade. Ele se descreve como alguém multifuncional, sempre buscando ter, ocasionalmente, dois empregos ou se envolver em diferentes tipos de trabalho. Essa visão vem desde seus 12 anos, passando os dias na rua. Neblina acredita que essa diversificação de fontes de renda não só aumenta seus ganhos financeiros, mas também lhe proporciona uma rede de segurança em caso de imprevistos ou dificuldades em uma das atividades. É por meio dessa estratégia que ele constrói sua própria rede de estabilidade.

Neblina compartilha que, por ter passado grande parte de sua vida sozinho e nas ruas, foi exposto a diversas oportunidades de se envolver em atividades que ele agora reconhece como "erradas", acabando por sucumbir a elas, como roubo e tráfico de drogas. Enquanto trabalhava como garçom, Neblina conseguia manter uma postura agradável e prestativa com os clientes, estabelecendo relações mais próximas com eles. Em uma ocasião, um cliente fez a ele uma proposta inusitada, perguntando se poderia fornecer drogas como cocaína ou maconha. Percebendo uma oportunidade de aumentar sua renda, Neblina, que morava próximo a uma biqueira e tinha conexões com traficantes locais, passou a atuar como uma "ponte" entre os clientes do restaurante e os traficantes, recebendo uma comissão nesse processo. Neblina, com certo orgulho, relata que nunca "caiu" para a polícia nessa época. Ele tinha conhecimento sobre os policiais da região e sabia como se esquivar deles, assegurando que suas atividades ilícitas não fossem descobertas. Ao combinar essa atividade com seu trabalho como garçom e entregador,

Neblina entrou no que ele chama de "período da tríade", conseguindo uma renda mensal de 7 a 8 mil reais. Nessa fase, Neblina se sentia deslumbrado com a quantidade de dinheiro que estava ganhando, sendo um jovem de 17 anos que se via como milionário ao lidar com quantias tão grandes.

Embora Neblina se sentisse próspero com o dinheiro que ganhava, a maior parte de sua renda era destinada a ajudar sua família. No entanto, essa ajuda financeira se tornou uma fonte de frustração e desapontamento para ele, especialmente em relação à sua mãe, a quem agora, ele descrevia como uma "sanguessuga". Nesse período em que sua renda aumentou, principalmente por suas atividades ilícitas, sua mãe intensificou os pedidos por bens materiais, pressionando-o a continuar com o tráfico para manter a entrada de dinheiro. Neblina, o único com uma renda estável na família, via-se obrigado a satisfazer essas demandas, esperando contribuir para o conforto do lar com itens como um sofá novo e uma televisão. No entanto, o dinheiro entregue a sua mãe nunca era usado para os fins solicitados; em vez disso, era dissipado em bebidas ou em despesas das quais Neblina não tinha conhecimento. Além disso, ele ainda tentava administrar as contas domésticas, mas as dívidas acumuladas por sua mãe levaram à perda do apartamento herdado de sua avó.

Com o crescimento do ressentimento e as discussões em casa se tornando cada vez mais intensas, Neblina viu-se diante da necessidade de fazer uma escolha drástica para evitar um desfecho ainda mais trágico. Em uma noite decisiva, reuniu alguns pertences deixados na casa de sua mãe e partiu, cortando todos os laços com sua família. Essa decisão de se afastar marcou o início de um novo capítulo em sua vida, distante das manipulações e do ambiente tóxico que o cercava, e, desde então, Neblina não manteve mais contato com nenhum membro de sua família.

Este capítulo que se abre, Neblina nomeia como seu grande amadurecimento. Encontrando-se "verdadeiramente" sozinho, sem os vínculos familiares que um dia teve, ele vê esse momento como seu renascimento pessoal. É a fase em que se percebe verdadeiramente como "um homem", responsável por suas próprias escolhas, livre da necessidade de prestar contas a alguém. Nesse período de reflexão e independência, Neblina passa a valorizar a importância de compreender os detalhes de sua carteira de trabalho e a direcionar sua vida de acordo com suas próprias convicções, distinguindo, segundo sua perspectiva, o que considera correto e incorreto em seu trajeto. Este processo

de autodescoberta e definição de seus valores e objetivos pessoais representa um marco significativo em sua jornada.

Após um período, Neblina toma a decisão de encerrar sua "tríade". Movido pelo descontentamento com o restaurante, ele optou por se desligar do emprego, cessando suas atividades como garçom. Essa mudança levou ao fim natural da sua intermediação entre os clientes do restaurante e a biqueira, já que os contatos que mantinha eram predominantemente através desse ambiente. Com 19 anos, Neblina embarcou em uma nova etapa profissional, conseguindo um emprego como garçom em um restaurante situado na região dos Jardins, em São Paulo. Desta vez, seu vínculo empregatício era formalizado com uma carteira assinada "de verdade", marcando seu retorno a um trabalho convencional e a decisão de afastar-se de atividades ilícitas. Paralelamente a esse segundo emprego como garçom, Neblina aventurou-se no mundo das entregas por aplicativo, trabalhando para o iFood em seus momentos livres. Equipado com uma bicicleta recém-adquirida, ele se dedicava a essa atividade nas horas vagas, abraçando uma nova forma de trabalho que lhe permitia complementar sua renda de maneira independente.

Mesmo comprometido com um "trabalho honesto", Neblina se via constantemente em conflito com o ambiente de trabalho, não apenas por desavenças com seu patrão e colegas, mas também devido à insatisfação com o salário que recebia, o qual considerava insuficiente. Frequentemente, ele se queixava dos descontos aplicados ao seu já modesto salário, alegando que eram majoritariamente tributos advindos do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Com o tempo, esse descontentamento só aumentou, até que a chegada da pandemia ofereceu a Neblina um pretexto para mudar sua trajetória profissional. Decidido a não mais tolerar as condições do emprego que tanto lhe desagradava e preferindo trabalhar na rua do que em local fechado sob a tutela de uma CLT, Neblina optou por pedir demissão. Ele refletiu: "Quer saber? Vou trabalhar na rua". Tendo crescido e aprendido a se virar nas adversidades urbanas desde cedo, Neblina viu na crise sanitária a oportunidade perfeita para deixar para trás o ambiente opressivo do restaurante. Assim, armado com as habilidades de sobrevivência que a rua lhe ensinara, ele mergulhou de cabeça nas entregas por aplicativo, tornando-as sua principal atividade e fonte de renda durante esse período desafiador.

Atualmente, com 24 anos, Neblina vive uma fase de maior estabilidade. Reside em uma kitnet alugada próxima ao *Ponto* na Barão de Itapetininga. Diante deste cenário atual de sua vida, surge a curiosidade sobre seus planos futuros. Questiono-o se pretende

seguir com as entregas ou se tem em mente embarcar em novas atividades laborais. Neblina afirma que está determinado a abrir o próprio negócio. Seu plano não é apenas um reflexo de sua busca por estabilidade financeira, mas também um anseio por deixar para trás a vida árdua das ruas, ambiente que, apesar de familiar, descreve como desgastante e prejudicial. O desejo de Neblina é abrir um empreendimento focado em algo que lhe é pessoalmente significativo: o mercado de cannabis. Consumidor e conhecedor da substância, ele vislumbra a criação de uma empresa que explore o potencial do canabidiol (CBD) e do tetraidrocanabinol (THC), ingredientes ativos da planta. Seu sonho é estabelecer uma farmácia legalizada que não apenas comercialize de forma recreativa, mas também eduque sobre os benefícios terapêuticos da cannabis, uma visão que contrasta radicalmente com a imagem negativa frequentemente associada à planta no Brasil.

Neblina está ciente dos desafios que enfrentará, especialmente em um Brasil onde o debate sobre a legalização da cannabis ainda é marcado por tabus e controvérsias. No entanto, ele enxerga um potencial incomparável no país, citando as condições climáticas e agrícolas favoráveis que, em sua opinião, poderiam posicionar o Brasil como uma potência global no cultivo e na comercialização de cannabis. Além do aspecto comercial, Neblina é movido por um desejo genuíno de contribuir positivamente para a sociedade. Ele menciona as propriedades medicinais da cannabis, que podem oferecer alívio a pacientes com doenças crônicas como Parkinson e câncer, e como, através de seu empreendimento, poderia ajudar essas pessoas. Seu objetivo é transcender a mera busca por lucro, distanciando-se da ganância que observou em sua própria família, e sim promover “um bem maior” sendo pioneiro no setor.

Neblina se inspira em figuras como Mike Tyson, que após se aposentar do boxe, entrou no ramo empresarial da comercialização da maconha e hoje se tornou um dos maiores empresários do setor. Neblina vê nele um espelho de suas próprias aspirações: ambos emergiram de origens humildes, enfrentando desafios consideráveis, incluindo o contato precoce com as drogas e a luta diária pela sobrevivência na rua. Assim como Tyson encontrou no esporte um caminho para mudança, Neblina vê no “empreendedorismo-cannabico” uma chance de reescrever sua narrativa. Seu objetivo vai além de replicar o sucesso financeiro de Tyson no Brasil: ele almeja ser um catalisador para transformar a visão da sociedade sobre a cannabis. Firmemente convicto de que a legalização da maconha no Brasil é uma questão de tempo, contando com avanços

legislativos e uma evolução no pensamento governamental, Neblina está determinado a contribuir ativamente para esse movimento. Ele vislumbra um futuro onde a maconha seja reconhecida não só por seu potencial econômico, mas também pelos seus benefícios medicinais e terapêuticos, rompendo preconceitos e inaugurando uma nova era de compreensão e aceitação. Através do empreendedorismo-cannabico ele almeja transformar sua vida em um verdadeiro “Mundo Mágico de Oz”.

3.3. Daniel: de vendedor ambulante a proprietário de loja virtual

Originário de Caruaru, Pernambuco, Daniel se distingue dos personagens das seções anteriores, começando pela sua pele branca, característica que os outros dois não compartilham. Ao contrário de Tiradentes e Neblina, quando questionado sobre sua trajetória de vida e suas escolhas laborais, Daniel sempre respondia de forma objetiva, demonstrando uma certa pressa em mudar de assunto. Ele mostrava preferência por discutir como ele e seus colegas entregadores percebiam o mundo, detalhando as nuances de seu trabalho. Em suas conversas, compartilhava desde opiniões sobre temas mais banais, como seu prato preferido, até reflexões que eu considerava extremamente valiosas, abordando empreendedorismo, o ofício de camelô e o trabalho de entrega.

Daniel passava horas esclarecendo como os entregadores interpretavam diversos temas. Ele explicava o significado por trás das falas de Arlindo em debates sobre a regulação do trabalho, desvendava as gírias do contexto das entregas e até mesmo códigos relacionados ao mundo do crime, que eram recorrentes nos diálogos e na vida de muitos entregadores. Além disso, Daniel compartilhava suas próprias reflexões sobre os impostos no Brasil, suas percepções sobre o estilo de vida nos Estados Unidos e suas aspirações futuras.

Ele desempenhou um papel crucial em minha pesquisa, atuando como um *intérprete*, tanto de suas experiências pessoais, quanto das diversas cenas observadas no *Ponto*. Com sua ajuda, eu conseguia compreender os léxicos, sentidos e significados que permeavam diariamente as conversas dos entregadores que frequentavam o local. Era em seus discursos apaixonados que a riqueza de seu conhecimento e suas experiências de vida transpareciam claramente. Apesar de sua trajetória ser tão rica quanto as de Neblina e Tiradentes, ela é apresentada de maneira menos detalhada nesta seção. Isso se deve ao

fato de que, embora Daniel seja um interlocutor sempre muito presente em meu campo, foi mais difícil acessar detalhes sobre sua história pessoal e trajetória profissional.

Daniel ficou com sua avó em Caruaru enquanto sua mãe e tia migraram juntas para o Centro de São Paulo. Após dois anos, quando já estava mais estabilizada na cidade grande, sua mãe foi buscar Daniel, que, na época, tinha apenas dois anos de idade, juntamente com sua avó. Mesmo tendo deixado o Nordeste tão jovem, Daniel afirmava que nunca perdeu suas raízes nordestinas, pois sua avó faz questão de manter vivas as tradições da região, inclusive preservando o sotaque pernambucano. De cabelos castanhos curtos e um acentuado sotaque pernambucano, Daniel, de 21 anos, possuía um sorriso gentil e amigável, adornado com aparelhos nos dentes.

Iniciando sua jornada no iFood em 2020, durante a pandemia, após uma breve passagem por uma empresa de telemarketing, Daniel sempre trabalhava com sua própria bicicleta, de cor branca e aro 29. Sua mãe, ao se mudar de Pernambuco para São Paulo, ingressou no comércio informal, vendendo produtos de forma ambulante pelas ruas da capital paulista. Atualmente, ela opera o que chama de "box"⁶⁹ licenciado, localizado próximo ao *Ponto* (Figura 55), no lado do posto da CET, onde continua suas atividades comerciais. Em função do box permanecer próximo ao *Ponto*, Daniel permanece engajado no empreendimento de sua mãe, auxiliando nas compras de mercadorias, no gerenciamento de funcionários e nas vendas, enquanto também realiza suas próprias entregas pelo iFood.

⁶⁹ Trata-se de uma estrutura física que geralmente é um espaço individual ou pequeno estabelecimento comercial dentro de um mercado público, centro de compras ou feira. Esses "boxes" são destinados a pequenos comerciantes ou vendedores ambulantes que desejam comercializar seus produtos ou serviços em um ambiente mais formalizado. Os "boxes" são frequentemente constituídos por barracas, quiosques, pequenas lojas ou espaços delimitados por divisórias.

Figura 55 - Foto do box da mãe de Daniel

Fonte: Registro fotográfico do autor em observação no dia 23 de março de 2023

Desde os seus 8 anos, Daniel afirma ter se virado nas ruas, seguindo um caminho semelhante ao de Neblina. Com a orientação de sua mãe e de seu padrasto, mergulhou precocemente nos meandros da atividade de vendedor ambulante. Daniel costumava acompanhar sua família em feiras no Brás, onde adquiriam peças de roupa e outros itens para revender posteriormente no Centro da cidade. Desde então, ele relata ter comercializado uma variedade de itens, incluindo relógios, armações e óculos. Qualquer item que caía em suas mãos era vendido em questão de minutos. Ele ressalta que, em tempos anteriores, a vigilância policial era menos intensa, o que facilitava evitar possíveis fiscalizações provenientes do “rapa”⁷⁰.

Durante a adolescência, Daniel e sua mãe investiram tempo e esforço na construção de uma loja digital na plataforma do Mercado Livre, complementando as vendas realizadas pelas ruas do Centro. Contudo, o empreendimento não alcançou o sucesso esperado naquele momento. Atualmente, Daniel planeja reativar e expandir essa antiga loja virtual. Desta vez, ele pretende dar um novo impulso ao negócio, em parceria com uma amiga, focando em uma loja de vestuário que atenda tanto o público masculino quanto o feminino. Ele percebe a indústria da moda como um campo sempre dinâmico e está determinado a aproveitar essa oportunidade empresarial. Paralelamente, Daniel tem planos de investir no setor alimentício, abrindo um estabelecimento para seu padrasto, cujo talento para a culinária ele admira e apoia. Essa ideia foi inspirada em sua experiência de trabalho com o iFood, reconhecendo que o segmento de alimentação

⁷⁰ "Rapa" é o termo popular utilizado para descrever operações de fiscalização, geralmente realizadas por veículos da Prefeitura, nos quais fiscais e policiais percorrem as ruas para confiscar mercadorias de vendedores sem licença.

oferece um potencial de lucro constante, já que sempre haverá demanda por comida, seja em pedidos online ou em refeições em restaurantes. Essa percepção sobre o mercado de alimentação reflete a visão estratégica de Daniel e sua vontade de seguir os passos de sucesso trilhados pelo iFood.

3.4. Empreendedorismo espelhado: a ética da viração e a antropofagia do ethos empreendedor

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie (Benjamin, 1987, p. 225).

Sob a égide do neoliberalismo, o trabalho tornou-se cada vez mais um ato individual que responsabiliza cada trabalhador por sua forma de inserção no mundo do trabalho. Os trabalhadores assumem os riscos e custos do emprego, enquanto os sistemas de proteção social são enfraquecidos. A lógica do auto-empresendedorismo eleva-se ao nível de um *ethos* do capitalismo (Rosenfield, 2015; Colbari, 2007; Lopes-Ruiz, 2007), que associa produtividade e autonomia de uma forma que une capacidade de trabalho e estilo de vida (Farrugia, 2019).

Na perspectiva da biopolítica de Foucault (2008a), o trabalho adota agora uma conduta associada ao conceito de capital humano, transformando o trabalhador em sua própria empresa. A emergência do que Foucault (2008a) denominou como *homo oeconomicus* representa, na verdade, a autoempresendedorização do indivíduo, em que ele se torna um gestor de si mesmo. Na esteira desse pensamento foucaultiano, Dardot e Laval (2016) compreendem que essa racionalidade, nomeada por eles como neoliberal, moldaria o indivíduo como uma empresa em que ele é o *donos de si* e, portanto, se constrói como um agente econômico (*self-made man*). Esse novo código moral que reforça a individualização e autorresponsabilização tornar-se-ia base para uma cultura, na qual o trabalhador deveria assumir o protagonismo de sua vida (Abdelhour, 2017; Lima e Vêras de Oliveira, 2021).

O empreendedorismo enquanto discurso integrado à lógica neoliberal, representaria, a partir de uma gama de autores (Abdelhour, 2017; Lima e Vêras de Oliveira, 2021; López-Ruiz, 2007; Rosenfield, 2015; Colbari, 2007), toda uma reconfiguração da força de trabalho, gradualmente transformada em justificção social

para aqueles que foram sendo excluídos do emprego formal⁷¹. Essa resposta ao desemprego, a nível de discurso institucional, apareceria como uma esperança de mobilidade social ascendente para todos aqueles em situações frágeis e precárias. Esse amplo consenso se moldaria através de um discurso ideológico do indivíduo atomizado e ultra responsável que se pressupõe que o sucesso social é individual, o mercado deve ser desregulamentado – é sua natureza –, a proteção social privatizada e a solidariedade reduzida à esfera privada. Essa miríade de pensamentos e corolários engendram a crença social na qual o indivíduo parte da premissa de ganhar a vida sem formalidades ou contribuições, sejam do Estado ou mesmo da empresa para a qual presta o serviço.

Essa crença se faz mais verídica no processo de precarização e desestruturação do mercado de trabalho no Brasil a partir dos anos 1990, quando as políticas neoliberais foram postas em prática de forma mais evidente, questionando a consolidação de uma regulação do trabalho (Leite, 2011). A flexibilização da legislação trabalhista, seguindo o intenso processo de reestruturação produtiva iniciado nos anos 1980 no país, tem resultado num aumento do trabalho temporário e informal para as parcelas mais pobres da população que, a partir dos anos de 1990, foi recebendo uma reinterpretação neoliberal como empreendedorismo. O Estado tinha como mantra a não regulação econômica, entendida esta como bloqueio ao desenvolvimento capitalista e inibidora da capacidade de iniciativa e criatividade dos indivíduos.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), desde os anos 1990, tem desempenhado um papel crucial na disseminação do discurso do empreendedorismo, promovendo-o como solução para a escassez de empregos, especialmente estimulando o trabalho autônomo e os pequenos negócios. De acordo com o SEBRAE, a cultura empreendedora é conceituada como um conjunto integrado de crenças, valores, saberes, a interação de ideias e padrões comportamentais. Esta cultura é moldada por características individuais, pelo contexto cultural e pelo ambiente, marcando a capacidade de influência criativa e proativa no entorno, visando benefícios econômicos e sociais. Dentro dessa cultura, são valorizados especialmente atributos como independência, autonomia, confiança pessoal, liderança e inventividade, alinhados à

⁷¹ Considerando as nuances do contexto brasileiro, é importante destacar que a estrutura de uma sociedade salarial e um Estado de Bem-Estar plenamente estabelecidos nunca se concretizou. Nesse cenário, os trabalhadores frequentemente se veem obrigados a buscar alternativas na economia informal, dada a fragilidade e a instabilidade histórica do emprego formal.

promoção do crescimento econômico, bem como à criação e partilha de prosperidade (Colbari, 2007).

Em um contexto de desemprego e diminuição de direitos, esse discurso do empreendedorismo serviu como ferramenta de legitimação para agendas neoliberais, abrangendo diversas esferas, incluindo o trabalho independente, a liderança no ambiente profissional e comunitário, sendo percebido como uma força impulsionadora da inovação, da geração de riqueza e da transformação social e política (Lima e Vêras de Oliveira, 2021).

Essas políticas resultaram em um cenário caracterizado pelo desemprego e pela precarização das relações e condições de trabalho. O discurso da "empregabilidade", popularizado entre aqueles competindo por vagas de trabalho escassas e precárias, passa a enfatizar que o desemprego é uma questão individual, não social. Os trabalhadores são instados a se tornarem "empregáveis" através de qualificação e iniciativa própria, adaptando-se ao mercado. Ser "empregável" equivale a ser um "empreendedor de si mesmo", uma alternativa ao emprego formal. Esse "empresário de si mesmo" ganha a representação de uma cultura do trabalho, organizada em torno da empregabilidade e do empreendedorismo (Lima e Vêras de Oliveira, 2021; Machado da Silva, 2002). Essa perspectiva, enquanto materialização da auto-organização empresarial, estaria sendo assimilada por boa parte das classes populares que vem presenciando o enfraquecimento e a descredibilização de muitos setores sindicais, a precarização da condição salarial e o aprofundamento das desigualdades de renda, como podemos averiguar nas falas e sentidos propostos pelos cicloentregadores no capítulo 2.

Estas políticas de apoio ao empreendedorismo tornaram-se tendência, no intuito de serem "saídas" como alternativa legítima para o trabalho fora da relação salarial com direitos sociais regimentados (Lima e Martins 2018; Colbari, 2007). A máxima do "se virar" para ganhar a vida, atualmente ressignificada como "empreender", ganha força, caindo como uma luva no cenário de crise econômica e de ausência de políticas públicas voltadas a este segmento da população.

Os elementos anteriormente mencionados ilustram o que Veronica Gago (2018) definiu como o "Neoliberalismo de Cima para Baixo". Este conceito reflete as transformações no regime global de acumulação, manifestadas através de novas estratégias adotadas por corporações, agências e governos. Tais mudanças conduzem a

uma evolução nas instituições estatais nacionais. Para Gago (2018), o neoliberalismo representa uma alteração fundamental na "arte de governar", conforme articulado por Foucault (2008b) com o conceito de governamentalidade. Este entendimento sugere que o neoliberalismo deve ser visto como um amálgama de conhecimentos tecnológicos e práticas que fomentam um novo tipo de racionalidade. Essa racionalidade, por sua vez, transcende a noção simplista de ser meramente impulsionada de forma unilateral "de cima para baixo". Gago (2018) argumenta que o neoliberalismo não é apenas uma política econômica imposta de cima para baixo pelos governos e instituições financeiras internacionais, mas também é construído a partir das estratégias e resistências das pessoas comuns na base da sociedade. A autora propõe uma análise que considera tanto as políticas neoliberais impostas pelas elites econômicas e políticas quanto as formas como essas políticas são contestadas, subvertidas e reinterpretadas pelas comunidades locais e pelos movimentos sociais. Destaca a importância de entender as práticas cotidianas das pessoas comuns e suas estratégias de resistência e de adaptação para compreender melhor a dinâmica do neoliberalismo e suas consequências sociais.

Nesta visão, o neoliberalismo não pode ser compreendido sem considerar a forma como as vivências, as práticas cotidianas, as estratégias de resistência e os estilos de vida populares o assimilaram, moldaram, se beneficiaram e sofreram com ele. De uma perspectiva "de baixo para cima", o neoliberalismo incita a multiplicação de estilos de vida que redefinem conceitos de liberdade, cálculo e submissão, cultivando assim uma nova forma de racionalidade e afetividade coletiva. Gago (2018) conceitua o "Neoliberalismo de Baixo para Cima" como um aglomerado de circunstâncias que emergem independentemente da intenção governamental ou de sua legitimidade. Essas circunstâncias se metamorfoseiam sob a influência de uma malha de práticas e conhecimentos que priorizam o cálculo como elemento central da subjetividade e impulsionam uma robusta economia popular. Esta última entrelaça saberes de autogestão comunitária e a habilidade de navegar por crises através de uma ressignificação de um empreendedorismo massificado, fundindo conhecimentos tradicionais com estratégias de sobrevivência inovadoras cultivadas na racionalidade neoliberal. Estes elementos se assemelham muito ao que foi apresentado no capítulo 1, onde explorei o cotidiano de trabalho no *Ponto* dos cicloentregadores e sua interconexão com o que chamo de *rede da rua*, que a estrutura enquanto economia informal. A partir dessa perspectiva que direcionarei minha análise para as experiências dos rapazes aqui analisados.

Nas trajetórias desses jovens, as experiências laborais são marcadas por transições intensas, inserções quase aleatórias e uma constante não linearidade. Em ambos os casos, as estratégias centraram-se na busca por oportunidades que proporcionem renda, independentemente da natureza do trabalho. É possível notar uma série de atividades ilícitas, incluindo a comercialização de produtos ilegais, adotadas como meio de aumentar a renda. No decorrer de suas vidas, os entregadores alternam entre oportunidades legais e ilegais, que coexistem e se entrelaçam nos mercados de trabalho. Exemplificadas pela atuação de Neblina como intermediário entre o ponto de venda de drogas e os clientes do restaurante em que trabalhava, e de Tiradentes, que utiliza seu próprio consumo de cocaína como uma chance para a venda e consequente aumento de sua renda diária, essas *mobilidades laterais*, conforme descritas por Telles (2012), representam a transitividade entre o formal e o informal, o legal e o ilegal, e também o ilícito, que desempenha um papel central nas dinâmicas urbanas de nossas cidades. A constituição de um *bazar metropolitano* (Telles, 2012), característico do fluxo urbano, produz esse embaralhamento entre o legal, ilegal e informal, onde o trabalhador permanentemente se desloca nessas fronteiras na forma dessas mobilidades, e que nem por isso chegam a se engajar em “carreiras delinquentes” (Telles e Hirata, 2007).

Esses circuitos da economia informal, podem ser observados através do que foi denominado de *rede de rua*, que constitui a *zona de pouso* dos entregadores. Neblina, por exemplo, buscou complementar sua renda comercializando maconha enquanto realizava entregas para o iFood. Ele relata que frequentemente adquiria uma certa quantidade da droga em uma biqueira próxima ao *Ponto* e a revendia para obter um dinheiro extra, justificando suas ações com a frase: “Quando a necessidade aperta, é preciso tomar certas medidas (...). Já fiz muita coisa certa e muita coisa errada”.

Esta passagem permite compreender como Neblina navega pelas circunstâncias fluidas nas fronteiras entre o legal e o ilegal, adotando, em cada situação, uma abordagem negociada baseada em “critérios de plausibilidade moral” (Telles e Hirata, 2007), que direcionam suas escolhas. Estes critérios funcionam como seus parâmetros aceitáveis de “certo” e “errado”. Neblina revela que interrompeu suas atividades ilícitas atualmente, depois de ter sido abordado por policiais à paisana em frente ao *McDonald's* do *Ponto*. Ele foi levado à delegacia, onde, mais uma vez, quase foi preso por tráfico de drogas, mas acabou sendo liberado após cinco horas detido, sem motivo aparente, segundo ele. É crucial destacar que a constante interação de Neblina com a comercialização de maconha,

situada na tênue linha entre o legal e o ilegal, desempenha um papel significativo na formação do que ele denomina "empreendedorismo canábico".

Como apontado por Telles (2012), a violência policial é uma constante ao longo desses caminhos marcados por fronteiras permeáveis, assim como o são os controles exercidos por organizações mafiosas sobre territórios e pontos de venda. Neblina enfatiza que a biqueira próxima ao *Ponto* é controlada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), uma informação que sempre reitera. Os entregadores desenvolveram uma conexão com a biqueira, onde compram a maconha que consomem regularmente. Em troca, o PCC oferece suporte em situações de assalto e outras dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da região, estabelecendo vínculos de solidariedade com as vítimas, o que se alinha estreitamente com os temas abordados no Capítulo 1.

A presença do ilegal e do ilícito sempre foi um elemento compartilhado ao longo das trajetórias dos envolvidos no *Ponto*. Muitos dos entregadores já estiveram envolvidos com o tráfico ou participaram do que eles chamam de "dar o tapa". Wesley, por exemplo, costumava praticá-la quando era mais jovem. Essa atividade do "tapa" envolvia observar atentamente quem estava distraído com o celular nas mãos. Uma vez identificada a pessoa, o jovem passava rapidamente de bicicleta ao lado dela, "dando rasante", pegando o celular e fugindo em alta velocidade. Wesley relata que, quando tinha sorte de pegar um iPhone, conseguia vendê-lo na *feira do rolo* por cerca de 6 mil reais, o que garantia sua segurança financeira por aproximadamente três meses.

No *Ponto*, uma parcela significativa dos rapazes entrevistados era egressa do sistema prisional ou tinham algum histórico criminal. Esse achado não surpreende, considerando a demografia predominante na população carcerária brasileira, composta majoritariamente por jovens negros. Estatísticas mostram que jovens com até 29 anos representam 43% dos detentos, enquanto os negros constituem 68% dos presos em regime fechado.⁷² Curiosamente, essa mesma demografia está envolvida no setor de entrega por aplicativos.

Quando se deparavam com trabalhos formais, registrados em carteira, Neblina e Tiradentes frequentemente enfrentavam uma variedade de arranjos laborais heterogêneos, muitas vezes difusos, irregulares e inseguros. A situação de Neblina, com seu acerto

⁷² Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/atras-das-grades-um-brasil-jovem-e-negro/>. Acesso em 22/02/2024.

instável a partir de um contrato inusual com o empregador, seus relatos sobre a falta de adesão aos direitos trabalhistas por parte dos restaurantes, e a “artimanha” do patrão de Tiradentes em uma lanchonete, ao registrá-lo como auxiliar de limpeza em vez de entregador, destacam as nuances precárias do setor formal de trabalho. Essas situações nebulosas de vínculo contratual, alternando entre a legalidade e ilegalidade, gradualmente formam *zonas cinzentas* (Azaïs, 2012) que implicam em um processo de *hibridização* (Azaïs, Piro, Murgia, 2023) dos contratos de trabalho, resultado das constantes tentativas dos empregadores de contornar impostos, burocracias e qualquer tipo de disposições da legislação trabalhista. Essa hibridização sublinha a combinação de diversas situações – muitas vezes precárias – de inserção no mercado de trabalho, formadas em uma relação histórica de emprego e trabalho onde o trabalho assalariado, com todas as garantias legais associadas a um Estado de bem-estar social, não se materializou completamente.

A presença dessas relações laborais precárias está alinhada com as percepções negativas sobre a regulamentação do trabalho de entrega por aplicativo e do emprego assalariado, como expresso pelos entregadores na última seção do capítulo 2. Durante suas narrativas, Neblina e Tiradentes destacaram consistentemente aspectos desfavoráveis relacionados ao trabalho formal. A reflexão desses entregadores aprofunda nossa compreensão sobre por que eles mantêm a crença de que os direitos trabalhistas “seguram” o indivíduo e o impedem de progredir.

Conforme exposto em sua trajetória, Neblina frequentemente reclamava dos descontos em seus salários, que incluíam contribuições para o INSS e outras “obrigações burocráticas”, segundo ele. Dado que vive de forma independente, ele ressaltava a dificuldade de suportar esses descontos em sua renda. No restaurante, ele recebia R\$ 1500, mas com os descontos, seu salário caía para R\$ 1200, tornando-se essencialmente “um salário mínimo descontado”. Neblina observa que “ao ter um trabalho com carteira assinada, praticamente você paga para trabalhar. Alguns de nós já estão pagando para trabalhar. Eu pago para trabalhar”. Da mesma forma, Tiradentes compartilha a reflexão de que em um emprego assalariado, tudo o que alguém comprar será parcelado, conforme ele observa, “é muito difícil para alguém nessa situação comprar à vista” devido ao baixo rendimento salarial e aos vários descontos no final do mês sobre esse salário.

Ademais, a precariedade inerente ao trabalho no restaurante, que incluía conflitos com os empregadores e o desempenho de diversas funções para as quais não foi originalmente contratado, “basicamente acumulo umas dez funções ali”, resultando em

um rendimento equivalente apenas a um salário mínimo, levou Neblina a reconsiderar e ponderar sobre o valor de um emprego com tais características.

Neblina esclarece que, após sair do trabalho no restaurante e se dedicar às entregas pelo iFood, enxerga como vantagem a possibilidade de estabelecer suas próprias metas e ganhar dinheiro de acordo com seu empenho diário. Ele destaca a autonomia de poder dedicar-se mais ou menos ao longo do dia, conforme sua vontade, dependendo exclusivamente de si mesmo. Ele se refere a si mesmo como autônomo, destacando: "A pessoa que é autônoma é assim, é só você. Você é um auto-assalariado, você se auto-assalaria".

Para Neblina, o termo de "auto-assalariado" simboliza a quebra das amarras enfrentadas no ambiente de trabalho tradicional, caracterizado por um salário fixo e descontos obrigatórios, desvinculados do esforço pessoal investido. Essa ideia de obter a remuneração de forma autônoma sempre permeou sua trajetória, marcada pela adaptabilidade e por uma gramática da viração nas ruas. De maneira positiva, Neblina destaca que, atuando de forma independente, sempre conseguiu reter o valor integral de seu trabalho, "dinheiro bruto", sem deduções, recebendo exatamente pelo que produzia, em sua visão. Essa dinâmica lhe proporcionou uma percepção acentuada de equidade em suas atividades informais: "se eu fizer um real, eu faço um real. Se eu fizer mil, são os mil. Então eu fico na rua".

Tiradentes compartilha da mesma perspectiva de Neblina. Embora ele reconheça um valor positivo nas suas experiências de trabalho na FIAT e no mercado Trigopane, descrevendo-os como os "melhores empregos" que lhe proporcionaram "muito conforto", ambos sendo empregos formais com carteira assinada, ele acredita firmemente que, no Brasil, a melhor opção para alguém é ser autônomo. Para Tiradentes, trabalhos como entregas pelo iFood, descarregamento de caminhão, pintura de paredes, serviços na construção civil, venda ambulante são o que realmente rendem dinheiro, pois, em sua visão, o esforço diário é recompensado com renda constante. O alto salário na FIAT e a perspectiva de crescimento no supermercado, junto com a sensação de uma carreira estruturada, podem ser fatores que o levaram a ter essa percepção positiva. Afinal, essas duas atividades proporcionaram a ele estabilidade em meio a uma vida marcada pela instabilidade. No entanto, esses foram apenas breves momentos em sua trajetória. Tiradentes atribui sua atual condição financeira estável a uma vida marcada por uma série

de bicos autônomos que se acumularam ao longo do tempo, moldando-o no habilidoso mecânico que é hoje.

Neblina valoriza a flexibilidade de gerir seu próprio tempo, algo que se traduz em uma vantagem financeira significativa. Essa liberdade de definir os próprios horários, semelhante à vida nas ruas, também se reflete em seu trabalho com entregas. Neblina tem a possibilidade de trabalhar em qualquer dia, ajustar o ritmo de trabalho, optar por pausas ou mesmo tirar dias de folga conforme sua necessidade ou desejo: “eu faço meu horário e recebo o que eu devo ganhar, entendeu? Que eu mereço ganhar. Se eu acho que estou indo mal, eu faço o que der. Se eu acho que eu estou indo bem, eu faço a minha meta e vou embora”.

Neblina se percebe como *domo de si*, dono do seu próprio tempo e do seu próprio trabalho, assumindo a responsabilidade por determinar o que acredita ser justo ganhar. Em toda sua trajetória, seu rendimento sempre esteve atrelado exclusivamente ao seu esforço pessoal - ao que é capaz de realizar ou não, conquistar ou não. Essa dinâmica se mantém, tanto na incerteza da sobrevivência nas ruas, quanto na imprevisibilidade do trabalho com entregas. Este engajamento e predisposição que permeiam a experiência e o referencial imaginário de Neblina espelham sua tática estratégica de lidar com as circunstâncias pragmáticas que se impõem em sua vida, assim como sua habilidade em manobrar dentro dessas condições. É essa perspectiva que fundamenta o desejo de Neblina por abrir um negócio. O anseio por construir um futuro para além do trabalho de entregas, aliado à sua relação com a maconha e experiência de vida, orienta-o em direção ao desenvolvimento de uma via de mobilidade social por meio do que chamou de *empreendedorismo canábico*.

A hegemonia (Chauí, 1986)⁷³ cultural do capitalismo se mantém através da difusão de um conjunto de convicções, princípios e comportamentos alinhados com os modelos organizacionais exigidos pela (hoje predominante) produção flexível, juntamente com a necessidade de estabelecer novas formas de interação social que transcendam as relações do trabalho assalariado. O conceito de uma sociedade centrada

⁷³ O conceito de hegemonia, como empregado aqui, é influenciado pela obra de Chauí (1986). Nessa perspectiva, a hegemonia não se restringe à manipulação ou à doutrinação; sua dominação não é estática, mas sim um processo dinâmico de renovação e reinvenção contínuas. Está constantemente sujeita a pressões das forças que lhe resistem, provocando mudanças e neutralizando o impacto da dominação cultural em suas práticas.

no trabalho está gradualmente sendo substituído pela visão de uma sociedade moldada segundo a construção de um *ethos do empreendedorismo* (López-Ruiz, 2007).

Segundo Colbari (2007), esse *ethos* abrange uma série de comportamentos e competências na valorização de aspectos de indivíduos que possuem uma visão abrangente do mundo, são altamente motivados, propensos ao risco, dotados de iniciativa, imaginação e criatividade, e têm a capacidade de conceituar e enxergar a mudança como uma oportunidade de negócio. A compreensão do comportamento empreendedor é crucialmente moldada por valores, que, em especial, enfatizam uma postura proativa diante dos desafios. O empreendedor parece emergir de uma síntese entre o trabalhador e o aventureiro, combinando sonho, destemor, método e cálculo.

O espírito empreendedor celebra o trabalhador flexível, adaptável e multifuncional. Sempre inclinado à mudança, o empreendedor reage a ela e a transforma em oportunidade. Assim, a "essência do espírito empreendedor" não está necessariamente ligada à criação de uma nova empresa, ao papel de proprietário-gerente ou empregador, reside na postura adotada diante da mudança, da novidade e da incerteza. Essa postura é fundamentada na disposição flexível de estratégias para superar obstáculos, persistência e habilidade para extrair o máximo proveito de situações adversas (Colbari, 2007).

Como já foi exhaustivamente descrito, Neblina é um jovem que "se fez" na rua. A variedade de trabalhos que Neblina desempenhou nas ruas moldou sua personalidade, e ele é extremamente grato por essas experiências. Para ele, a rua é sua verdadeira mãe e professora: "A rua te ensina. Você não precisa perguntar, a rua te ensina. Desde que comecei a conviver nas ruas, aprendi diversas lições, tanto boas quanto ruins". Neblina relata que foi no seu dia-a-dia que absorveu o conhecimento das ruas. Ele conta que às vezes aprendia com um transeunte que se aproximava, pedindo algo, ou às vezes com algum pastor que frequentemente pregava, sempre nos trajetos que fazia, geralmente passando pela Praça da Sé. Em diversas ocasiões, encontrou pessoas que, à primeira vista, pareciam mendigos, mas que demonstravam possuir consideráveis recursos financeiros e o orientavam a buscar oportunidades de renda.

Neblina compreende a rua como uma mestra em imprevisibilidade, argumentando que sua essência é capturada nas três simples letras que formam a palavra "rua". Ele destaca a existência de uma filosofia intrínseca às ruas, tecida por cálculos e riscos que ele mesmo assume, perante a aleatoriedade de situações que lhe é apresentada. Neblina

pontua que, em suas andanças, era crucial saber não apenas como adentrar certos espaços, mas também como e quando se retirar, identificando quais pessoas abordar, e se destacar ou permanecer discreto conforme a situação exigisse. Em meio a essa dança calculada com o caos urbano, Neblina afirma que foi o convívio com a rua que o forjou como um "ser humano de verdade", evidenciando o valor das experiências vividas nesse contexto imprevisível.

Dessa forma, Neblina destaca que, por meio da vivência nas ruas, desenvolveu sua habilidade e astúcia em relação às possibilidades de ganho financeiro. Para ele, a rua é um espaço aberto, uma "oportunidade nua e crua" que se manifesta nos fluxos urbanos. A rua se torna o ambiente que substitui o espaço doméstico e familiar de sua casa. As interações com transeuntes, comerciantes, policiais, assistentes sociais, educadores e religiosos passam a ocupar o papel de família, vizinhos e amigos para Neblina. Ele a transforma em um espaço que organiza seu cotidiano, suas relações e sua identidade.

Envolto em uma teia de "esquemas" e oportunidades financeiras que requerem, para Neblina, sobretudo, uma resoluta "força de vontade" para se tornarem realidade, as ruas forjaram em Neblina a essência de um trabalhador multifuncional. Essa vivência está tão intrinsecamente ligada a ele que se tornou parte de sua identidade. Para Neblina, a rua é mais do que um espaço físico: é um símbolo de acesso universal, um local onde cada pessoa, independentemente dos desafios enfrentados, tem a capacidade de se adaptar e prosperar, seja criando meios de subsistência na ausência de emprego formal, seja complementando uma renda insuficiente. Nesse ambiente de constante movimento e adaptação, Neblina não apenas aprendeu a arte de se virar; ele aperfeiçoou essa habilidade até que se tornasse sua profissão, uma expressão de sua profunda valorização da autonomia e da liberdade. Essa capacidade de se reinventar e de encontrar soluções criativas para problemas cotidianos se tornou sua principal ferramenta de sobrevivência, permitindo-lhe navegar pela instabilidade com destreza, destacando sua capacidade de identificar oportunidades e desenvolver estratégias para aproveitá-las, sempre pronto para se adaptar às constantes mudanças que a dinâmica da rua impõe. Esse modo de vida e identidade não apenas espelha, mas também incorpora os atributos centrais do ethos empreendedor, refletindo uma prática que se harmoniza perfeitamente com os princípios do empreendedorismo.

Neblina ainda revela um aspecto intrigante sobre sua relação com o dinheiro e os sentimentos gananciosos que diz possuir. Ele atribui sua ânsia por acumular riquezas

majoritariamente à influência familiar, particularmente à sua mãe. Como vimos em sua trajetória, era sua mãe quem consumia todo o dinheiro que ele conseguia nas ruas. Esse impulso para o ganho e a ânsia pelo lucro, movidos e legitimados pelos valores adquiridos ao longo de sua vida, tanto nas experiências de rua quanto no ambiente familiar, moldaram Neblina como alguém dinâmico e adepto de múltiplas atividades. Ele valoriza a ideia de ter diversas ocupações simultâneas, considerando-se uma pessoa multifuncional. Neblina expressa: "Sempre me vejo envolvido em mais de um trabalho, porque sou assim, sou um cara multifuncional. Desde jovem, estive acostumado a ter dois empregos." Para ele, essa estratégia significa uma fonte adicional de renda e, conseqüentemente, mais recursos financeiros.

Ser multifuncional não apenas reflete suas estratégias cotidianas, mas também incarna a figura do indivíduo polivalente, conforme preconizado pelo discurso normativo do empreendedorismo. Essa característica revela aspectos tanto de uma cultura forjada na viração quanto de um ethos empreendedor. Ambas as abordagens ressaltam habilidades semelhantes, embora atribuam significados distintos a elas em diferentes contextos. Sua conduta pragmática vai se tornando base para a formação de uma mentalidade empreendedora.

Dentro deste contexto, moldado por suas experiências e influências ao longo da trajetória, Neblina desenvolve uma perspectiva singular sobre o empreendedorismo. Assim como a autonomia é percebida de maneira relativa em relação às trajetórias e referências dos entregadores, conforme discutido no capítulo 2, o significado que atribuem ao empreendedorismo também é variável. Neblina, à sua maneira, assimila a ética empreendedora, inspirando-se e referenciando-se não em Silvio Santos, uma figura amplamente reverenciada pelo imaginário dos trabalhadores do comércio popular, vista como um símbolo de esperança de ascensão social devido à sua narrativa de começar do zero, vendendo canetas na rua. Em vez disso, Neblina se identifica com o lutador de boxe Mike Tyson.

Mike Tyson, um dos mais renomados lutadores de boxe da história, não apenas brilhou nos ringues, mas também se destacou como um empreendedor visionário no emergente mercado da cannabis, nos Estados Unidos. Após anos de uma carreira vitoriosa no boxe, Tyson encontrou-se em dificuldades financeiras devido a uma série de dívidas e processos legais. Foi então que canalizou sua determinação e visão para o mundo do empreendedorismo, mais precisamente no campo da cannabis. Em 2016, Tyson fundou a

Tyson Holistic, uma empresa sediada na Califórnia, onde o uso recreativo da maconha é legalizado. A empresa não só comercializa diferentes variedades da planta, mas também uma variedade de produtos derivados da cannabis. O negócio provou ser um sucesso instantâneo. Mensalmente, a empresa vende cerca de US\$ 1 milhão em produtos relacionados à cannabis, conforme divulgado em seu podcast "Hot Boxin" em abril de 2020. No entanto, para Tyson, esse empreendimento vai muito além dos lucros. Ele vê a cannabis como um instrumento de cura e bem-estar. A própria jornada de Tyson é testemunho disso, pois a maconha o ajudou a superar seu vício em drogas e a lidar com as dores decorrentes de sua intensa carreira esportiva.

Tyson não se contenta em ser apenas um vendedor de cannabis. Ele tem planos ambiciosos para transformar sua propriedade em um destino de lazer e bem-estar dedicado à cannabis. Seu resort será um local onde os visitantes poderão desfrutar livremente da maconha, complementada por spas que oferecem tratamentos à base de cannabis e festivais temáticos. Além disso, Tyson tem um objetivo educacional. Ele planeja fundar a "Universidade Tyson", oferecendo cursos para ensinar aos interessados como cultivar a planta de forma eficiente e responsável. A visão de Tyson não se limita ao lazer e ao entretenimento. Ele também está comprometido em promover a pesquisa e a educação sobre os benefícios medicinais da cannabis. Sua empresa produz produtos como um gel infundido com CBD, comprovadamente eficaz no alívio de dores musculares e artrite. Assim, Mike Tyson não é apenas um ícone do esporte, mas também um pioneiro no mercado da cannabis, cuja visão empreendedora e compromisso com o bem-estar estão moldando um novo paradigma na indústria da cannabis.⁷⁴

Inspirado pela jornada de superação e pela perspectiva empreendedora de Mike Tyson, Neblina se lança como um empreendedor visionário, buscando seguir os passos do renomado lutador e tornar-se pioneiro no Brasil. Com uma abordagem proativa, Neblina está progressivamente desenvolvendo sua estratégia para realizar seu sonho: abrir uma loja especializada em produtos relacionados à maconha. Ele deposita sua esperança na possibilidade de que o Brasil legalize o uso recreativo da maconha e simplifique as regulamentações para o uso medicinal nos próximos 5 a 10 anos, conforme sua previsão. Com um espírito empreendedor aventureiro, Neblina vem traçando os passos necessários

⁷⁴ Disponível em: <https://kayamind.com/mike-tyson-e-cannabis/>. Acesso em 20/03/2024.

para tornar sua visão realidade. Sua estratégia já está em andamento e consiste em três etapas que ele pretende alcançar: Nível 1 - Estudo, Nível 2 - Prática e Nível 3 - Comércio.

No Nível 1, que ele denomina como a etapa de "estudo", Neblina planeja permanecer fazendo entregas pelo iFood enquanto busca alcançar um nível de conhecimento sólido, conciliando ambas as atividades. Em uma analogia com minha própria experiência na faculdade de Sociologia, ele conta que este nível exigirá um tempo considerável, estimando cerca de 4 a 5 anos, semelhante à duração do meu curso. Ele encara esse período como sua jornada acadêmica, e por isso não sente pressa pela imediata legalização da maconha no Brasil.

Neblina elaborou um projeto de estudo para si mesmo. Ele absorve conhecimento da maneira como a vida nas ruas o ensina, adquirindo habilidades por conta própria. O estudo de Neblina acontece em diversos lugares, desde as ruas até a internet, absorvendo informações de várias fontes. Ele relata que adquire conhecimento conversando com pessoas que já cultivaram maconha, enquanto pesquisa pela internet em seu celular. É nesse processo de aprendizado nas ruas que cresce seu desejo de cultivar maconha e seguir os passos empreendedores de Mike Tyson. Como ele próprio diz: "Fui aprendendo. As pessoas na rua foram me ensinando. Então, quando surgiu o desejo, pensei: 'vou virar'".

Neblina compartilha sua intenção de alcançar o que ele chama de duas "marcas". Uma delas é a "cronológica", que se refere ao uso recreativo da maconha. Ele utiliza esse termo porque se autodenomina um usuário "cronológico", seguindo um horário específico para seu consumo. Ele acredita que essa característica é compartilhada pela sua potencial clientela, que consumirá seus produtos sob a "marca cronológica". A segunda "marca" é distinta da primeira. Neblina observa que ele não utiliza a droga como um paciente que a usa ocasionalmente como medicamento. Ele reconhece esse grupo como clientes que farão uso medicinal da maconha, uma categoria que ele define como a "marca medicinal". Para atender a ambas as necessidades, Neblina planeja aprofundar seus estudos, abordando temas específicos como o canabidiol, que tem aplicações terapêuticas na "marca medicinal", e as técnicas de extração de óleos da planta, visando produtos destinados à "marca cronológica". Esse processo evidencia como Neblina vai assimilando o léxico e os conceitos de uma razão de mercado.

O Nível 2 é a fase da “Prática”, marcada pelo início efetivo do plantio da maconha. Nesta etapa, ele se dedica ao cuidado direto com as plantas, enfrentando e solucionando problemas que possam surgir. Neblina destaca a necessidade de uma atenção redobrada durante essa fase, indicando que haverá dias em que se dedicará às entregas na rua, enquanto em outros momentos estará totalmente focado no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de suas plantas. Essa é uma etapa crítica, que antecede a fase final, o comércio, onde os frutos do seu trabalho e aprendizado serão finalmente apresentados ao mercado.

O Nível 3 representa a etapa do “Comércio”. Nesta fase, Neblina planeja comercializar seus produtos, unindo os conhecimentos e experiências acumuladas durante as fases de “Estudo” e “Prática”. O objetivo é aplicar teoria à prática, avançando desde a extração até a realização de vendas de forma legal. Neblina aspira abrir sua própria loja, inspirando-se na expansão e no reconhecimento alcançados por grandes marcas, como o *McDonald's*, cujos pedidos está frequentemente pegando no *Ponto*. Este estágio final é onde seus esforços em aprender e cultivar se convergem na realização de um empreendimento comercial legalizado.

Este projeto estruturado em “níveis” reflete, em sua essência, tanto aspectos da trajetória pessoal, marcada pela viração, quanto elementos associados à lógica empresarial e empreendedora do mercado. Essa fusão entre os desafios da viração e os princípios do empreendedorismo é elaborada por Neblina a partir de suas experiências nas ruas e do diálogo com diferentes pessoas. Dessa forma, o discurso empreendedor e meritocrático, típico da razão neoliberal, é reinterpretado e assimilado de maneira única. Neblina, não apenas absorve essas influências, mas as adapta à sua realidade, criando uma estratégia que contempla tanto suas aspirações pessoais quanto as demandas do mercado em que deseja se inserir.

Ao consolidar sua loja no setor canábico, Neblina vislumbra um papel ativo não apenas no mercado, mas também no âmbito social do Brasil. Para além de desmitificar os preconceitos em torno da maconha, educando a população sobre seus benefícios, Neblina acredita que, por meio do empreendedorismo canábico, pode contribuir significativamente para a sociedade, gerando empregos e promovendo o bem-estar social. Seu entusiasmo transcende a esfera empresarial, alimentando a ambição de influenciar

positivamente o país, até mesmo cogitando a possibilidade de uma futura carreira política, tornando-se presidente do país. Nas palavras de Neblina:

Com o empreendedorismo canábico, eu vou ajudar muita gente e tomar o país mais bacana. Quero gerar emprego, algo que me apaixonou. Fazendo isso, posso criar muitas oportunidades de trabalho e abrir diversos negócios. Até mesmo ajudar a tirar o país da lama.

Neblina não é o único que acredita que o empreendedorismo possui um potencial de “mudar o mundo”. O entregador pernambucano Daniel compartilha desse mesmo ímpeto. Para ele, empreender significa impactar positivamente a sociedade, criando empregos, oportunidades de crescimento, expandir o negócio e gerar renda para outras pessoas. Essa visão está alinhada com o que Zanon (2019) identificou como uma característica comum entre empreendedores envolvidos em diversas startups: a busca pela escalabilidade, ou seja, a capacidade de expandir o negócio de forma significativa, aumentando a receita com custos mínimos, apesar da instabilidade e incerteza do mercado.

Daniel se identifica como empreendedor, mas sua definição varia dependendo do contexto. Ele reconhece seu papel empreendedor no trabalho com sua mãe, onde está envolvido na administração do *box* próximo ao *Ponto*. No entanto, quando se trata do trabalho de entregas pelo iFood, Daniel não se considera um empreendedor, pois acredita que não tem despesas diretas relacionadas ao trabalho. Para ele, ser empreendedor significa ter propriedade sobre algo, como uma loja ou um serviço próprio e possuir uma folha de pagamento. Ele exemplifica que se os entregadores fossem empreendedores, eles estariam montando suas próprias lojas e serviços de entrega. Ser empreendedor, para Daniel, envolve não apenas trabalhar para si mesmo, mas também criar empregos para outras pessoas. Ele vê o empreendedorismo como um estado de espírito dinâmico, onde exerce influência social ao mesmo tempo que busca o crescimento de seu negócio. Em suas palavras:

Empreendedor, para mim, é você que gera emprego, entendeu? Você abre sua escola de psicologia, você está gerando emprego, não está? Para você aumentar sua empresa, você vai fazer seu curso, aumenta seu curso, comprar coisas, vai galgando, você vai lá e aumenta, pega uma sala, pega duas salas. Contrata uma pessoa. Você não é empreendedor? Você gerou, você está gerando, querendo ou não, uma renda para outra pessoa. Isso é empreendedor.

Quando está realizando entregas, Daniel adota uma identidade diferente e se reconhece como autônomo, prestando serviços para o iFood. Nesse contexto, ele aponta

que a verdadeira força empreendedora está na empresa de delivery, que, direta ou indiretamente, gera empregos para ele e para a sociedade. Daniel argumenta que, nessa dinâmica, enquanto o iFood depende dos serviços dos entregadores, estes, por sua vez, dependem do dinheiro fornecido pela plataforma. Em outras palavras, os entregadores fornecem o serviço e o iFood fornece a remuneração e a plataforma de trabalho. Trata-se de uma percepção que se fundamenta em um sentido mutualístico perante a relação laboral. Para Daniel, o iFood representa o verdadeiro empreendedorismo nessa relação, devido ao impacto social gerado pela inovação de sua plataforma digital, que revolucionou o mercado de delivery no Brasil e contribuiu para a geração de empregos.

A maioria dos entregadores com quem conversei no *Ponto*, assim como aqueles que encontrei no Largo da Batata e na Avenida Paulista, não se enxergam como empreendedores em sua atividade de entregas. Aqui reside talvez uma das contradições mais interessantes sobre como os entregadores se reconhecem. Embora se autodenominem autônomos, ou "auto-assalariados", dependentes de seu próprio esforço, eles percebem que, no contexto das entregas, estão simplesmente prestando serviços para outra entidade, essa entidade sendo a empresa-plataforma iFood. Para a maioria dos interlocutores, o empreendedorismo está intrinsecamente ligado a algo mais concreto ou a um sonho futuro. Como observado em relatos como os de Daniel e Neblina, ser empreendedor está associado a ser proprietário de algo físico, como uma loja ou produtos, e assumir responsabilidades financeiras, incluindo o pagamento de salários e a geração de empregos, sempre gerando impacto social. Eles percebem que, no trabalho de entregas, não possuem a propriedade do serviço "entrega". Consideram-se empreendedores apenas quando estão envolvidos em outras atividades, como o comércio popular de Daniel ou no planejamento de um sonho, como o empreendimento canábico de Neblina, atividades que refletem suas concepções do que significa empreender.

Neblina oferece uma perspectiva interessante ao distinguir suas atividades de entrega como mais um "bico" do que um trabalho no sentido tradicional ou uma profissão formal. Para ele, uma profissão implica um nível mais elevado de seriedade e comprometimento, características associadas a cargos que requerem formação formal, horários fixos e prestação de contas a um superior. Diferente dos trabalhos formais que teve, ele se refere a tipos de ocupações com um alto capital simbólico e econômico (Bourdieu, 2013), como advogado, engenheiro ou médico. Por outro lado, Neblina vê o trabalho de entregas como algo mais informal, mais desorganizado, onde a própria ideia

de liberdade associada ao trabalho é vista como algo menos sério. Em suas próprias palavras, ele descreve:

Mas não é exatamente uma profissão, é mais um bico do que uma profissão, porque uma profissão exige um pouco mais de seriedade, um pouco mais de compromisso. Com o iFood, não é assim. Se eu quiser parar agora, posso parar agora. Não preciso responder a um chefe. Estou aqui trabalhando e conversando com você

Aqui observamos uma significativa mudança na identidade profissional e na concepção de trabalho. Podemos notar uma reconfiguração cultural de certos padrões que foram fundamentais para a identidade dos trabalhadores no século XX, como a noção de salário, carreira e profissão, que estão se tornando mais flexíveis e adquirindo novos significados com a assimilação de um ethos empreendedor. Isso tem impacto direto no imaginário, na identidade profissional e nas interações entre os próprios trabalhadores.

Daniel, durante suas vastas reflexões, expressava uma profunda apreciação pela atividade de vendedor, considerando-a não apenas uma opção, mas a “melhor profissão do mundo”. Ele argumenta que, mesmo que alguém não tenha sucesso em outras áreas, pode prosperar como vendedor. Na visão de Daniel, os vendedores são capazes de conquistar o mundo e alcançar o sucesso financeiro. Ele destaca a capacidade dos vendedores de gerar lucro rapidamente, mencionando que, em dias movimentados, é possível faturar entre 300 e 400 reais, e até mais, apenas vendendo mercadorias na rua. Além disso, Daniel admira a habilidade dos vendedores em lidar com desafios e aprender com a experiência, valorizando a liberdade e a dinâmica da atividade. Ele próprio prefere a agitação das ruas em vez de permanecer estático em uma loja. Para Daniel, ser vendedor é sinônimo de oportunidade, aprendizado constante e ação. Ele expressa essa paixão, destacando sua acessibilidade e potencial lucrativo, ressaltando que, embora alguns possam considerá-la uma atividade desafiadora, para ele, vender é mais simples do que muitas pessoas imaginam.

Sua percepção sobre o trabalho formal, remete, assim como para Tiradentes e Neblina, à falta de retorno financeiro. O dinheiro ganho em um emprego registrado parece ser destinado principalmente a despesas, sem oferecer oportunidades significativas de lucro. Em contrapartida, Daniel, devido às experiências no comércio popular, valoriza a prática de comprar produtos a preços baixos para revendê-los com margens de lucro substanciais. Ele destaca exemplos de como isso pode ser feito, como comprar roupas no Brás e revendê-las em comunidades por um preço acessível, garantindo um bom lucro.

Daniel também menciona a prática de venda de produtos falsificados, como tênis, e como isso pode ser lucrativo devido à reputação das marcas. Para ele, o sucesso nas vendas depende do esforço próprio e principalmente da habilidade de persuasão e comunicação do vendedor, destacando a importância da *lábria* para alcançar o êxito no comércio.

Daniel destaca que quando “inventou de trabalhar para outras pessoas”, durante seu tempo no telemarketing, sua habilidade no ramo de vendas o destacou rapidamente, resultando em uma rápida promoção para uma posição de destaque. No entanto, apesar do sucesso, Daniel se sentia insatisfeito com a rotina e a estabilidade do emprego. Ele descreve uma sensação de inquietude e a necessidade de encontrar um ambiente mais estimulante, algo que verdadeiramente o apaixonasse. Isso o levou a tomar a decisão de deixar o emprego e voltar a trabalhar diretamente com as pessoas, retomando sua colaboração com sua mãe no *box* e entregando pedidos através do iFood.

Sua experiência no telemarketing o fez refletir sobre como, muitas vezes, nos tornamos “escravos” do salário e, conseqüentemente, da nossa própria “zona de conforto”. Daniel valoriza indivíduos que estão dispostos a sair dessa zona, demonstrando iniciativa e um espírito cheio de energia, características essenciais do ethos empreendedor. Ele se inspira em sua mãe como um exemplo vivo desse espírito. Ela é uma das muitas trabalhadoras nordestinas que migraram para São Paulo em busca de “uma vida melhor”, sempre encontrando soluções em meio à dinâmica e aos desafios do comércio popular. Enfrentou os riscos de ser alvo de operações de fiscalização, como o “rapa”, e experimentou tanto sucessos quanto fracassos ao vender mercadorias nas ruas, até finalmente abrir seu próprio *box*. Com o tempo, ela expandiu seu negócio, contratou funcionários e se tornou, segundo ele, uma espécie de “miniempresa”. Para Daniel, sua mãe personifica o mito do empreendedor de sucesso, semelhante ao empresário Silvio Santos, alguém que não se acomodou na zona de conforto e conseguiu ascender socialmente, impactando sua comunidade por meio de um negócio próprio, construído com determinação e esforço.

Daniel está ciente do caráter temporário de seu trabalho com entregas, compartilhando uma perspectiva semelhante à de Neblina. Ele percebe o trabalho de entregas como uma atividade amadora, encarando-a mais como um *escape*, que se alinhe ao seu plano maior de abrir sua própria loja virtual e o estabelecimento alimentício para seu padrasto, uma visão que ecoa as ações de Wesley e André discutidas no capítulo 2.

Daniel destaca que o crescimento em seus objetivos é fruto de sua repulsa pela “preguiça” e do compromisso com um trabalho autônomo, principalmente aquele realizado nas ruas, onde ele tem total liberdade de ação. Ele ilustra sua visão com a estória de seu amigo Marcos. Anteriormente empregado no *McDonald's*, localizado em frente ao *Ponto*, Marcos decidiu, influenciado por Daniel, deixar o emprego para trabalhar de forma independente nas ruas. Daniel ressalta que essa mudança foi significativamente positiva, pois Marcos passou a ganhar muito mais do que quando era atendente no *McDonald's*. Por vezes, Marcos se une a Daniel para realizar entregas pelo iFood, no conhecido *Ponto* onde compartilhei inúmeras conversas com ambos.

Daniel está imerso em um cenário onde uma das manifestações mais marcantes da informalidade nos centros urbanos do Brasil, o trabalho no comércio popular, vem experimentando transformações significativas recentemente. Ele constrói seu universo de referências em meio a alterações que ocorrem na administração desses mercados, influenciadas por um fenômeno que Rangel (2021) denominou de "empresarização". Este processo tem atraído significativos investimentos focados na reorganização do comércio informal, particularmente em shoppings populares. Um exemplo notável é o Brás, que se destaca como um ponto de referência essencial para Daniel. Paralelamente, assiste-se à transição dos tradicionais vendedores ambulantes, conhecidos como "camelôs", em verdadeiros empreendedores, um movimento destacado por Hirata (2014). Esta mudança não apenas reconfigura o cenário comercial, mas também redefine os papéis e as oportunidades para indivíduos como Daniel, que navegam neste dinâmico ambiente de negócios.

Farrugia (2019), autor que conheci através da obra de Rosenfield (2018), buscou compreender como os jovens de hoje se preparam para o mundo do trabalho, adotando uma abordagem que ele chama de "cultivo de si". Para Farrugia, esse cultivo é essencial para caracterizar a força de trabalho dos jovens atualmente. Em sintonia com os estudos de Pires (2018), Farrugia observa o surgimento de identidades laborais moldadas e mobilizadas por um "eu" apaixonado, que leva em conta todas as experiências afetivas e emocionais vividas. Essas experiências são vistas como produtoras de qualidades pessoais transformadas em competências que vão além de qualquer qualificação ou habilidade acadêmica específica exigida pelo mercado de trabalho.

Através da abordagem de Farrugia (2019), podemos notar que a energia apaixonada demonstrada por Daniel em relação a profissão de vendedor, ou mesmo

Neblina em relação ao sonho apaixonado pelo empreendedorismo canábico, se manifesta em uma série de expressões e realizações pessoais durante suas trajetórias, servindo como indicadores de um "eu" autêntico que reflete o engajamento e a participação ativa na construção de suas estratégias de vida. Esse processo de cultivo de si, de acordo com o autor, consideraria todas as dimensões da vida como elementos formadores, revelando novas maneiras pelas quais a necessidade de desenvolver subjetividades empreendedoras e criadoras de valor estariam entrelaçadas à lógica do trabalho e do capitalismo contemporâneo.

Outro elemento interessante é a postura crítica de Daniel em relação aos métodos tradicionais de poupança no Brasil, contrastando-os com a cultura de investimentos em ações nos Estados Unidos. Ele ressalta que nos EUA é comum que as pessoas aprendam a investir na bolsa de valores desde cedo. Daniel vê essa abordagem como vantajosa e argumenta que investir em ações poderia proporcionar retornos mais significativos a longo prazo, o que contribuiria para uma aposentadoria mais segura.

Daniel expressa descontentamento com os sistemas de contribuição compulsória no Brasil, como o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e o INSS, os quais ele compara desfavoravelmente ao investimento em ações. De forma semelhante a crítica de Neblina e Tiradentes, referente ao desconto que o INSS incide sobre seus salários, ele descreve o INSS como uma "pirâmide financeira", argumentando que o dinheiro dos trabalhadores mais jovens é usado para pagar os benefícios dos mais velhos, uma estrutura que ele considera insustentável e injusta. Nesse contexto, Daniel vê o investimento em ações como uma alternativa mais atraente, pois permite que o indivíduo tenha maior controle sobre seu próprio dinheiro e potencialmente alcance um retorno financeiro mais significativo. Ele argumenta convincentemente a favor dessa abordagem, dizendo:

Compensa muito mais você pagar R\$ 100 ou R\$ 300, que eles (governo) descontam quase todo mês de várias coisas, na bolsa de valores, do que você pagar dinheiro para governo. Eu prefiro trabalhar investindo na bolsa.

Aos 21 anos, Daniel pertence a uma geração imersa em um ambiente sociotécnico em que as relações sociais são cada vez mais moldadas e aprofundadas pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) em rede. Internet, dispositivos conectados, inteligência artificial, aplicativos e outras inovações modernas são consideradas como contribuições significativas para o progresso da humanidade. Daniel, cuja vida é mediada pelo uso de smartphones, utiliza-os como base para suas estratégias

de vida, incluindo a criação de suas lojas virtuais, bem como fonte de conhecimento e referência para suas condutas. Por meio de plataformas como o YouTube, adquire conhecimentos sobre educação financeira, explorando canais que se baseiam em experiências paralelas aos Estados Unidos, incentivando o investimento individual na bolsa de valores e desencorajando a dependência de programas públicos de aposentadoria, como o INSS. Essa mentalidade não é exclusiva de Daniel; muitos entregadores, especialmente os mais jovens, veem o investimento na bolsa de valores como uma forma de fazer um “pé de meia” para a aposentadoria.

A proliferação de *coaches* e influenciadores digitais, muitas vezes jovens como eles, que prometem enriquecimento rápido sem a necessidade de qualificação formal, exerce uma forte influência sobre esses indivíduos que passam horas nas redes sociais e acreditam que podem seguir fórmulas prontas para alcançar sucesso imediato com um negócio online ou fazendo investimentos, inspirados em figuras como o “Primo Rico”⁷⁵. Este lançou em seu canal no YouTube um vídeo intitulado “Como se aposentar com pouco dinheiro? Investindo R\$ 3,30 por dia”⁷⁶, no qual, justamente, destaca a situação dos trabalhadores brasileiros que ganham 1 salário mínimo por mês, parte do qual é destinado ao governo através do INSS. Thiago Nigro sugere que contribuir com R\$ 99 por mês (ou R\$ 3,30 por dia) ao longo de 35 anos garantirá uma aposentadoria equivalente a 1 salário mínimo. Ele apresenta alternativas para garantir uma aposentadoria mais confortável, questionando a eficácia do sistema previdenciário do governo, e incentiva as pessoas a investirem na bolsa de valores para melhorar a qualidade de sua aposentadoria, promovendo independência em relação ao INSS.

Além dos fatores mencionados, as empresas-plataforma, como o iFood, desempenham um papel significativo na formação de discursos concomitantes. Normas e valores são incorporados ao design, às interfaces e às arquiteturas das plataformas, assim como são difundidos por meio de propagandas na televisão, no YouTube, postagens no Instagram e comunicações diretas com os entregadores via próprio aplicativo. Essas plataformas não apenas servem como ferramentas de produção e comunicação, mas também atribuem significado ao trabalho por plataforma, muitas vezes influenciadas por uma cultura originária do Vale do Silício.

⁷⁵ Primo Rico é um dos maiores canais do YouTube sobre finanças no mundo, criado em 2016 por Thiago Nigro, então com 26 anos.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6sbFsEadbTw>. Acessado 01/11/2023.

A "silicolonização" (Sadin, 2018) ou a ideologia do Vale do Silício estão enraizadas na expansão do neoliberalismo e das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação). Os icônicos personagens do "mito da garagem", como Steve Jobs e Steve Wozniak (Fundadores da Apple), Bill Gates (Fundador da Microsoft) e os fundadores do Google, simbolizam um mundo digital fundamentado no paradigma da flexibilidade e na conformidade do indivíduo com os princípios do neoliberalismo (Sadin, 2018), nutrindo uma cultura próspera de inovação e empreendedorismo (Loveluck, 2018). Um exemplo concreto que ilustra a construção desse mito no cotidiano dos entregadores, é o caso de Fabricio Bloisi, Chief Executive Officer (CEO) do iFood, que compartilha frequentemente vídeos narrando sua trajetória vinculada à fundação do iFood. Nestes vídeos⁷⁷, ele relata como um jovem apaixonado por tecnologia e inovação sonhava em criar uma empresa de grande porte, inspirando-se em figuras como Bill Gates. Além disso, ele compartilha insights sobre as práticas mais valiosas para empreender⁷⁸, as quais ressoam tanto na percepção dos entregadores quanto no estereótipo do empreendedor ideal. Fabricio lista práticas como:

- Seja apaixonado pelo que faz. Acredite em para onde você está indo e entenda o impacto que isso pode ter no mundo.
- Entregue mais do que o mínimo ou o obrigatório. Mostre proatividade. Vá além, e assim também terá resultados além.
- Não faça alguma coisa só porque te mandaram fazer. Busque entender o motivo, questione, e então faça.

Essa atmosfera cultural é envolta por uma conotação positiva do risco, conhecida como "cultura do risco", onde prevalece a crença de que a disposição para encarar desafios e incertezas é fundamental para alcançar o sucesso. A percepção dos entregadores, especialmente de Daniel, retratadas anteriormente, sugere que essa mentalidade permeia a experiência contemporânea desses trabalhadores, corroborando as teses de Canclini (2012) e Pires (2018; 2021), na qual os jovens, no contexto atual do mundo do trabalho, representariam o "modelo ideal" de trabalhador, pois, segundo a representação social hegemônica da juventude, eles seriam mais propensos a assumir riscos e desafios, são mais abertos a mudanças e inovações tecnológicas, habilidosos em

⁷⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cy5zKhHgaEl/>. Acessado 27/10/2024.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2uN3bduQmE/>. Acessado 30/01/2024.

adquirir novos conhecimentos, disponíveis para trabalhar em diferentes condições espaciais e temporais, e principalmente, engajados em atividades que proporcionem liberdade e autonomia.

Embora muitos dos entregadores do *Ponto* não se considerem empreendedores, quando se trata de sua relação de trabalho com o iFood, apenas um deles é reconhecido como empreendedor pelos colegas: Tiradentes, o ex-entregador que atua como mecânico no *Ponto*. Quando questionados, os entregadores apontam Tiradentes como o verdadeiro empreendedor entre eles. Ele é proprietário de seu próprio equipamento, trabalha para si mesmo e estabelece uma relação direta de prestação de serviços com os clientes, muitos deles os próprios entregadores. Tiradentes representa uma empresa em si mesma, exercendo um impacto social significativo no *Ponto*. Daniel frequentemente recorre à sua relação mutualística com o iFood, para explicar por que consideram Tiradentes um empreendedor. Enquanto o iFood oferece a plataforma e a remuneração, Tiradentes oferece serviços de mecânica aos entregadores, que dependem dele para a manutenção de suas ferramentas de trabalho, as bicicletas.

Curiosamente, Tiradentes não se enxerga como um empreendedor, apesar do papel social (Goffman, 1985) que lhe é atribuído. Ele concebe o empreendedorismo de uma maneira distinta das perspectivas observadas entre os entregadores analisados. Para Tiradentes, a essência de sua atividade não se enquadra na noção de empreendedorismo, ligada por ele à ideia de "empreender dinheiro". Esta noção o remete à prática de utilizar um capital inicial para gerar mais capital, principalmente através de investimentos no mercado financeiro. Esta abordagem é vista por Tiradentes como distante de sua realidade e experiência profissional. Ele relaciona mais este conceito a um imaginário ligado a operadores financeiros, capazes de investir grandes quantias em ações, títulos e outros instrumentos, como aqueles associados a empresas como a XP Investimentos⁷⁹, ou às práticas de empresários rentistas, cujo objetivo é aumentar seu patrimônio utilizando um capital já existente.

Tiradentes acredita ser mais um "mecânico investidor" do que um empreendedor. Ele pega seu dinheiro e "investe" em tudo que é motorizado ou relacionado ao seu

⁷⁹ A XP Investimentos é uma das maiores corretoras de valores do Brasil, oferecendo uma ampla gama de produtos e serviços financeiros para investidores individuais e institucionais. Fundada em 2001, a XP Investimentos tem crescido rapidamente ao longo dos anos e se tornou uma das principais instituições financeiras do país.

trabalho atual como mecânico. Considera sua atividade atual de mecânico no *Ponto* como um verdadeiro "negócio". Todos os dias, mesmo que não esteja fisicamente presente no local, ele se mantém ativo, assegurando uma entrada diária de dinheiro, sem falhas. Para ele, é essencial que seu "fluxo de caixa" receba pelo menos R\$ 150 por dia - esse é o mínimo absoluto. Caso não alcance esse valor, Tiradentes precisa recorrer à negociação ou à venda de itens, como bicicletas paradas e veículos motorizados, para atender a essa demanda. Ele investe em mobiletes, adquirindo-as por valores entre R\$ 1000 e R\$ 1500 e as revende, consideravelmente melhoradas, por R\$ 3800. Esse tipo de investimento não apenas contribui para o seu negócio, como ele o descreve, mas também impulsiona seus ganhos mensais. Relata que, com essa estratégia, costuma obter lucros entre R\$ 10.000 e R\$ 12.000 por mês. Quase todo o dinheiro que ganha é reinvestido nesse setor, pois ele acredita que o retorno desses investimentos é significativo. Tiradentes ilustra essa visão com números, explicando que, se investir R\$ 100 hoje, espera que esse valor retorne pelo menos R\$ 1000 no futuro.

É dentro dessas práticas que Tiradentes se identifica mais como um "investidor" do que como um "empreendedor". Para ele, investir significa aplicar recursos em algo tangível, como o seu trabalho de consertar e aprimorar bicicletas e mobiletes. Ele vê isso como um investimento em si mesmo e no seu próprio "negócio", compreendendo que sua atividade como mecânico é o cerne de sua própria concepção de negócio.

Tiradentes enfatiza a importância da experiência e do aprendizado adquiridos ao longo do processo de trabalho, destacando sua relevância para otimizar qualquer atividade laboral. Essa postura é evidente em sua abordagem em relação aos diversos "bicos" que desempenhou. Como entregador, ele ressalta a necessidade de familiarizar-se com os diferentes restaurantes e suas localizações, pois isso permite economizar tempo precioso. Tiradentes compara a falta desse conhecimento à sensação de estar perdido, sem rumo. Contudo, uma vez que o entregador adquire esse conhecimento, ganha horas preciosas ao poder deslocar-se de forma mais eficiente. Isso é especialmente valioso, uma vez que, como afirma Tiradentes, para quem trabalha como entregador ou como autônomo, "tempo é dinheiro".

No relato de Tiradentes sobre sua experiência como mecânico do *Ponto*, ele destaca que seu conhecimento em mecânica não se originou do fato de seu pai ter sido mecânico de carros, mas sim do acúmulo de conhecimento prático ao longo da vida. Desde jovem, ele sempre esteve envolvido em atividades de manutenção e reparo,

desenvolvendo suas habilidades através de um *saber-fazer* adquirido nas experiências laborais ou mesmo de sua proatividade curiosa. Assim como fazia com o computador de Tadeu, Tiradentes passava horas bisbilhotando sua velha moto alugada, uma DT200. Sem recursos para pagar por reparos profissionais, ele mesmo desmontava e remontava o motor, adquirindo peças usadas. Hoje, Tiradentes enxerga as bicicletas que conserta como versões em menor escala dessa antiga moto, na qual ele sempre colocava as mãos e consertava por conta própria.

Ao longo de sua trajetória, Tiradentes esteve sempre investindo em quaisquer possibilidades de renda, adquirindo conhecimento conforme as oportunidades surgiam, a partir de sua curiosidade e malícia que carrega orgulhosamente no trato com o povo. Seja ao explorar uma moto, fuçar o computador de um amigo, ou adquirir habilidades arrumando sua casa na infância e consumindo conteúdo no YouTube, Tiradentes desenvolveu seu conhecimento de forma autodidata e informal. Ele carrega esse repertório e o utiliza e aproveita nas situações e oportunidades que surgem, como a pintura na casa de sua sogra ou tornar-se mecânico no *Ponto*. Consciente de sua posição social, reconhece a importância de ser perspicaz e, assim, se dedicou a investigar e explorar as coisas, agindo com astúcia. Como ele próprio afirma: “você não nasce rico, precisa saber onde procurar o dinheiro”.

Ao analisar a trajetória de Tiradentes, percebemos como ele habilmente entrelaça suas variadas atividades com uma terminologia empresarial. A maneira como define “investidor” reflete sua própria jornada, marcada por uma diversidade de ocupações e pela rica malha de significados que ele tece a partir dessas experiências. Adotando o vocabulário do mundo dos negócios, Tiradentes se reinventa como um “investidor” que, com um olhar estratégico, navega pela economia informal. Ele absorve um léxico carregado de profundo conteúdo ideológico, transformando-se em uma “marca” chamada *Tiradentes*, muito próximo do que Dardot e Laval (2016) descreveriam como um processo de *empresariamento de si mesmo*. Tiradentes enfatiza que seu nome, assim como qualquer marca no mercado, carrega valores simbólicos que garantem aos “clientes” – neste caso, os entregadores – a qualidade do “produto” *Tiradentes*.

Nesse contexto, é relevante destacar uma cena que presenciei, na qual pude observar o processo de assimilação e reorganização do léxico empresarial ajustado por Tiradentes. Foi através de sua trajetória e reflexão sobre si mesmo, em resposta aos acontecimentos do seu cotidiano, que esse processo se consolidava e ganhava significado.

Em uma tarde ensolarada, por volta das 15h, o *Ponto* ganhou a visita inesperada de dois garotos, irmãos, que se aproximaram vendendo balas enquanto os entregadores aguardavam o início dos pedidos do horário do jantar. Eram dois irmãos, um mais novo e outro mais velho, com idades aparentes entre 7 e 10 anos. Aproximaram-se dos entregadores, solicitando a oportunidade de andar com as bicicletas. Alguns entregadores, generosos, emprestaram suas bicicletas, permitindo que os meninos desfrutassem dando voltas e buzinando ao redor do *Ponto*.

Em certo momento, Tiradentes decidiu interagir com os irmãos vendedores de balas, visando passar-lhes uma lição prática sobre comércio. Ele tomou a caixa de balas dos meninos e, como quem desempenha um papel de mestre, começou a vendê-las para as pessoas que circulavam pela rua, mostrando aos garotos estratégias para incrementar suas vendas. Durante essa interação, um dos entregadores sugeriu a Tiradentes uma forma mais direta de ajuda: "Por que você não compra todas as balas e ajuda os garotos assim?". A resposta de Tiradentes veio rápida e reflexiva: "Poderia comprar toda a caixa, mas seria muito fácil para eles". Logo após, Tiradentes mergulhou em suas memórias de infância, trazendo à tona lembranças de quando ajudava a mãe e o padrasto a vender salgados em Araçuaí. Ele relembrou um verão específico, quando notou a demanda por sucos para acompanhar os salgados. Com uma certa perspicácia, juntou algum dinheiro, comprou uma garrafa térmica e suco em pó, e começou a vender copos de suco junto aos salgados. Tiradentes compartilhou com orgulho essa estória como um exemplo de sua sagacidade e habilidade naquilo que chama de "negócio", uma qualidade que ele diz ter desenvolvido ao longo de sua vida.

Sua adaptação ao jargão empresarial, ao se referir ao seu ofício de mecânico no *Ponto* como um "negócio", aos seus colegas entregadores como "clientes", e aos cálculos de lucro como "fluxos de caixa", destaca como Tiradentes integra suas atividades diárias à lógica empresarial. Isso demonstra um equilíbrio singular entre a vivência popular e a racionalidade corporativa, evidenciando como ele incorpora, de maneira criativa, conceitos empresariais em sua diversificada experiência de vida.

Expressões como "tempo é dinheiro" ecoam profundamente nos textos de Benjamin Franklin, destacados por Weber (2001), pela sua associação com o nascimento do capitalismo, caracterizado inicialmente mais como um elemento cultural, um espírito, do que como uma prática econômica por si só. Para Franklin, era crucial não apenas acumular dinheiro, mas também investi-lo e fazê-lo frutificar. Essa expansão financeira

ocorre conforme os princípios da tradição calvinista, que preconizava o trabalho árduo como meio de alcançá-la. Essa perspectiva moldou o que Weber caracterizou como uma ética protestante, que se integrou a um espírito capitalista em ascensão.

Os discursos normativos gerados pelo SEBRAE⁸⁰, pelas grandes empresas de tecnologia (big techs) e outros aparelhos ideológicos, como descreveria Althusser (2022), transcenderam o domínio dos negócios, permeando o tecido social mais abrangente e consolidando a influência da cultura empreendedora em diversas esferas da vida social. Tais discursos tornaram-se elementos hegemônicos no senso comum difundido nas ruas, na estruturação do mercado de trabalho formal e no cenário do setor informal.

O empreendedorismo, enquanto fenômeno cultural que expressa práticas e valores dominantes, permeia os entregadores do *Ponto*, fomentando disposições referentes aos paradigmas do mundo corporativo. O resgate e a ressignificação do empreendedorismo se inserem nesse contexto de fortalecimento da hegemonia do mercado e critérios empresariais, no qual a flexibilidade e a valorização da liberdade, criatividade e inovação social moldam não apenas o conteúdo e a natureza do trabalho, mas também os padrões contratuais e regulatórios que regem as relações laborais. Essa influência não se limita apenas a moldar comportamentos, mas também a reconfigurar identidades, valores e modos de vida, por meio dos quais esses sujeitos realmente modificam a si próprios.

Ao longo deste capítulo, pudemos observar que os entregadores assimilam práticas e significados associados à racionalidade neoliberal de maneira adaptável e diversificada, entrepostas pelas complexidades de suas trajetórias, moldadas pelas contradições do mercado de trabalho no Brasil. É importante ressaltar que tais significados são utilizados estrategicamente pelos entregadores para alcançar metas específicas, projetos de ascensão social e múltiplas modalidades de inserção em práticas econômicas, demonstrando que não são simplesmente adotados de forma imutável ou cegamente incorporados por eles. Isso gera uma diversidade de interpretações sobre o empreendedorismo, embora certos conceitos, como a ideia de que empreendedor seja

⁸⁰ Atualmente, o site do SEBRAE oferece informações detalhadas sobre “Como montar uma empresa de serviços de bikeboy”, abrangendo desde o planejamento logístico até as operações de entrega. Essas informações compartilham muitas semelhanças com os requisitos para criar Operadoras Logísticas (OLs), apresentando características quase idênticas às descritas no capítulo 2. Disponível em: <https://es.lojavirtualebrae.com.br/loja/biblioteca-digital/791-como-montar-uma-empresa-de-servico-de-bikeboy> e https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/IDEIAS_DE_NEGOCIO/PDFS/10.pdf. Acesso em 30/03/2024.

quem cria empregos, predomine entre meus interlocutores. Suas percepções, reinterpretações e práticas, são representadas por categorias êmicas, tais como "empreendedorismo-canábico", "auto-assalariado" e "mecânico investidor", além de noções e valores fundamentais como "esforço próprio" e "trabalhar para si mesmo", que estão presentes e constituem o ethos empreendedor (Colbari, 2007).

Entretanto, este processo de assimilação não ocorre em um vácuo. As trajetórias de Tiradentes, Daniel, Neblina e dos entregadores com os quais interagi e convivi são marcadas por uma *gramática da sobrevivência* (Braga; Silva, 2022) inscrita em uma teia de arranjos e rearranjos cotidianos. A necessidade de se adaptar desde cedo, enfrentar dificuldades extremas, fome e condições de miserabilidade, predispõe esses jovens a realizarem cálculos, estabelecer comparações e construir hierarquias de acordo com o dia-a-dia.

A incorporação do discurso empreendedor, por parte dos entregadores, possibilita saídas concretas para a superação da condição de pobreza. Este *habitus*⁸¹ que mistura viração com empreendedorismo, inscrito no corpo desses entregadores pelas experiências passadas, são as estruturas cognitivas aplicadas por eles, que constituem o produto da incorporação das estruturas do mundo no qual eles agem, e também porque os instrumentos de construção empregados para conhecer o mundo são construídos pelo mundo.

Segundo Gregori (2000), a viração contém em si algo mais do que a mera sobrevivência, embora seja seu instrumento. Ao examinar a experiência de meninos nas ruas de São Paulo, a autora observa que a prática da viração, profundamente enraizada na experiência desses garotos, se manifesta em aspectos tanto objetivos quanto subjetivos. Ela abrange estratégias que funcionam como meios de subsistência material, influenciadas por um raciocínio econômico pragmático, levando alguns a se envolverem em atividades como mendicância, furtos, prostituição ou "biscateiros". Simultaneamente, a viração é também simbólica, pois exige que o indivíduo desenvolva habilidades para lidar com uma variedade de situações que exigem diferentes formas de expressão e

⁸¹ A teoria de síntese de Bourdieu (1997) que uniu a perspectiva objetivista com a subjetivista, oferece atenção para as condições sobre como os agentes lidam e se constroem dentro de uma gama de estruturas que também os interpelam. A forma pela qual o autor sintetiza esses pressupostos está no conceito de *habitus*, que ilustra a incorporação das estruturas pelo agente e a exteriorização daquilo que foi elaborado em sua subjetividade em práticas. Este conceito também se mostrou extremamente valioso para mim na compreensão destes processos de assimilação.

performance. Estas, por sua vez, ressoam significativamente nas relações que eles estabelecem com o mundo.

A motivação para o trabalho, ainda que desencadeada por uma racionalidade referida a fins econômicos, legitima-se por meio de valores e ideias sustentados por performances profissionais. Esses desempenhos se orientam em torno de referências simbólicas, como a figura da malandragem. Gregori (2000) observa que determinados jovens adotam uma versão do malandro distinta daquela associada ao mundo do crime. Em vez disso, recorrem a uma representação mais próxima daquela do malandro carioca, uma figura popular e celebrada no universo do samba, o que sugere uma complexidade na forma como as identidades profissionais são construídas e negociadas, enfatizando a influência da cultura comum na definição de papéis profissionais.

O comportamento “virador”, conforme descrito por Gregori (2000), não desaparece facilmente. Esse malandro “virador”, imagem que lhe fornece um ganho imediato, é encontrada em muitos dos entregadores do *Ponto*, em especial através das práticas de Tiradentes e Neblina, adicionando-se a observação de que os trejeitos e nuances do mundo do crime se manifestam com intensidade. Trata-se da experiência e do conhecimento sobre a realidade prática e cotidiana, que os possibilitam driblar e manipular condutas socialmente estabelecidas nas relações de trabalho. Essa marotagem é, em diversos casos, alguns dos poucos recursos que esses entregadores verdadeiramente detêm. Ela fornece o suporte para a interiorização de uma ética.

Inspirado pelas reflexões de Gregori (2000), permito-me compreender que as estratégias dos entregadores são conduzidas e atravessadas por práticas que possuem como base o que denomino de *ética da viração*, a qual se desenvolve ao longo das trajetórias dos indivíduos. Ao considerar ética como o conjunto de padrões, valores e práticas (Colbari, 1995) elaboradas por esses entregadores, é possível compreender a complexidade dessa dinâmica. A *ética da viração* pode ser interpretada como uma cultura residual (Williams, 2005) presente ao longo das trajetórias dos cicloentregadores, enraizada no contexto da escassez, que engloba experiências, significados e valores que, embora compartilhem semelhanças, em muitos aspectos se afastam da lógica da cultura empreendedora.

A partir dessa referência, os entregadores assimilam de forma única o discurso hegemônico e normativo-prescritivo do empreendedorismo, incorporando-o de acordo

com suas necessidades e contextos cotidianos, assim como em relação a seus projetos futuros. A *ética da viração* é absorvida, metamorfoseada e espelhada pelos signos do ethos empreendedor descritos por Colbari (2007), configurando-se assim à representação coletiva desses entregadores.

Enquanto um processo *antropofágico*⁸² (Andrade, 1976) os entregadores canibalizam os atributos culturais empreendedores que lhes são mais reconhecíveis e inteligíveis ao seu próprio contexto que os estruturaram. A "sagacidade", a "malícia" e a "astúcia" desenvolvidas nas ruas, a "lábria de vendedor", a adaptabilidade e a habilidade de realizar múltiplas tarefas simultaneamente representam a expressão de um ser autossuficiente que se engaja de forma colaborativa e resiliente com o ambiente ao seu redor. Essa amálgama de características constitui a performance subjetiva e prática dessa *ética da viração*.

A elaboração deste referencial ético se alinha de maneira reflexiva aos valores de uma cultura empreendedora, em sintonia com as dinâmicas de trabalho flexíveis que se adaptam à velocidade das transformações e incertezas crescentes que define o ambiente laboral contemporâneo. Nessa perspectiva, características do ethos empreendedor como proatividade, versatilidade, criatividade, autonomia, boa comunicação, capacidade de lidar com adversidades e assumir riscos são reconhecidas nos atributos da *ética de viração*, que, no meu entendimento, aparecem de forma espelhada no imaginário de muitos dos entregadores com que conversei.

As formas de representação do mundo presentes na consciência dos entregadores não podem ser consideradas como algo totalmente aprisionado pela ideologia dominante ou meramente o oposto dela. Essa representação, essas formas de consciência possuem sua própria lógica, onde convivem e interagem a adesão, o conformismo, a contestação e a resistência. Os entregadores incorporam e reinterpretam o referencial valorativo que pauta o mundo do trabalho, atribuindo às práticas ideológicas significados distintos daqueles pretendidos pelos seus idealizadores. Essa reinterpretação do conteúdo ideológico transmitido traz vantagens significativas para esses cicloentregadores,

⁸² O movimento antropofágico representou uma manifestação cultural e artística significativa na primeira fase do Modernismo no Brasil. Idealizada por Oswald de Andrade, a antropofagia cultural incentivava a assimilação crítica da cultura estrangeira, propondo que as influências de outros países fossem "devoradas" e reinventadas. A metáfora do canibalismo, referente a inúmeras tribos indígenas que realizavam essa prática no Brasil, simbolizava a digestão e a transformação da cultura alheia, enfatizando a criação de uma expressão cultural única e profundamente brasileira (Machado, 2020).

sugerindo uma dinâmica em que a ideologia se torna objeto de negociação, conduzindo ao consenso e conformando hábitos e práticas (Geertz, 2008). A permanência dessa ambiguidade entre aderir ou resistir, depende de como as condições históricas situam os sujeitos sociais e de como eles representam a si mesmos e aos outros (Colbari, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de mestrado, explorei a assimilação, ressignificação e mobilização do discurso empreendedor pelos cicloentregadores na cidade de São Paulo, investigando como essas percepções influenciam as estratégias que adotam em sua luta diária pela sobrevivência. Em vez de apenas constatar a precariedade e os riscos inerentes à sua atividade, assim como o alcance da gestão algorítmica da vida e do trabalho, questões já abordadas em estudos anteriores (Abílio et al., 2021b; Abílio e Santiago 2024; Filgueiras e Antunes, 2020), meu foco foi reconhecer os cálculos e raciocínios subjacentes à condução de suas vidas - as estratégias de vida dos cicloentregadores - com o intuito de compreender sua capacidade de agência, reflexão e racionalidade. Ao considerar seus pensamentos como elementos verdadeiros e significativos para a análise, busquei desvelar os aspectos intrínsecos de suas subjetividades, destacando as contradições e complexidades muitas vezes ignoradas em análises superficiais do tecido social, que negligenciam as formas pelas quais os próprios agentes lidam com suas escolhas.

No primeiro capítulo, foi apresentada uma visão geral abrangente dos cicloentregadores que atuam no Centro de São Paulo, com foco especial em um local específico chamado de *Ponto*, que foi o núcleo da pesquisa. Procurei traçar uma linha do tempo do lugar, explorando as características essenciais dos personagens envolvidos. Também foram destacadas as maneiras como eles interagem entre si, compartilhando um pouco de suas histórias pessoais, bem como abordando a dinâmica peculiar desse território.

A partir das incursões à campo, foi possível observar uma dimensão coletiva que atravessa a dinâmica cotidiana de trabalho nessa *zona de pouso*. As brincadeiras, conversas, música, uso recreativo de maconha e futebol conferem um sentido especial às relações entre os entregadores. Esses elementos acrescentam uma perspectiva diferente ao conjunto de esforços físicos e emocionais que ocorrem antes, durante e depois da realização das entregas, criando uma atmosfera de camaradagem e conexão entre eles. O *Ponto* se transformou em um espaço onde se pode encontrar apoio, empatia, conforto e um sentimento de pertencimento. A atmosfera relaxada possibilita que indivíduos se conheçam para além de suas ocupações profissionais, facilitando uma interação mais significativa e cultivando um senso de comunidade.

Observou-se que a rua vai além de ser apenas um local físico, desempenhando um papel fundamental como um espaço social que possui características, normas e valores distintos (Bourdieu, 2008). É nesse cenário que se estabelecem os fundamentos de uma sociabilidade popular, especialmente por meio das interações de trabalho no comércio ambulante e em atividades similares. Localizamos uma *rede da rua*, que permeia o cotidiano do *Ponto*, tece uma dinâmica própria que promove um ambiente de trabalho solidário, tanto entre os próprios entregadores, quanto em relação à sociedade do entorno. O local vai além de ser apenas um aglomerado de entregadores e um espaço de espera para as entregas. É um espaço de resistência, uma opção que simboliza o empenho de "pessoas que têm dificuldades em aceitar o espírito competitivo que permeia a sociedade urbana" (Machado da Silva, 2011, p. 135).

É uma manifestação coletiva do trabalho que confronta tanto os sistemas convencionais de organização, como os sindicatos, quanto as novas formas de supervisão, administração e exploração do trabalho, que veem no trabalho de entrega por aplicativo seu modelo ideal de estruturação. O *Ponto* sintetiza maneiras de existir de uma cultura de trabalho ajustada ao desemprego, à incerteza e à insegurança (Machado da Silva, 2002), uma realidade historicamente enraizada no Brasil.

No segundo capítulo, foi analisada de forma sucinta as dinâmicas às quais os entregadores de bicicleta estão sujeitos por parte das plataformas, que estão em constante transformação. Explorou-se a centralidade do controle sobre a grande quantidade de trabalhadores sempre disponíveis e dispersos, a flexibilização do trabalho, incluindo novos métodos de controle, procedimentos de trabalho e meios de supervisão, além de examinar algumas formas de ação e resistência que os entregadores mobilizam diariamente como estratégia de sobrevivência

Ainda que as plataformas digitais promovam a noção de um trabalho "sem patrão" e ofereçam a opção de trabalhar "onde e quando quiserem", destacando uma "liberdade total" de seus "parceiros", a realidade da plataformização revela novas estruturas que envolvem relações de controle e subordinação do trabalho. A infraestrutura tecnológica do controle, agora realizada por algoritmos difusos e pouco acessíveis, juntamente com sistemas de avaliações, recompensas e bloqueios, possibilita uma gestão altamente flexível e arbitrária da força de trabalho. A perda de estabilidade e da clareza das normas que governam o dia-a-dia do trabalho, junto com a ausência de diretrizes formais e

acordadas em diversos aspectos, como jornada e precificação do trabalho, tornaram-se aspectos cruciais para o exercício desse controle dinâmico. A essa falta de clareza, deu-se o nome de *ilegibilidade*, em consonância com Sennet (2009), reconhecendo que essas regras e normas estabelecidas pelas plataformas desempenham um papel fundamental nesse processo. Os entregadores se encontram em uma estrutura obscura e em constante mudança, o que torna difícil entender as condições de trabalho e os torna mais suscetíveis aos interesses das empresas.

Durante as conversas com os entregadores, foi possível identificar que o iFood oferece duas maneiras de ingresso para aqueles que se registram na plataforma. Uma dessas opções é chamada de OLS, que são empresas intermediárias responsáveis por recrutar os entregadores, principalmente por meio de redes sociais e WhatsApp. Os entregadores são registrados nessas OLS apenas fornecendo uma cópia do RG, sem estabelecer qualquer tipo de contrato formal, e então começam a trabalhar para a plataforma de entrega. Eles são designados para uma "praça" e um "turno" específico, uma dinâmica que visa garantir que haja um número mínimo de entregadores disponíveis para cobrir áreas específicas (com grande demanda) durante os horários de pico. Essa modalidade se assemelha muito a um emprego formal, com horários e dias predefinidos pela operadora. Já na categoria *Nuvem*, o entregador se registra diretamente no sistema do aplicativo, necessitando apenas de uma confirmação do iFood para começar a fazer as entregas. Essa categoria oferece uma dimensão de trabalho mais flexível, permitindo que o entregador utilize o aplicativo em qualquer horário do dia.

Com base nos dados coletados em campo, foi observado que a maioria dos entregadores estabelece sua jornada de trabalho com base em uma meta de ganhos diários, geralmente entre 100 e 120 reais. Isso implica que eles continuam trabalhando até atingir essa meta, através da soma das entregas realizadas ao longo do dia. Consequentemente, os horários de trabalho tendem a variar ligeiramente: alguns começam cedo pela manhã para aproveitar os pedidos de café da manhã e terminam após os primeiros pedidos da noite, enquanto outros preferem começar um pouco mais tarde, trabalhando até por volta das 23h. A maioria dos entrevistados afirma trabalhar de 10 a 12 horas por dia e costuma tirar um dia de folga por semana.

Para os rapazes começarem a trabalhar nessa atividade, o elemento essencial é uma bicicleta. Essa bicicleta pode ser de propriedade própria ou alugada. Para aqueles

que estão registrados no iFood, existe a opção de aderir a um plano semanal de aluguel de bicicletas mecânicas – de cor laranja, em parceria com o Itaú, disponíveis em estações pela cidade de São Paulo – e bicicletas elétricas - de cor vermelha, em parceria com a empresa Tembici, retiradas nas estações do iFood Pedal.

Além disso, foi notado que os cicloentregadores empregam uma variedade de pequenas resistências e táticas diárias para contornar o controle algorítmico das plataformas e a estrutura das OLs. O objetivo dessas ações era maximizar seus lucros, reduzir o esforço, evitar entregas pouco lucrativas e possíveis punições dos aplicativos e das OLs. Essas estratégias têm como objetivo final otimizar as condições de trabalho e garantir uma maior rentabilidade para os entregadores.

Essas estratégias comuns foram identificadas em diversas práticas, como prender a bicicleta laranja do Itaú em postes, corrimãos e árvores, aplicar o "golpe", colocar o celular em modo avião para evitar o rastreamento geográfico, usar contas de terceiros e adotar métodos para evitar bloqueios por rejeição, nos quais o entregador rejeita (até) três pedidos consecutivos e aceita o quarto, causando uma reinicialização na contagem de pedidos rejeitados registrados na conta do usuário no aplicativo. Isso evita um bloqueio que pode durar de 30 minutos a 48 horas, dentre tantas outras práticas.

Ainda neste capítulo, discutiu-se como os cicloentregadores têm rejeitado relações de trabalho cujo cenário normativo é o assalariamento formal e acoplado a direitos. A todo momento, os entregadores discutiam entre eles sobre como direitos trabalhistas “seguravam o ser humano” e “impediam-no de crescer”. A ideia de salário mínimo era sempre atribuída como algo que “acomoda as pessoas” e que gera uma “perda de inúmeras possibilidades de se ter uma rentabilidade maior”.

O horizonte de expectativas se fez em torno da perspectiva da liberdade e autonomia em suas atividades ou ocupações. A capacidade de estabelecer horários de entradas e saídas, ou mesmo determinar sua jornada de trabalho se revelou como um ganho positivo para esses entregadores. Muitos afirmavam que resolver problemas pessoais em qualquer instante e comer em qualquer momento e lugar, eram benefícios que, em um trabalho formal qualquer, levaria a punições. O empreendedorismo passou a significar uma possibilidade real de vida e trabalho que se mostra compatível a esses valores.

A adesão ao trabalho de entrega por aplicativo ocorre porque oferece a perspectiva de construir um horizonte futuro "plausível", possibilitando formas de trabalho mais satisfatórias, oportunidades de renda mais favoráveis e maior liberdade, em comparação com o trabalho formal ou subordinado que caracterizou suas experiências profissionais, frequentemente associadas a condições precárias, difíceis e desafiadoras, decorrentes da longa história de exploração do trabalho na sociedade brasileira. A maioria dos entregadores entrevistados está plenamente consciente das dificuldades que enfrentam no cotidiano e das perspectivas futuras que vislumbram. Eles avaliam cuidadosamente suas opções e estabelecem prioridades em termos de trabalho e finanças com base em critérios pessoais, que são constantemente revisados e ajustados, resultando em experiências que podem ser tanto positivas quanto negativas. Portanto, a escolha dos jovens trabalhadores de se envolver no trabalho por aplicativo reflete muito das condições e oportunidades disponíveis para eles no mercado de trabalho atual.

Neste contexto de transformações culturais e estruturais, é essencial salientar que o trabalhador das plataformas emerge como uma *figura emergente* (Carelli, Kesselman e Cingolani, 2020), trazendo consigo os elementos de uma ruptura com os modelos convencionais do emprego tradicional e os paradigmas culturais associados ao trabalho e ao trabalhador que perduraram desde o século XX.

Por fim, foi possível refletir, sobre a autonomia sob dois prismas distintos. Primeiramente, considerando-a como um processo sociológico na interação entre o capital e o trabalho. Destaca-se aqui a dinâmica entre os entregadores e as plataformas, que implica em um "autogerenciamento subordinado" (Abílio, 2020a), no qual os trabalhadores assumem o controle de seu próprio trabalho, embora de maneira subordinada. Em segundo lugar, notabilizando a relevância de se analisar a autonomia a partir das categorias e valores percebidos pelos próprios entregadores, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das experiências e realidades vivenciadas por eles no contexto de seu trabalho.

No terceiro capítulo, foi realizada uma análise das experiências dos cicloentregadores, com especial atenção às trajetórias de Tiradentes, Neblina e Daniel, as quais foram detalhadamente exploradas nas três primeiras seções do capítulo. Essas trajetórias foram selecionadas por sua capacidade de refletir e exemplificar a essência da questão de pesquisa deste estudo de mestrado, evidenciando a profundidade e

complexidade de suas contradições inerentes. Cada trajetória serviu como um ponto de referência que indica um conjunto de conhecimentos e percepções compartilhados pela maioria dos entregadores com os quais tive contato. De maneira reflexiva, foi apresentado como esses jovens estão adotando o discurso do empreendedorismo não apenas como um ideal, mas também como uma estratégia de sobrevivência cotidiana, ressaltando as nuances e os desafios enfrentados por eles nesse contexto, compreendendo seus modos de pensar e suas práticas.

Os discursos promovidos pelo SEBRAE, pelas grandes empresas de tecnologia (big techs) e por outras organizações estatais ou privadas ultrapassaram o âmbito empresarial, penetrando de forma ampla na sociedade e consolidando o impacto da mentalidade empreendedora em várias esferas da vida social. Essas ideias se tornaram predominantes no senso comum disseminado nas ruas, na organização do mercado de trabalho formal e na dinâmica do mercado informal. O empreendedorismo, como um fenômeno cultural que reflete práticas e valores dominantes, influencia até mesmo os entregadores de aplicativos, promovendo mentalidades alinhadas com os padrões empresariais. A reinterpretação do empreendedorismo está inserida nesse contexto de fortalecimento da influência do mercado e dos critérios empresariais, nos quais a flexibilidade e a valorização da liberdade, criatividade e inovação social não apenas moldam o conteúdo e a natureza do trabalho, mas também determinam os padrões contratuais e regulatórios que guiam as relações de trabalho. Essa influência vai além de influenciar comportamentos; ela também remodela identidades, valores e estilos de vida, permitindo que os indivíduos se transformem de fato.

A maioria dos entregadores encontrados em campo não se identificam como empreendedores em seu trabalho de entregas. Apesar de se autodenominarem autônomos ou "auto-assalariados", dependendo de seu próprio esforço, reconhecem que, no contexto das entregas, estão simplesmente prestando serviços para outra entidade, que é a empresa-plataforma iFood. Para a maioria dos entrevistados, o empreendedorismo é relacionado a algo mais tangível ou a um objetivo futuro. Daniel e Neblina, por exemplo, mencionaram que ser empreendedor está ligado a ser proprietário de algo físico, como uma loja ou produtos, assumindo responsabilidades financeiras como pagar salários e criar empregos, e também exercer impacto social. Eles se veem como empreendedores apenas quando estão envolvidos em outras atividades, como o comércio de rua de Daniel ou planejando um empreendimento específico, como o negócio de Neblina na indústria canábica,

atividades que representam suas próprias interpretações sobre empreendedorismo. Até mesmo Tiradentes se considera mais um "mecânico investidor" do que um empreendedor no sentido tradicional.

Ao longo deste último capítulo, observou-se que os entregadores assimilam práticas e significados relacionados à lógica neoliberal de forma flexível e variada, influenciados pelas complexidades de suas trajetórias e pelas contradições do mercado de trabalho no Brasil. É importante destacar que esses conceitos são usados estrategicamente pelos entregadores para alcançar objetivos específicos, construir projetos de ascensão social e viabilizar diferentes formas de inserção em atividades econômicas. Isso mostra que tais conceitos não são simplesmente aceitos de forma fixa ou adotados sem questionamento. Como resultado, surgem diferentes interpretações sobre o empreendedorismo, embora certas ideias, como a crença de que empreendedores são aqueles que criam empregos, sejam predominantes entre meus entrevistados. Suas visões, reinterpretações e práticas são expressas por termos específicos, como "empreendedorismo-canábico", "auto-assalariado" e "mecânico investidor", além de conceitos centrais como "trabalhar para si mesmo" e "esforço próprio", que fazem parte e moldam o ethos empreendedor (Colbari, 2007).

Como observou-se, o comportamento "virador", conforme explicado por Gregori (2000), que frequentemente evoca a imagem de um indivíduo esperto e habilidoso, é observado em muitos entregadores do *Ponto*, especialmente nas práticas de Tiradentes e Neblina. Isso reflete a experiência e o conhecimento adquiridos sobre a realidade prática e cotidiana, permitindo-lhes contornar e manipular normas socialmente aceitas nas relações de trabalho. Essa astúcia é, em muitos casos, um dos poucos recursos verdadeiramente disponíveis para esses entregadores. Essa habilidade proporciona o suporte necessário para a internalização de uma ética particular.

Baseando-me nessas ideias de Gregori (2000), tornou-se claro que as estratégias adotadas pelos entregadores são conduzidas e atravessadas por práticas constituídas por uma *ética da viração*, a qual se desenvolve ao longo das trajetórias individuais. Ao definir ética como o conjunto de padrões, valores e práticas (Colbari, 1995) elaboradas por esses entregadores, foi possível compreender a complexidade desse processo. A *ética da viração* pode ser vista como uma *cultura residual* (Williams, 2005), arraigada na realidade da escassez, que abrange experiências, significados e valores que, apesar de

compartilharem semelhanças, muitas vezes se distanciam da lógica da cultura empreendedora.

A partir dessas referências, os entregadores interpretam de maneira única o discurso predominante e normativo do empreendedorismo, adaptando-o conforme suas próprias demandas e situações do dia-a-dia, assim como em relação a seus objetivos futuros. A *ética da viração* é absorvida, transformada e refletida por meio dos elementos do ethos empreendedor descritos por Colbari (2007), constituindo, dessa forma, a representação coletiva desses entregadores.

Os entregadores realizam esse processo de forma *antropofágica* (Andrade, 1976), ao absorver e reutilizar os traços culturais empreendedores que melhor se adequam e fazem sentido em seu contexto específico. A "sagacidade", a "malícia" e a "astúcia" adquiridas nas ruas, a capacidade de persuasão de um vendedor, a habilidade de se adaptar e de realizar várias tarefas ao mesmo tempo representam a manifestação de um indivíduo autossuficiente que colabora de forma resiliente com o ambiente ao seu redor. Essa combinação de características constitui a expressão subjetiva e prática do que seria a *ética da viração*.

A formulação desse conjunto de princípios éticos está alinhada de maneira reflexiva aos valores de uma cultura empreendedora, em consonância com as práticas de trabalho flexíveis que se ajustam à velocidade das mudanças e à crescente incerteza que caracteriza o ambiente de trabalho contemporâneo. Sob essa perspectiva, traços do ethos empreendedor, como iniciativa, adaptabilidade, inovação, autonomia, habilidade de comunicação, capacidade de lidar com desafios e disposição para correr riscos, são reconhecidas nos atributos da *ética de viração*, os quais, em minha visão, aparecem de forma espelhada no imaginário de muitos dos entregadores que conversei.

Por último, cabe aqui uma pequena ponderação. Entendo que meu objeto de pesquisa ou mesmo o tema que circunda a minha pergunta de pesquisa, não se tornou e está longe de se tornar, plenamente saturado por suas características que lhes são plenamente imanentes. Dentre os elementos que não foram amplamente abordados aqui, mas que poderão ser abordados futuramente, tem-se a questão racial, totalmente imbricadas nas formas de violência e conflitos vivenciados pelos entregadores, quando entram em relação com os clientes que recebem as mercadorias ou mesmo a violência sofrida no meio urbano.

As discussões sobre a centralidade da família ao longo das trajetórias dos cicloentregadores revelam uma forte influência familiar nas escolhas e na construção de significados para esses jovens. Suas redes solidárias que surgem dentro desses laços familiares, sejam eles fortes ou fracos (Granovetter, 1973), evidentes na trajetória de Tiradentes, como exemplificado pelo período em que trabalhou na FIAT. Examinar a presença de uma *ética do provedor* (Colbari (1995) observada dentro do universo predominantemente masculino dos cicloentregadores. Em suma pode-se constatar aquilo que Lima (1996) afirmou sobre a dinâmica familiar exercer uma centralidade significativa, influenciando o trabalho em termos de representações, questionando sobre papéis tradicionais e reconstruindo identidades sociais. Além disso, aspectos como migração e uma análise mais profunda sobre as construções de masculinidades entre os cicloentregadores também merecem ser explorados. De qualquer forma, ainda há uma ampla variedade de problemas, características, perguntas e temas que precisam ser explorados e descobertos, tanto em termos empíricos quanto teórico-abstratos, com o objetivo de dar um salto da pesquisa científica para a contribuição efetivamente para a transformação social.

Por fim, é fundamental ressaltar que o trabalho continua a ser central para a compreensão da organização da vida social. Este é crucial e estruturante na trajetória de qualquer indivíduo, especialmente no contexto capitalista contemporâneo, onde observamos uma notável dissolução da identidade e do papel do trabalho enquanto alicerce para direitos, estabilidade e dignidade. Diante dessa realidade, os indivíduos constantemente especulam suas perspectivas de vida por meio de estratégias criativas e disruptivas, enfrentando a experiência saturada de eventos crus e sensações trágicas. Nesse contexto, resta aos rapazes e a tantos trabalhadores no Brasil a capacidade de reagir, de “se virar nas entregas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDELNOUR, S. **Moi, petite entreprise: les auto-entrepreneurs, de l'utopie à la réalité.** Paris, PUF, 2017.

ABDELNOUR, S e MÉDA, D. **Les nouveaux travailleurs des applis.** Paris : Presses Universitaires de France. La vie des idées. ISBN 978-2- 13-081523-5, 2019.

ABÍLIO, L. **Uberização do trabalho: A subsunção real da viração**, Site Passapalavra/ Blog da Boitempo. 2017. Disponível em: [https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-
viracao/](https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/).

_____. **Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado.** Psicoperspectivas, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

_____. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** Revista Estudos Avançados – IEA – USP, v.34, n. 98, p.111-126, 2020a. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>.

_____. **Uberização e juventude periférica. Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho.** Novos Estudos. CEBRAP, v. 39, p. 579-597, 2020b.

_____. **Empreendedorismo, autogerenciamento subordinado ou viração? Uberização e o trabalhador just-in-time na periferia.** CONTEMPORÂNEA (ONLINE) JCR, v. 24, p. 30-45, 2022.

____et al. **Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a COVID19.** Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano, v. 3, p. 1-21, 2020.

____et al. **Struggles of Delivery Workers in Brazil: Working Conditions and Collective Organization during the Pandemic.** Journal of Labor and Society JCR, v. 24, p. 100-119, 2021a.

____et al. **Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas.** Sociologias (UFRGS), v. 23, p. 26-56, 2021b.

ABÍLIO, L. C. e SANTIAGO, S. M, **Dossiê das violações dos direitos humanos no trabalho uberizado: o caso dos motofretistas na cidade de Campinas**. Campinas, Diretoria executiva de Direitos Humanos, Unicamp, 2024.

ALIANÇA BIKE. **Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo**. São Paulo: Aliança Bike, 2019.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

ANDRADE, O. de. **O manifesto antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ANTUNES, R. **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 334.

AZAÏS, C. **As zonas cinzentas no assalariamento: propostas de leitura do emprego e do trabalho**. In: AZAÏS, C.; KESSLER, G.; TELLES, V. (org.). *Ilegalismos, cidade e política*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

_____. **“Figures émergentes” in Les zones grises des relations de travail et d’emploi. Un dictionnaire sociologique**, M.-Ch. Bureau, A. Corsani, O. Giraud, F. Rey (dir.), Buenos Aires, Ed. Teseo, <https://www.teseopress.com/dictionnaire/p>. 169, 2019.

AZAÏS CH., CARLEIAL L. La « zone grise » du travail – **Dynamiques d’emploi et négociation au Sud et au Nord**, Bruxelles, P.I.E. Peter Lang Ed. 2017.

AZAÏS C, DIEUAIDE P. KESSELMAN D. « **Zone grise d’emploi, pouvoir de l’employeur et espace public : une illustration à partir du cas Uber** », *Industrial Relations / Relations Industrielles*, Vol 72, n°2 p. 433-456, 2017. DOI <https://doi.org/10.7202/1041092ar>.

AZAÏS, C. et DIEUAIDE, P. **Platforms of Work, Labour, and Employment Relationship: The Grey Zones of a Digital Governance**. *Frontiers in Sociology*, vol. 5 (n° 2), 2020.

AZAÏS, C; PIRO, V; MURGIA, A. **Hybrid areas of labour. Challenging traditional dichotomies to represent work, workers, and working trajectories**. *Rassegna Italiana di Sociologia*. 165-182, 2023.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, p. 222-232. 1987.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus Editora, 1997.

_____. **Efeitos de lugar**. In: BOURDIEU, P. (coord.). A Miséria do Mundo. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos Estudos CEBRAP, 96, julho 2013.

BRAGA, R; SILVA, D. **The meaning of uberism: Work platforms, informality and forms of resistance in the city of São Paulo**. Política & Trabalho, nº 56, p. 118-135, 2022.

BUREAU M.-C., DIEUAIDE P. “**Institutional change and transformations in labour and employment standards, an analysis of ‘grey zones’**”, Transfer European Review of Labour and Research, Work and employment grey zones: new ways to apprehend emerging labour market norms, Volume 24, Number 3, August Quarterly of the ETUI Research Department p. 1-17, 2018.

CABANES, R.; et al. (Org.). **Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. Tradução de F. Ferrone; C. S. Rizek. São Paulo: Boitempo, 2011.

CANCLINI, N. G. Introducción: de la cultura postindustrial a las estrategias de los jóvenes. Em: Néstor García Canclini et al. (org.). Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales (pp. 3-24). Editorial Ariel. 2012.

CANT, C. **Riding for Deliveroo: Resistance in the new economy**. Polity Press: Cambridge. P. 1-198, 2020. ISBN-13: 9781509535514.

CARDOSO, A. C. M.; KAREN, A. ; OLIVEIRA, M. C. S. . **O trabalho nas plataformas digitais: narrativas contrapostas de autonomia, subordinação, liberdade e dependência**. REVISTA VALORE, v. 1, p. 206-230, 2020.

CARELLI, R. de L.; KESSELMAN, D.; CINGOLANI, P. **Les travailleurs des plateformes numériques: regards interdisciplinaires**. 1. ed. Buenos Aires: Teseo, 2022. v. 1. 192p.

CASILLI, A.; POSADA, J. **The Platformization of Labor and Society**. In: GRAHAM, M.; DUTTON, W. (Orgs.). *Society and the Internet*. Oxford: OUP p. 293-306, 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, M. de S. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CINGOLANI P. **La Précarité**, Paris, PUF. 2005.

COLBARI, A. de L. **Ética do trabalho: a vida familiar na construção da identidade profissional**. São Paulo: Fundação Ceciliano Abel de Almeida: Letras & Letras, 1995.

_____. **A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira**. SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n. 1, v. 1, abril, pp. 75-111. 2007.

CORROCHANO, M. C.; SOUZA, R.; ABRAMO, H. **Jovens ativistas das periferias: experiências e aspirações sobre o mundo do trabalho**. Trabalho Necessário, Niterói, v. 17, n. 33, p. 162-186, mai./ago. 2019.

CORROCHANO, M. C.; TOMMASI, L. de. **Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil**. ESTUDOS AVANÇADOS (ONLINE), v. 34, p. 353-372, 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE STEFANO, V. **The rise of the "just-in time workforce": on demand work, crowdwork, and labor protection in the "gig economy"**. Comparative labor law and policy journal, v. 37, n. 3, p. 461-471, 2016.

DUBAR, C. **Trajectoires sociales et formes identitaires: clarifications conceptuelles et méthodologiques**. Sociétés contemporaines, n. 29, 1998, pp. 73-85.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**, Rio de Janeiro: Forense, 1970.

_____. **Da divisão do trabalho social**, Trad. de Carlos Brandão, 2 ed.: São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

ENGLERT, S.; WOODCOCK, J.; CANT, C. **Digital Workerism: Technology, Platforms, and the Circulation of Workers' Struggles**. tripleC: Communication, Capitalism & Critique. Open Access Journal for a Global Sustainable Information Society, v. 18, n. 1, p. 132–145, 13 jan. 2020.

FARRUGIA, D. **The formation of young workers: The cultivation of the self as a subject of value to the contemporary labour force**. Current Sociology, 67(1), 47-63. 2019. <https://doi.org/10.1177/0011392118793681>

FELTRAN, Gabriel de Santis. **"Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo."** Caderno crh 27 (2014): 495-512.

FILGUEIRAS, V., & ANTUNES, R. **Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo**. Revista Contracampo, 39 (1), 27-43. 2020. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38901>

FIORAVANTI, L. M. (2023). **Espaço urbano e plataformas digitais: deslocamentos e condições de trabalho dos entregadores de bicicleta da metrópole de São Paulo**. GEOUSP, 27 (2), e-201427. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2023.201427>

FORTE, J. P. S. **Ao embalo da rede: o processo sociopolítico de regulação da economia solidária no Brasil**. 1 recurso online (337 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2019.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, Território, População**. Curso dado no Collège de France. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FRASER, M.; GONDIM, S. M. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

GAGO, V. **A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular**. São Paulo: Elefante, 2018.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

_____. **Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GOFFMAN, I. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDMAN, M. **Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões**. In: Anuário antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GRAHAM, M.; WOODCOCK, J. **Towards a Fairer Platform Economy: Introducing the Fairwork Foundation**. Alternate Routes, v. 29, p. 242-253, 2018.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties**. In: American Journal of Sociology, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938. (1973).

GREGORI, M. F. **Viração: experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GRIESBACH K, R. A; ELLIOTT-NEGRI, L; MILKMAN R. (2019). **Algorithmic Control in Platform Food Delivery Work**. Socius. January 2019.

GROHMANN, R. N.. **Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal**. Eptic On-Line (UFS), v. 22, p. 106-122, 2020.

GUIMARÃES, N. A., HIRATA, H., Sugita, K., & Saito, C. **Trabalho flexível, empregos precários? Reflexões à guisa de introdução**. Trabalho flexível, empregos precários? Uma comparação Brasil, França, Japão (pp. 9-24). Edusp. 2009.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HEILAND, H. **"Neither timeless, nor placeless: control of food delivery gig work via place-based working time regimes."** Human Relations, 2021.

HIRATA, D. **Street commerce as a problem**. Vibrant, v.11, nº1, pp. 96-117, 2014.

JAM, A. **“Livrer à vélo... en attendant mieux”**. La nouvelle revue du travail [Online], 13, 2018. URL: <http://journals.openedition.org/nrt/3803> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/nrt.3803>

KALIL, Renan. **Plataformas de trabalho crowdwork**. *Ciências do Trabalho*, 1, 1-4, 2022.

KREIN, J. D. **O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista**. *Tempo Social JCR*, v. 30, p. 77-104, 2018.

LEITE, M. P. **El trabajo en el Brasil de los años 2000: dos caras de un mismo proceso**. *Sociología del trabajo*, v. N 70, p. 25-44, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LIMA, J. C. **Trabalho, família e mobilidade social**. *Cadernos CRH*, v. 24/25, p. 123-154, 1996.

_____. **Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho?** 20 *Sociologias* (UFRGS. Impresso), v. 12, p. 158-198, 2010

LIMA, J. C.; MARTINS Jr. A. **Mobilidades diferenciadas e ilegalidades institucionalizadas: tendências e contradições do trabalho na contemporaneidade**. *Tempo social*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 31-51, abr. 2018.

LIMA, J. C. e VÉRAS DE OLIVEIRA, R. **O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário**. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 11, n. 3, 2021.

LIMA, L. **Ifood Pedal: o funcionamento e a localização das bases de empréstimos de bicicletas para os entregadores Ifood em São Paulo**. *Anais do Encontro Nacional de Geógrafos*, 2022. Acesso em 06 mar. 2023.

LÓPEZ-RUIZ, O. J. **"Ethos" empresarial: el "capital humano" como valor social**. *Estudios sociológicos*, ISSN 0185-4186, Vol. 25, N°. 2, pags. 399-425. 25, 2007.

LOVELUCK, B. **Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet**. Petrópolis:Vozes, 2018.

MACHADO, L. “**Dormir na rua e pedalar 12 horas por dia: a rotina dos entregadores de aplicativos**”. BBC News Brasil, 22/5/2019. Acesso em: 10/11/2020.

MACHADO, R. de J. **Antropofagia**. 2020. Elaborada por Antropofagias. Disponível em: <https://antropofagias.com.br/antropofagia/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Um problema na interpretação da criminalidade urbana violenta**. *Sociedade e Estado*, n. 2, 1995.

_____. **Trabalhadores do Brasi: virem-se**. Revista Insight/Inteligência, Rio de Janeiro, ano 1, n.5, nov./dez. 1998; p.58-65, jan. 1999.

_____. **Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho)**. CADERNO CRH, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002.

_____. **O Significado do Botequim**. Enfoques - revista dos alunos do PPGSA-UFRJ, v.10(1), maio. Online. pp. 115-136. 2011.

_____. **O mundo popular: trabalho e condições de vida**. Mariana Cavalcanti, Eugênia Motta e Marcella Araújo (org.). Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

MACHADO, S.; ZANONI, A. **Demandas de direitos no trabalho por plataformas digitais no brasil: o enfoque dos trabalhadores**. Caderno CRH (Online), v. 35, p. e022023-e022023, 2022.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. Tradução de Anton P. Carr e Lúgia Aparecida Cardieri Mendonça. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MANZANO, M.; KREIN, A. **Dimensões do trabalho por plataformas digitais no Brasil**. In: MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre (Orgs). O trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos. Curitiba: Clínica Direito do Trabalho - UFPR, 2022.

- MARX, K. **Carta a Pável V. Annenkov – (em Paris)**. 18 de dezembro de 1846.
- OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, R. V. de; FESTI, R. C. **Entregadores de aplicativos no Brasil: entre a subordinação e a “autonomia”**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 13, n. 1, jan. - Abril., pp. 055-080. 2023.
- PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: AMBAR, 2001.
- PAULILO, M. A. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serviço social em revista, v. 2, n. 1, p. 135-145, 1999.
- PIRES, A. S. **Juventude(s) e o trabalho na área de TI: uma discussão sobre o discurso da flexibilidade geracional**. Em: Maria A. Bridi & Jacob C. Lima (org.). *Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação* (pp. 32-45), 2018. Editora UFPR.
- _____. **As novas configurações espaciais do empreendedorismo tecnológico e as experiências de trabalho no polo de tecnologia de São Carlos-SP**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 36 (106), 2021. <https://doi.org/10.1590/3610605/2021>.
- PIRES, A. S.; PERIN, J. P. F. **Juventude e os sentidos do trabalho: experiências e perspectivas dos cicloentregadores plataformizados..** Revista Brasileira de Sociologia - RBS, v. 11, p. 124-150, 2024. <https://doi.org/10.20336/rbs.958>.
- RACIONAIS MC's. **Magico de Oz**. In Racionais MC's. *Sobrevivendo ao inferno*, 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vzDcoPUxE_s. Acesso em: 06/04/2024.
- RANGEL, F. **A empresarização dos mercados populares: trabalho e formalização excludente**. Belo Horizonte, Fino Traço, 2021.
- RANGEL, F.; MAGALDI, T. **Sobre a legitimação do trabalho precário: autonomia e justiça como categorias de engajamento**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 13, n. 1, jan. - Abril, pp. 033-054. 2023.

RIZEK, C. **Viração e trabalho: algumas reflexões sobre dados de pesquisa.** Estudos de Sociologia, v. 11, n. 21, p. 49-58, 2006.

_____. **Trabalho, moradia em cidade. Zonas de indiferenciação?** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 78, pp. 41-49, 2012.

_____. **Políticas Sociais e Políticas de Cultura: territórios e privatizações cruzadas.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 15, p. 199, 2013.

_____. **Um balanço de pesquisa: 10 anos na zona leste e um social reconfigurado.** Revista Cidades, v. 13, n. 22, 2016.

ROSENFELD, C. L. **Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 30, n. 89, p.115-128, 2015.

_____. **Labour, self-entrepreneurship in Brazil and paradoxes of social freedom.** Transfer: European Review of Labour and Research, 24(3), 337-352, 2018. <https://doi.org/10.1177/1024258918775535>.

SADIN, É. **La silicolonización del mundo: la irresistible expansión del liberalismo digital.** Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira.** Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SCOTT, James C. **Weapons of the weak: Everyday forms of peasant resistance.** Yale university Press, 1985.

SENNET, R. **A corrosão do caráter. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **A Cultura do Novo Capitalismo.** 3 eds. Rio de Janeiro. Editora Record. 2011.

SIINO C., SOUSSI S. « **Les zones grises du travail** », Interventions Economiques n° 58, 2017. <https://doi.org/10.4000/interventionseconomiques.3204>.

SUPIOT, A. **Les nouveaux visages de la subordination.** Droit Social, n. 2, p. 132-145, fev. 2000.

TELLES, V. S. **Mutações do trabalho e experiência urbana.** Tempo Social, São Paulo, v.18, n.1, p. 173-195, jul. 2006.

_____. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** 1. ed. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 272p. 2011.

_____. **Jogos de poder nas dobras do legal e ilegal: anotações de um percurso de pesquisa.** In: AZAÏS, C.; KESSLER, G.; TELLES, V. (org.). *Ilegalismos, cidade e política.* Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

TELLES, V. S., & HIRATA, D. V. **Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito.** *Estudos Avançados*, 21(61), 173-191, 2007.

VAN DOORN, N. **Platform Labor: on the gendered and racialized exploitation of low-income service work in the ‘on-demand’ economy.** *Information, Communication & Society*, v. 20, n. 6, p. 898-914, 2017.

WEBER, M. A. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.* 2ª ed. rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 390pp. 2005.

WILLIAMS, R. **Base e superestrutura na teoria cultural marxista.** *Revista USP*, São Paulo, n. 66, p. 209–224, 2005. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i66p209-224](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i66p209-224). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13448>.

ZANON, B. **Não era amor, era cilada: startups, coworkings e a mobilização do desejo pelo mundo do trabalho.** 2019. 185 f. Tese (Doutora em Sociologia) –Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.